

Barbara Freitag ist emeritierte Professorin an der Universität von Brasília, an der sie seit 1972 lehrte. Es folgten 40 Jahre Lehr- und Forschungstätigkeit in den Sozialwissenschaften (auf Bachelor-, Master- und Promotionsebene) in Brasilien und Deutschland, wo sie sich auf die Ausbildung von Lehrern und Forschern in Brasilien konzentrierte und dabei den von Darcy Ribeiro aufgestellten Grundsätzen folgte. Ein Teil ihrer umfangreichen Produktion bezieht sich auf das Thema Stadt und Literatur und städtische Wanderungen. Sie studierte bei Adorno und Horkheimer in Frankfurt und gilt als eine der wichtigsten Expertinnen des Denkens von Jürgen Habermas. Zu ihren Büchern gehören *Jürgen Habermas 60 anos* (1989); *Jürgen Habermas 70 anos* (1999); *Itinerários de Antígona: a Questão da Moralidade* (1997), *Teorias das Cidades* (2006); *Itinerâncias urbanas* (2009); *Peregrinação e Aprendizado: Minhas Cidades Formadoras* (2019); u.a.



Viajantes de língua alemã no Brasil do século XIX

Barbara Freitag

Deutschsprachige Reisende im Brasilien des 19. Jahrhunderts

Barbara Freitag



Instituto Guimarães Rosa
Fundação Alexandre de Gusmão

Barbara Freitag é professora emérita da Universidade de Brasília, onde começou a lecionar em 1972. Seguiram--se 40 anos de ensino e pesquisa nas áreas das Ciências Sociais (em níveis de graduação, mestrado e doutorado) no Brasil e na Alemanha, em que se concentrou na formação de professores e pesquisadores no Brasil, seguindo os princípios institucionalizados pelas diretivas de Darcy Ribeiro. Parte de sua vasta produção refere-se ao tema da Cidade e Literatura e das Itinerâncias Urbanas. Estudou com Adorno e Horkheimer em Frankfurt, sendo considerada uma das principais intérpretes do pensamento do filósofo Jürgen Habermas. Entre seus livros destacam-se *Jürgen Habermas 60 anos* (1989); *Jürgen Habermas 70 anos* (1999); *Itinerários de Antígona: a Questão da Moralidade* (1997), *Teorias das Cidades* (2006); *Itinerâncias urbanas* (2009); *Peregrinação e Aprendizado: Minhas Cidades Formadoras* (2019); entre outros.

Viajantes de língua alemã no Brasil do século XIX

Barbara Freitag

Deutschsprachige Reisende im Brasilien des 19. Jahrhunderts

Barbara Freitag



Instituto Guimarães Rosa
Fundação Alexandre de Gusmão

coleção  CULTURA E
DIPLOMACIA

**Viajantes de língua alemã
no Brasil do século XIX**

Barbara Freitag

**Deutschsprachige Reisende
im Brasilien des 19. Jahrhunderts**

Barbara Freitag

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Ministro de Estado	Embaixador Mauro Luiz Iecker Vieira
Secretária-Geral	Embaixadora Maria Laura da Rocha
Cônsul-Geral do Brasil em Munique	Embaixador João Almino
Diretor do Instituto Guimarães Rosa	Ministro Marco Antonio Nakata

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Presidente	Embaixadora Márcia Loureiro
Diretor do Centro de História e Documentação Diplomática	Embaixador Gelson Fonseca Junior
Diretor do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais	Ministro Almir Lima Nascimento

Conselho Editorial

Ana Flávia Barros-Platiau	Maitê de Souza Schmitz
Daniella Poppius Vargas	Maria Regina Soares de Lima
João Alfredo dos Anjos Junior	Maurício Santoro Rocha
Luís Cláudio Villafañe Gomes Santos	Rogério de Souza Farias

A Fundação Alexandre de Gusmão – FUNAG, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

A FUNAG, com sede em Brasília, conta em sua estrutura com o Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais – IPRI e com o Centro de História e Documentação Diplomática – CHDD, este último no Rio de Janeiro.

Fundação Alexandre de Gusmão
Instituto Guimarães Rosa

**Viajantes de língua alemã
no Brasil do século XIX**
Barbara Freitag



Brasília - 2023

MINISTERIUM FÜR AUSWÄRTIGE ANGELEGENHEITEN

Staatsminister: Botschafter Mauro Luiz Iecker Vieira

Generalsekretärin: Botschafterin Maria Laura da Rocha

Generalkonsul von Brasilien in München: Botschafter João Almino

Direktor des „Instituto Guimarães Rosa“: Minister Marco Antonio Nakata

ALEXANDRE DE GUSMÃO-STIFTUNG

Präsidentin der „Fundação Alexandre de Gusmão“ (Alexandre de Gusmão-Stiftung): Botschafterin Marcia Loureiro

Direktor des „Centro de História e Documentação Diplomática“ (Zentrum für Geschichte und diplomatische Dokumentation):
Botschafter Gelson Fonseca Junior

Direktor des „Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais“ (Forschungsinstitut für internationale Beziehungen):
Minister Almir Lima Nascimento

Redaktionsausschuss

Ana Flávia Barros-Platiau

Daniella Poppius Vargas

João Alfredo dos Anjos Junior

Luís Cláudio Villafañe Gomes Santos

Maitê de Souza Schmitz

Maria Regina Soares de Lima

Maurício Santoro Rocha

Rogério de Souza Farias

Die 1971 gegründete Stiftung Alexandre de Gusmão - FUNAG - ist eine öffentliche Stiftung, die eng mit dem Ministerium für Auswärtige Angelegenheiten verknüpft ist, mit der Zielsetzung, die Gesellschaft mit Informationen über die internationale Realität und über Aspekte der brasilianischen diplomatischen Agenda zu versorgen.

Die FUNAG, die ihren Sitz in Brasilia hat, umfasst das Forschungsinstitut für internationale Beziehungen (IPRI) und das Zentrum für Geschichte und diplomatische Dokumentation (CHDD), letzteres in Rio de Janeiro.

Alexandre de Gusmão-Stiftung
Guimarães Rosa-Institut

**Deutschsprachige Reisende
im Brasilien des 19. Jahrhunderts**
Barbara Freitag



Brasilien - 2023

Direitos de publicação reservados à / Veröffentlichungsrechte vorbehalten für die
Fundação Alexandre de Gusmão / Alexandre de Gusmão-Stiftung
Ministério das Relações Exteriores / Ministerium für Auswärtige Angelegenheiten
Esplanada dos Ministérios, Bloco H, Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília-DF
Telefones: (61) 2030-9117/9128
Site: www.gov.br/funag
E-mail: funag@funag.gov.br

Coordenação-Geral / Gesamtkoordination:

Henrique da Silveira Sardinha Pinto Filho

Equipe Técnica / Technisches Team:

Acauã Lucas Leotta
Alessandra Marin da Silva
Ana Clara Ribeiro
Fernanda Antunes Siqueira
Gabriela Del Rio de Rezende
Luiz Antônio Gusmão
Nycole Cardia Pereira

Programação Visual e Diagramação / Visuelle Gestaltung und Layout:

Denivon Cordeiro de Carvalho

Versão para o alemão dos textos / Deutsche Textfassung:

Prof. Rosa Rodrigues e Marcos Zattar

Organização / Organisation:

Paulo Roberto da Costa Pacheco

Cônsul-Geral Adjunto do Brasil em Munique / Beigeordneter Generalkonsul von Brasilien in München

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Freitag, Barbara

Viajantes de língua alemã no Brasil do século XIX = Deutschsprachige Reisende im Brasilien
des 19. Jahrhunderts / Barbara Freitag. -- Brasília : FUNAG ; Instituto Guimarães Rosa,
2023. --(Coleção cultura e diplomacia)

162 p.

ISBN: 978-85-7631-974-0

1. Viajantes alemães. 2. Brasil - História - Século XIX. I. Instituto Guimarães Rosa. II. Título.
III. Série.

CDD-981.05

Elaborado por Sueli Costa - Bibliotecária - CRB-8/5213
Depósito legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei nº 10.994, de 14/12/2004.
(SC Assessoria Editorial, SP, Brasil)

Agradecimentos pela cessão de direitos autorais de fotografias a:
Besonderen Dank für die urheberrechtliche Zuordnung der Fotos an:

Academia Bávara de Ciências de Munique
Bayerische Akademie der Wissenschaften München

Museu de Ciências Naturais de Viena
Naturhistorisches Museum Wien

Seção de livros raros da biblioteca de ciências biológicas da
Universidade Federal do Paraná e o arquiteto Orlando Busarello pela
cessão de fotos de imagens das obras de Martius
Abteilung für seltene Bücher der Staatlichen Universität von Paraná und
dem Architekten Orlando Busarello für die zur Verfügungsstellung der
Fotos der Abbildungen der Werke von Martius

Fundação do Museu da Cidade de Berlim
Stiftung Stadtmuseum Berlin

Acervo Botânico Estadual de Munique
Botanische Staatsammlung München (SNSB-BSM)

Jardim Botânico da Universidade Albert-Ludwig de Freiburg
Botanischer Garten der Albert-Ludwigs-Universität Freiburg

Museu de Gravuras e Desenhos da Academia de Belas Artes de Viena
Kupferstichkabinett der Akademie der bildenden Künste Wien

Senhora Carmen Haack pela imagem do livro “Peter Schlemihls
wundersame Geschichte” feita por seu esposo, Dr. Hans-Peter Haack,
já falecido.

Frau Carmen Haack für das Buchbildnis „Peter Schlemihls
wundersame Geschichte“, von ihrem bereits verstorbenen Ehegatten,
Dr. Hans-Peter Haack.

Índice

Index

Prefácio

Vorwort

João Almino

Natterer e Langsdorff: Caminhos cruzados na Amazônia

Natterer und Langsdorff: gekreuzte Wege in Amazonien

Chamisso e Langsdorff: Outros caminhos cruzados

Chamisso und Langsdorff: weitere gekreuzte Wege

Os viajantes alemães Spix e Martius e sua visita ao interior do Brasil há 200 anos

Die deutschen Reisenden Forscher Spix und Martius und ihr Besuch im Inneren Brasiliens vor 200 Jahren

Viagem de Goethe ao Brasil – Uma jornada imaginária

Goethes Reise nach Brasilien – Eine imaginäre Reise

Prefácio

Há uma razão especial para o convite feito à professora Barbara Freitag pelo Consulado-Geral do Brasil em Munique para integrar a Coleção Cultura e Diplomacia da Fundação Alexandre de Gusmão.

Nascida na Baviera e tendo passado a maior parte de sua vida no Brasil, Barbara Freitag tem obra reconhecida nas áreas – e em suas interrelações – de educação, questões urbanas, sociologia, psicologia, história, filosofia, incluindo a Teoria Crítica e o pensamento de Jürgen Habermas.

Um de seus interesses foi o tema dos viajantes europeus, em sua maioria alemães, ao Brasil no século XIX, o que incluiu Langsdorff, Spix, von Martius, von Eschwege e Humboldt, entre outros. Barbara Freitag foi a fundo no assunto. Pesquisadora incansável, seus ensaios sobre o tema são resultado de exame extenso de fontes secundárias e primárias, inclusive documentos inéditos, em arquivos e bibliotecas, de confrontos de diários, cartas e relatórios, bem como de conversas com especialistas.

A biografia da socióloga Barbara Freitag explica seu interesse por esse campo de estudos. Desde a infância, ela teve fascínio pelas viagens. Estas, através de leituras, a transportavam da Alemanha ao Brasil e do Brasil à Alemanha. Seu interesse pela pesquisa sobre cidades, que resultou, entre outros de sua vasta obra, em ensaios sobre metrópoles e literatura, bem como no livro *Capitais migrantes e poderes peregrinos*, explica também a atenção que dedica às descrições de aldeias e cidades que as expedições atravessaram.

Vorwort

Es gibt einen besonderen Anlaß für die Einladung von Professorin Barbara Freitag seitens des Brasilianischen Generalkonsulats, um die Kultur- und Diplomatiekollektion der Stiftung Alexandre de Gusmão zu integrieren.

Barbara Freitag wurde in Bayern geboren und verbrachte die meiste Zeit ihres Lebens in Brasilien. Sie ist eine anerkannte Expertin auf dem Gebiet der Pädagogik, der Stadtentwicklung, der Soziologie, der Psychologie, der Geschichte, der Philosophie, einschließlich der Kritischen Theorie und des Denkens von Jürgen Habermas.

Ihr Interesse galt unter anderem den meist deutschen Brasilienreisenden des 19. Jahrhunderts, zu denen u.a. Langsdorff, Spix, von Martius, von Eschwege und Humboldt gehörten. Mit diesem Thema hat sich Barbara Freitag intensiv befasst. Die Aufsätze der unermüdlichen Forscherin sind das Ergebnis umfangreicher Recherchen in Sekundär- und Primärquellen, darunter unveröffentlichte Dokumente in Archiven und Bibliotheken, Auswertungen von Tagebüchern, Briefe und Berichte sowie Gespräche mit Experten.

Ein Blick in die Biografie der Soziologin Barbara Freitag erklärt ihr Interesse an diesem Forschungsgebiet. Schon als Kind faszinierte sie das Reisen. Ihre Vorlesungen führten sie von Deutschland nach Brasilien und wieder zurück. Ihr Interesse an der Erforschung von Städten, das sich in ihrem umfangreichen Werk, in den Essays über Metropolen und Literatur sowie in ihrem Buch *Capitais migrantes e poderes peregrinos* niedergeschlagen hat, erklärt auch die Aufmerksamkeit, die sie der Beschreibung der im Zuge der Expeditionen bereisten Dörfer und Städte widmet.

Um dos ensaios da presente publicação está dedicado à expedição de Carl von Martius, financiada pelo rei da Baviera. Ele mesmo vinha da Baviera e realizou sua expedição de 4 anos com Johann Baptist von Spix. Apesar de não fugir aos preconceitos da época em especial sobre os aborígenes, compôs uma obra sobre a botânica brasileira, válida até hoje, *Flora Brasiliensis*. Parte do material que se salvou, entre troféus e máscaras, se encontra no Museu Etnográfico de Munique.

Entre os outros temas da presente publicação está o da expedição delirante que o barão, zoólogo, botânico, naturalista curioso e médico alemão Georg Heinrich von Langsdorff realizou pelo interior do Brasil de 1824 a 1829. Este tema está aqui condensado num ensaio, mas a ele Barbara Freitag dedicou todo um livro, *Viajando com Langsdorff*, publicado em 2013 pelas Edições do Senado Federal, no Brasil. Por isso sobre ele, e com base na leitura daquele livro, me estenderei um pouco mais.

Na aparência, a expedição tinha tudo para dar certo. Em 1813 Langsdorff foi nomeado cônsul-geral plenipotenciário da Rússia no Brasil. Dominava onze idiomas (entre os quais alemão, inglês, francês, latim, português e russo). Era um apaixonado pelo Brasil. Sua expedição, realizada sob bandeira russa, foi financiada pela Academia de Ciências de São Petersburgo, com o apoio do czar Alexandre I. Segundo prefácio da historiadora Mary del Priore ao livro de Barbara Freitag, contou também com o apoio de quem veio a ser o primeiro imperador do Brasil, D. Pedro I, e seu ministro dos Negócios Estrangeiros José Bonifácio de Andrade e Silva, “que forneceram, em nome do império, créditos vultosos e vantagens alfandegárias”. Compreendeu três etapas, sendo que a terceira, de 1826 a 1829, considerada a expedição propriamente dita, ou seja, a “Grande Expedição Langsdorff”, seguia rios da Bacia Amazônica rumo a Santarém. Sem dúvida era uma expedição ambiciosa, pois mesmo hoje não é fácil realizar esse trajeto, e houve boa preparação, se considerarmos não apenas o planejamento, as duas etapas prévias, o fato de ter sido das mais bem equipadas da época e a boa seleção dos integrantes da missão.

Einer der Aufsätze in dieser Publikation ist der Expedition von Carl von Martius gewidmet, die der König von Bayern finanzierte. Martius selbst stammte aus Bayern, seine vierjährige Expedition unternahm er mit Johann Baptist von Spix. Auch wenn er sich den Vorurteilen der damaligen Zeit, insbesondere gegenüber den Ureinwohnern, nicht entziehen konnte, verfasste er ein Werk über die brasilianische Botanik, das noch heute Gültigkeit hat: *Flora Brasiliensis*. Ein Teil des sichergestellten Materials, darunter Trophäen und Masken, befindet sich im Ethnographischen Museum in München.

Ein weiteres Thema dieser Publikation ist die irrsinnige Expedition, die der deutsche Baron, Zoologe, Botaniker, Naturforscher und Arzt Georg Heinrich von Langsdorff von 1824 bis 1829 durch das Landesinnere von Brasilien unternahm. Dieses Thema ist hier in einem Essay zusammengefasst, aber Barbara Freitag hat ihm ein ganzes Buch gewidmet, *Viajando com Langsdorff*, das 2013 im Verlag des Bundessenats in Brasilien erschienen ist. Ich werde daher, auf Grundlage dieses Buches, etwas ausführlicher darauf eingehen.

Oberflächlich betrachtet, schien die Expedition gut zu verlaufen. 1813 wurde Langsdorff zum bevollmächtigten Generalkonsul Russlands in Brasilien ernannt. Er sprach elf Sprachen (darunter Deutsch, Englisch, Französisch, Latein, Portugiesisch und Russisch). Brasilien war seine große Leidenschaft. Seine Expedition, durchgeführt unter russischer Flagge, wurde von der Akademie der Wissenschaften von Sankt Petersburg mit Unterstützung von Zar Alexander I. finanziert. Laut dem Vorwort der Historikerin Mary del Priore zu Barbara Freitags Buch wurde sie auch vom späteren ersten Kaiser von Brasilien, Pedro I., und seinem Außenminister José Bonifácio de Andrade e Silva unterstützt, „die im Namen des Reiches erhebliche Kredite und Zollvorteile gewährten“. Sie umfasste drei Etappen, von denen die dritte, von 1826 bis 1829, als die eigentliche Expedition oder „Große Langsdorff-Expedition“ bezeichnet wurde, die den Flüssen des Amazonasbeckens in Richtung Santarém folgte. Zweifellos war es eine ehrgeizige Expedition, denn auch heute noch ist es nicht einfach, diese Strecke zu bewältigen, und sie war gut vorbereitet, nicht allein hinsichtlich der Planung, der beiden vorangegangenen Etappen, der Tatsache, dass sie zu den am besten ausgerüsteten der damaligen Zeit gehörte, und der guten Auswahl der Expeditionsteilnehmer.

Contava com os botânicos Hasse e Ludwig Riedel. Este depois permaneceu no Brasil, onde ocupou cargos de direção no Jardim Botânico e nos jardins da Casa Imperial, em São Cristóvão. Era integrada ainda por zoólogos, pelo cartógrafo russo Nester Rubtsov, dos mais próximos de Langsdorff, e pelos talentosos artistas Johann Moritz Rugendas, alemão, e Hercule Florence e Aimé-Adrien Taunay, franceses. A essa equipe se juntavam remadores, caçadores, ajudantes e escravos. No total a expedição compreendia oito embarcações e cerca de 40 pessoas. Em 1830 Langsdorff regressou à Alemanha, onde morreu em 1852.

Barbara Freitag não limita seu relato a Langsdorff, nem sua pesquisa aos três volumes do diário de campo que ele deixou e somente foram tornados públicos em 1998. Dedicava igualmente atenção aos demais principais membros da expedição. Recorre aos diários de Johann Moritz Rugendas e Aimé-Adrien Taunay. Este, ao substituir Rugendas, fez os registros mais significativos da segunda etapa da viagem, de São Paulo a Vila Bela, Mato Grosso, quando com 22 anos morreu afogado ao tentar atravessar a cavalo o rio Guaporé no meio de uma tempestade.

A estudiosa dedica também espaço considerável a Hercule Florence, cujos registros dão atenção aos povos indígenas e cobrem a terceira e última etapa da expedição. Um detalhe biográfico curioso de Florence é que permaneceria no Brasil, onde teve 20 filhos, 13 com uma brasileira, Maria Angélica de Vasconcelos. Quatro anos depois da morte de sua mulher em 1850, casou-se com uma imigrante alemã de Kassel, Carolina Krug, com quem teve mais 7 filhos. Ele viria a ser considerado um dos pioneiros da fotografia, havendo feito suas primeiras impressões fotográficas de que se tem registro em 1833, hoje arquivadas no Instituto Moreira Sales, no Brasil. É dele uma das duas fontes principais dos escritos do Visconde de Taunay alusivos à expedição Langsdorff. A outra são as cartas de Aimé-Adrien Taunay.

Dazu zählten die Botaniker Hasse und Ludwig Riedel. Riedel blieb anschließend in Brasilien, wo er leitende Positionen im Botanischen Garten und in den Gärten des Kaiserhauses in São Cristóvão innehatte. Zu den Teilnehmern gehörten auch Zoologen, der russische Kartograph Nester Rubtsov, einer der engsten Mitarbeiter Langsdorffs, und die begabten Künstler Johann Moritz Rugendas aus Deutschland sowie Hercule Florence und Aimé-Adrien Taunay aus Frankreich. Dazu gesellten sich Ruderer, Jäger, Helfer und Sklaven. Insgesamt bestand die Expedition aus acht Schiffen und etwa 40 Personen. Im Jahr 1830 kehrte Langsdorff nach Deutschland zurück, wo er 1852 starb.

Barbara Freitag beschränkt sich in ihrer Darstellung nicht auf Langsdorff und auch nicht auf die drei Bände des von ihm hinterlassenen Feldtagebuchs, die erst 1998 veröffentlicht wurden. Sie befasst sich auch mit weiteren wichtigen Mitgliedern der Expedition. Dabei stützt sie sich auf die Tagebücher von Johann Moritz Rugendas und Aimé-Adrien Taunay. Taunay, der Rugendas ablöste, machte die wichtigsten Aufzeichnungen auf der zweiten Etappe der Reise von São Paulo nach Vila Bela, Mato Grosso. Er ertrank im Alter von 22 Jahren bei dem Versuch, während eines Sturms den Rio Guaporé auf einem Pferd zu überqueren.

Der Gelehrte widmet auch Hercule Florence viel Raum, dessen Aufzeichnungen sich mit den indigenen Völkern befassen und die dritte und letzte Etappe der Expedition dokumentieren. Ein interessantes biografisches Detail über Florence ist, dass er in Brasilien blieb, wo er 20 Kinder zeugte, 13 davon mit einer Brasilianerin, Maria Angélica de Vasconcelos. Vier Jahre nach dem Tod seiner Frau im Jahr 1850 heiratete er eine deutsche Einwanderin aus Kassel, Carolina Krug, mit der er sieben weitere Kinder hatte. Er gilt als einer der Pioniere der Fotografie. 1833 fertigte er seine ersten fotografischen Abzüge an, die heute im Moreira Sales Institute in Brasilien archiviert sind. Für die Aufzeichnungen von Viscount Taunay über die Langsdorff-Expedition ist er eine der beiden Hauptquellen. Die andere sind die Briefe von Aimé-Adrien Taunay.

A autora escreve todo um capítulo sobre este famoso sobrinho de Aimé-Adrien. Alfredo d’Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay, romancista, historiador e fundador da cadeira número 13 da Academia Brasileira de Letras, é o autor do romance *Inocência*. Ali não destila rancor em relação ao personagem inspirado em Langsdorff, o Dr. Meyer, caçador de borboletas. Contudo, no prefácio a uma das versões do diário de Hercule Florence, que ele traduziu do francês, apresenta o barão como um desregrado, mulherengo e beberrão. Na sua cata de diamantes teria convivido com prostitutas, falsários e ladrões. Para o Visconde, os conflitos com Langsdorff teriam levado seu tio Aimé a tomar o caminho alternativo onde encontraria a morte.

Barbara Freitag traça paralelos com as expedições de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792), *Viagem filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*, e de Alexander von Humboldt (1799-1804), “Viagem às regiões equinociais do novo continente”. Um dos objetivos de Langsdorff, afirma a autora, era empreender “uma viagem comparável às maiores viagens do grande Alexandre”.

Essas expedições dos Alexandres tiveram êxito. Seus chefes voltaram a seus países, respectivamente Portugal e Prússia. Asseguraram a preservação de parte do material coletado. Publicaram suas memórias de viagem. Suas obras nortearam novas pesquisas e levaram a resultados científicos.

Em contraste com essas expedições, a de Langsdorff terminou em tragédia, como sabemos. O próprio barão lamenta em seu diário: “Foi a viagem mais infeliz que já fiz em minha vida”. Para Barbara Freitag, foi um “desastre somente comparável em magnitude ao naufrágio do Titanic”.

Dem berühmten Neffen von Aimé-Adrien widmet die Autorin ein ganzes Kapitel. Alfredo d'Escragolle Taunay, Visconde von Taunay ist Schriftsteller, Historiker und Mitgründer der Academia Brasileira de Letras und Inhaber des Lehrstuhls Nr. 13. Er ist Autor des Romans *Inocência*. Im Roman hegt er keinen Groll gegen den von Langsdorff inspirierten Dr. Meyer, einen Schmetterlingsjäger. Im Vorwort zu einer der Fassungen des Tagebuchs von Hercule Florence, das er aus dem Französischen übersetzt hat, stellt er den Baron jedoch als einen widerspenstigen, unzüchtigen und trunksüchtigen Mann dar. Auf seiner Suche nach Diamanten hätte er mit Prostituierten, Fälschern und Dieben zusammengelebt. Aus Sicht des Visconde hätten die Konflikte mit Langsdorff dazu geführt, dass sein Onkel Aimé einen anderen Weg einschlug, wo er schließlich den Tod fand.

Barbara Freitag zieht Parallelen zu den Expeditionen von Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792), *Viagem filosófica pelas capitánias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*, und Alexander von Humboldt (1799-1804), *Reise durch die äquatorialen Gebiete des neuen Kontinents*. Die Autorin schreibt, dass eines der Ziele Langsdorffs darin bestand, „eine Reise zu unternehmen, die mit den größten Reisen des großen Alexander vergleichbar sei“.

Die Expeditionen der Namensvetter waren erfolgreich. Beide kehrten in ihr jeweiliges Land, nach Portugal bzw. Preußen zurück. Sie sorgten dafür, dass ein Teil des gesammelten Materials erhalten blieb und veröffentlichten ihre Reiseerinnerungen. Ihre Arbeiten haben neue Forschungen angeregt und zu wissenschaftlichen Erkenntnissen geführt.

Im Gegensatz zu diesen Expeditionen endete die von Langsdorff bekanntlich in einer Tragödie. Der Baron selbst klagt in seinem Tagebuch: „Es war die unglücklichste Reise, die ich je in meinem Leben gemacht habe.“ Für Barbara Freitag war es eine „Katastrophe, die nur mit dem Untergang der Titanic vergleichbar ist“.

Os incidentes trágicos não são poucos. Incluem o assassinato de um escravo de Langsdorff, Alexandre, o ataque fatal de uma onça a um dos membros da expedição, o suicídio do botânico Hasse, o afogamento do pintor Aimé-Adrien Taunay e a perda de memória do próprio chefe da expedição em decorrência de “febres intermitentes”, que se supõe hoje terem sido um tipo de malária. Mais de um terço da tripulação foi dizimada, vítima de doenças, entre as quais a malária, o cólera e a “mácula” ou “corrupção”. Os sobreviventes foram todos acometidos de doenças.

Pode-se perguntar se o Visconde de Taunay não tinha alguma razão e se parte dos problemas enfrentados pela expedição foram devidos à própria personalidade rígida, vaidosa e exaltada de seu chefe. Talvez não fosse pessoa fácil. Sua primeira mulher, Louise Schubert von Langsdorff, preferiu separar-se dele. Voltou com as duas filhas para São Petersburgo. Barbara Freitag especula sobre se isso se deveu “ao calor e aos mosquitos no Rio ou ao excessivo autoritarismo e nervosismo do marido”, embora devamos reconhecer que sua segunda mulher, Wilhelmine von Langsdorff, o acompanhou e o apoiou em parte da expedição.

Sobre a personalidade irrequieta e irritadiça de Langsdorff existe o testemunho do viajante e botânico francês Auguste de Saint-Hilaire, que o encontrou por volta de 1816. Descreveu-o como uma pessoa que “ia, vinha, se agitava, chamava um, reprimia outro, corria..., parecendo acusar de lentidão o resto dos membros...”.

O barão, sabemos, entrou em conflito com os dois desenhistas da expedição. As primeiras desavenças e desistências ocorreram ainda na primeira etapa, quando Langsdorff, em Minas Gerais, em 1824 desligou Moritz Rugendas por “insubordinação e desentendimento entre os dois”. Depois, em 1828, vem o conflito com o jovem Aimé-Adrien Taunay, que havia sido contratado para substituir Rugendas.

Es gab viele tragische Vorfälle. Dazu gehören die Ermordung von Langsdorffs Sklave Alexandre, der tödliche Angriff eines Jaguars auf eines der Expeditionsmitglieder, der Selbstmord des Botanikers Hasse, das Ertrinken des Malers Aimé-Adrien Taunay und der Gedächtnisverlust des Expeditionsleiters selbst infolge von „Fieberschüben“, von dem man heute annimmt, dass es sich um eine Art Malaria handelte. Mehr als ein Drittel der Besatzung wurde Opfer von Krankheiten wie Malaria, Cholera oder „Korruption“. Die Überlebenden litten alle an einer Krankheit.

Man kann sich fragen, ob der Visconde von Taunay nicht Recht hatte und ob ein Teil der Schwierigkeiten, mit denen die Expedition zu kämpfen hatte, auf die äußerst strenge, eitle und überhebliche Persönlichkeit ihres Leiters zurückzuführen war. Vielleicht war er kein einfacher Mensch. Seine erste Frau, Louise Schubert von Langsdorff, trennte sich von ihm. Sie kehrte mit seinen beiden Töchtern nach Sankt Petersburg zurück. Barbara Freitag spekuliert darüber, ob dies auf die Hitze und die Moskitos in Rio oder auf den übermäßigen autoritären und nervösen Charakter ihres Mannes zurückzuführen sei, obwohl wir einräumen müssen, dass seine zweite Frau, Wilhelmine von Langsdorff, ihn auf einem Teil der Expedition begleitet und unterstützt hat.

Der französische Botaniker und Reisende Auguste de Saint-Hilaire, der Langsdorff um 1816 kennenlernte, bezeugt dessen ruhelose und gereizte Persönlichkeit. Er beschrieb ihn als ruhelosen Menschen mit schwankenden Stimmungen, der sich immer wieder aufregte oder einige Mitglieder der Trägheit beschuldigte.

Der Baron geriet, wie wir wissen, mit den beiden Zeichnern der Expedition aneinander. Die ersten Unstimmigkeiten und Rücktritte traten in der ersten Phase auf, als Langsdorff 1824 in Minas Gerais Moritz Rugendas aufgrund von Ungehorsam und Differenzen zwischen den beiden entließ. Im Jahr 1828 kam es dann zum Konflikt mit dem jungen Aimé-Adrien Taunay, der die Nachfolge Rugendas angetreten hatte.

Fica também a dúvida sobre se teria desviado os objetivos da expedição para a compra e venda de diamantes em nome do czar e dele próprio. Tais diamantes estão registrados nas suas anotações, como mostra Barbara, mas nunca foram localizados. Num momento crucial, no final de março de 1828, ele retardou sua partida para Santarém, destino da expedição, porque aguardava a chegada de um comerciante de diamantes. Essa espera lhe foi nefasta, pois iniciara-se o período de chuvas. Quando partiu, já sofria delírios, sentia febres altíssimas, a maioria de seus remadores e caçadores estava doente e seus amigos Rubtsov e Florence (que passou a comandar a expedição), estavam acometidos de dores e febres intermitentes.

A expedição não alcançou seus objetivos pretendidos. Não coletou o material desejado. O que coletou não foi analisado na época necessária. Não fez novas descobertas nos reinos mineral, vegetal e animal. Não detectou potenciais para o comércio e o assentamento de europeus no interior do Brasil. Não encontrou o rio Cassiquiare, que liga as bacias hidrográficas do Orinoco e do Amazonas. Os materiais de pesquisa ficaram esquecidos por mais de cem anos, até que fossem localizados num dos porões da Academia de Ciências de São Petersburgo. No Brasil, há acervos microfilmados, na Fiocruz, instituição que se encarregou da transcrição, tradução e publicação dos três volumes dos *Diários* de Langsdorff.

Em razão de seus malogros, é reduzido o interesse da expedição Langsdorff para a zoologia, a botânica e outros ramos científicos no século XXI. No entanto, não perderam relevância o valor estético do trabalho de seus artistas nem a contribuição antropológica desses trabalhos e das descrições contidas nos relatórios e diários.

Es stellt sich auch die Frage, ob er die Ziele der Expedition dahingehend umgelenkt hat, dass er für den Zaren und sich selbst mit Diamanten handelte. Diese Diamanten sind, wie Barbara zeigt, in seinen Aufzeichnungen festgehalten, wurden aber nie gefunden. Zu einem entscheidenden Zeitpunkt, Ende März 1828, verzögerte er seine Abreise nach Santarém, dem Ziel der Expedition, weil er die Ankunft eines Diamantenhändlers erwartete. Dieses Warten wurde ihm zum Verhängnis, weil die Regenzeit einsetzte. Als er endlich aufbrach, waren die meisten seiner Ruderer und Jäger krank, und seine Freunde Rubtsov und Florence (der die Expedition anführte) wurden von Schmerzen und Fieber geplagt.

Die Expedition hat ihr Ziel nicht erreicht. Das gewünschte Material wurde nicht gesammelt. Das gesammelte Material wurde nicht zum richtigen Zeitpunkt analysiert. Es wurden keine neuen Entdeckungen im Mineral-, Pflanzen- und Tierreich gemacht. Es wurde kein Potenzial für den Handel und die Ansiedlung von Europäern im Inneren Brasiliens aufgedeckt. Er fand auch nicht den Rio Cassiquiari, der die Flussgebiete des Orinoco und des Amazonas verbindet. Das Forschungsmaterial lag über hundert Jahre lang in Vergessenheit, bis es in einem der Keller der St. Petersburger Akademie der Wissenschaften gefunden wurde. Das brasilianische Forschungszentrum Oswaldo Cruz (Fiocruz) wurde mit der Transkription, Übersetzung und Veröffentlichung der drei Bände der Langsdorff-Tagebücher beauftragt und verfügt über mikroverfilmte Sammlungen.

Langsdorffs Expedition ist aufgrund ihres Scheiterns für die Zoologie, Botanik und andere Wissenschaftszweige im 21. Jahrhundert von geringem Interesse. Allerdings haben weder der ästhetische Wert der künstlerischen Arbeiten noch der anthropologische Beitrag dieser Werke und die in den Berichten und Tagebüchern enthaltenen Beschreibungen an Bedeutung verloren.

Como afirma Barbara, a exatidão dos mapas de Nester Rubtsov continua impressionando. Muitas das observações de Langsdorff e de outros membros da expedição denotam sensibilidade para questões altamente pertinentes. Com seus olhares estrangeiros, pressentiam, por exemplo, os riscos da violência urbana e da destruição ecológica. Queriam contribuir para a substituição de mão de obra escrava pelo trabalho livre. Os relatos de Langsdorff e de Florence sobre tribos indígenas ainda são de interesse para a antropologia e a etnografia, e o registro sobre plantas e seus usos medicinais podem ser objeto de estudos específicos.

Além disso, o malogro da expedição interessa não apenas ao estudo do importante tema das grandes expedições de europeus à América, África e Ásia, o que a continuada pesquisa de Barbara atesta, mas também à literatura e ao cinema. O livro de Barbara Freitag, de 2013, aliás, encerra com a sugestão de que se faça um filme sobre a grande aventura. Creio, aliás, que o personagem Langsdorff não seria menos fascinante do que Aguirre ou Fitzcarraldo filmados por Werner Herzog.

O Barão Langsdorff foi um visionário de projetos malogrados. Como diplomata e Cônsul-Geral, teve de delegar suas funções a seu Vice-Cônsul. Antes da expedição, fez em vão experiências agrícolas numa fazenda próxima ao Rio, a Mandioca. Como médico, não conseguiu diagnosticar sua doença nem descobrir as causas da malária. E os objetivos da expedição, como assinalado, não foram alcançados.

João Almino
Cônsul-Geral do Brasil em Munique

Wie Barbara feststellt, ist die Genauigkeit der Karten von Nester Rubtsov weiterhin beeindruckend. Viele der Beobachtungen von Langsdorff und anderen Expeditions-Mitgliedern zeugen von ihrer Sensibilität für höchst relevante Fragen. Sie nahmen mit ihren fremden Augen zum Beispiel die Bedrohung durch städtische Gewalt und ökologische Zerstörung wahr. Sie wollten ihren Teil dazu beitragen, dass die Sklavenarbeit durch freie Arbeit ersetzt wird. Langsdorffs und Florence' Berichte über indigene Stämme sind nach wie vor von Interesse für die Anthropologie und Ethnographie, und die Aufzeichnungen über Pflanzen und ihre medizinische Verwendung können Gegenstand spezifischer Studien sein.

Darüber hinaus ist das Scheitern der Expedition nicht nur für die Erforschung der großen Expeditionen der Europäer nach Amerika, Afrika und Asien von Interesse, wovon Barbaras kontinuierliche Studien zeugen, sondern auch für Literatur und Film. Barbara Freitags Buch aus dem Jahr 2013 schließt übrigens mit dem Vorschlag, einen Film über das große Abenteuer zu drehen. Ich denke, dass die Figur des Langsdorff nicht weniger faszinierend wäre als die Verfilmungen von Aguirre oder Fitzcarraldo durch Werner Herzog.

Baron Langsdorff war ein Visionär gescheiterter Projekte. Als Diplomat und Generalkonsul musste er seine Amtsgeschäfte an seinen Vizekonsul delegieren. Vor der Expedition hatte er auf einer Farm in der Nähe von Rio vergeblich mit Maniok experimentiert. Als Arzt vermochte er weder seine Krankheit zu diagnostizieren noch die Ursachen der Malaria zu ergründen. Und die Ziele der Expedition wurden, wie erwähnt, nicht erreicht.

João Almino
Generalkonsul von Brasilien in München

NATTERER E LANGSDORFF: Caminhos cruzados na Amazônia

No magnífico livro ilustrado das *Grandes Expedições à Amazônia Brasileira* (1500-1930), de João Meirelles Filho¹, encontramos na mesma página da *Relação das Viagens à Amazônia Continental* a referência aos dois naturalistas de língua alemã focalizados nesse ensaio: Johannes Natterer (1787-1843), austríaco e zoólogo, que permaneceu de 1825 a 1835 na região, e Georg Heinrich Langsdorff (1774-1852), alemão, naturalizado russo e médico, que percorreu os Rios Tapajós e Amazonas entre 1826 e 1829.

Meirelles Filho lamenta que na composição do seu livro tenha sido obrigado a fazer escolhas, incluindo entre outros Langsdorff e deixando de fora Natterer, que considera um “pioneiro da Zoologia no Brasil”, e “um dos mais importantes zoólogos do século XIX”. O autor do grande livro ilustrado de viagens não comenta os critérios que o levaram a essa exclusão. A Langsdorff, contudo, dedica um capítulo especial, dando destaque à “Grande Expedição”, financiada pela Academia de Ciências de St. Petersburgo.

Talvez um dos critérios tenha se baseado no fato de que a equipe de pesquisadores e artistas chefiada por Langsdorff se compunha de profissionais de renome internacional, como Rubzov (geógrafo e astrônomo russo), Rugendas (pintor alemão), Aimé Adrien Taunay e Hercule Florence (pintores franceses), Riedel (botânico alemão), Ménestres (zoólogo russo), entre outros. A razão de abordar a expedição russa pode estar associada a três vantagens: os diários de Langsdorff estavam publicados em língua portuguesa, o material iconográfico dos três pintores era riquíssimo e de grande valor científico e estético, e finalmente o governo russo tinha interesse em divulgar o rico material encontrado nos Museus de St. Petersburgo e Moscou.

1 Meirelles Filho, João. *Grandes Expedições à Amazônia Brasileira – 1500-1930*. São Paulo: Editora Merallivro, 2009, p. 26 e 216.

NATTERER UND LANGSDORFF: gekreuzte Wege in Amazonien

In dem prächtigen Bildband *Grandes Expedições à Amazônia Brasileira* (1500-1930) von João Meirelles Filho¹ finden wir auf derselben Seite der *Relação das Viagens à Amazônia Continental* den Hinweis auf die beiden deutschsprachigen Naturforscher, um die es in diesem Essay geht: Johannes Natterer (1787-1843), Österreicher und Zoologe, der sich von 1825 bis 1835 in der Region aufhielt, und Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852), Deutscher, eingebürgerter Russe und Arzt, der zwischen 1826 und 1829 den Rio Tapajós und den Amazonas bereiste.

Meirelles Filho bedauert, dass er bei der Zusammenstellung seines Buches gezwungen war, eine Auswahl zu treffen und unter anderem Langsdorff einzubeziehen und Natterer auszulassen, den er als „Pionier der Zoologie in Brasilien“ und „einen der wichtigsten Zoologen des 19. Jahrhunderts“ ansieht. Der Autor des großen Reisebildbandes äußert sich nicht zu den Kriterien, die ihn zu diesem Ausschluss geführt haben. Langsdorffs „Große Expedition“, die von der Akademie der Wissenschaften in St. Petersburg finanziert wurde, stellt er jedoch in den Vordergrund und widmet ihr ein eigenes Kapitel.

Vielleicht war einer der Entscheidungskriterien die Tatsache, dass das Team von Forschern und Künstlern unter der Leitung von Langsdorff aus international anerkannten Fachleuten bestand, wie Rubzov (russischer Geograph und Astronom), Rugendas (deutscher Maler), Aimé-Adrien Taunay und Hercule Florence (französische Maler), Riedel (deutscher Botaniker), Ménestres (russischer Zoologe) und andere. Der Grund für die Auseinandersetzung mit der russischen Expedition hat drei Vorteile: Langsdorffs Tagebücher waren in portugiesischer Sprache veröffentlicht, das Bildmaterial der drei Maler war sehr umfassend und von großem wissenschaftlichen und ästhetischen Wert, und schließlich war die russische Regierung daran interessiert, das wertvolle Material in den Museen von St. Petersburg und Moskau zu verbreiten.

1 Meirelles Filho, João. *Grandes Expedições à Amazônia Brasileira* - 1500-1930. Editora Merallivro, São Paulo, 2009, S. 26 und 216.

Em contrapartida, os diários de viagem de Natterer não tinham sido escritos para publicação e não estavam traduzidos para o português; as cartas de Johann Natterer a seu irmão em Viena e àqueles de quem esperava apoio para prolongar o seu empreendimento estavam em alemão e eram de difícil acesso. Todo esse material foi vítima de saque durante a “Cabanada”, uma revolta em Belém do Pará (1835-1840), e um grande incêndio no depósito da *Hofburg de Viena* (1848). Boa parte do material que chegou a Viena foi destruída.

Thomas Ender, pintor que partiu juntamente com a expedição austríaca de 1817, voltou, por razões de saúde, ainda antes da maioria dos membros da expedição para a Europa, não acompanhando Natterer em sua viagem para o interior brasileiro (Mato Grosso e Amazonas). Quando boa parte da missão austríaca retornou à Europa, Natterer decidiu ficar no Brasil, onde permaneceu por 18 anos, casando-se inclusive com uma brasileira de Barcelos, pequena localidade à margem do Rio Negro, durante sua permanência na Amazônia. Durante todo esse tempo empreendeu 10 viagens com os mais variados roteiros, durante as quais colecionou e remeteu para Viena quantidades inesgotáveis de caixas, contendo amostras do mundo dos animais, entre insetos, pássaros e mamíferos, além de materiais etnográficos que só mais recentemente foram desencaixotados e devidamente registrados.

Im Gegensatz dazu waren Natterers Reisetagebücher nicht zur Veröffentlichung bestimmt und sie waren nicht ins Portugiesische übersetzt; Johann Natterers Briefe an seinen Bruder in Wien und an diejenigen, von denen er Unterstützung für die Fortsetzung seines Unternehmens erwartete, waren in deutscher Sprache verfasst und schwer zugänglich. All dieses Material fiel während der „Cabanada“, einem Aufstand in Belém do Pará (1835-1840), der Plünderung zum Opfer, und bei einem Großbrand im Lagerhaus der Wiener Hofburg (1848) wurde ein Großteil des nach Wien gelangten Materials zerstört.

Thomas Ender, ein Maler, der mit der österreichischen Expedition von 1817 aufgebrochen war, kehrte aus gesundheitlichen Gründen noch vor den meisten Expeditionsmitgliedern nach Europa zurück und begleitete Natterer nicht auf seiner Reise in das brasilianische Landesinnere (Mato Grosso und Amazonas). Als ein großer Teil der österreichischen Mission nach Europa zurückkehrte, beschloss Natterer in Brasilien zu bleiben, wo er 18 Jahre lang blieb und während seines Aufenthalts in Amazonien sogar eine Brasilianerin aus Barcelos, einer kleinen Stadt am Ufer des Rio Negro, heiratete. In all dieser Zeit unternahm er zehn Reisen unterschiedlichster Routen, auf denen er unerschöpfliche Mengen an Kisten sammelte und nach Wien schickte. Die Proben aus der Tierwelt enthielten darunter Insekten, Vögel und Säugetiere, sowie ethnographisches Material, das erst in jüngster Zeit ausgepackt und ordnungsgemäß registriert wurde.

A expedição financiada pelo Imperador da Áustria, Francisco I (1817-1822)

A expedição científica austríaca teve sua origem no casamento celebrado em Viena entre D. Leopoldina, a arquiduquesa da dinastia de Habsburgo, com o príncipe herdeiro da dinastia de Bragança, Dom Pedro, Príncipe de Beira. O contrato de casamento (por procuração) foi assinado em 29 de novembro de 1816. Metternich, o chanceler de Estado austríaco, esperava, assim, consolidar as monarquias europeias, inclusive a de Portugal, cuja corte havia se refugiado em 1807 no Brasil. Com o casamento mediatizado pelo marquês de Marialva, do lado português, Metternich ainda imaginava alargar a influência austríaca nas colônias portuguesas no Além-Mar.

Em concomitância com os preparativos de viagem de D. Leopoldina para o Brasil, também foi dado início aos preparativos da expedição científica austríaca. Essa expedição tinha como objetivo consolidar e ampliar o acervo e as coleções do Gabinete Imperial das Ciências Naturais austríacas, no qual já se encontravam flores e frutos secos, galinhasd'angola, raposas e animais exóticos estofados do Novo Mundo, trazidos da Venezuela, do Caribe e de outras regiões. Na ocasião, como esclarece Kurt Schmutzer, o autor de uma primeira e consistente biografia de Johann Natterer², não se pensou em envolver a Universidade de Viena. Metternich cogitou em nomear como chefe científico da expedição o renomado pesquisador na área de Ciências Naturais, o duque Kaspar Maria von Starnberg (1761- 1838), que no entanto declinou o convite.

2 Schmutzer, Kurt. *Der Liebe zur Natugeschichte halber. Johann Natterers Reisen in Brasilien 1817-1836*. Wien: Verlag der österreichischen Akademie der Wissenschaft, 2011.

Die vom österreichischen Kaiser Franz I. finanzierte Expedition (1817-1822)

Die österreichische Forschungsreise hatte ihren Ursprung in der in Wien gefeierten Hochzeit zwischen der habsburgischen Erzherzogin Leopoldine und Dom Pedro, dem Prinzen von Beira der Bragança-Dynastie. Der Ehevertrag wurde (per Vollmacht) am 29. November 1816 unterzeichnet. Damit hoffte Metternich, der österreichische Staatskanzler, die europäischen Monarchien zu konsolidieren, darunter auch die portugiesische, deren Hof 1807 nach Brasilien geflüchtet war. Mit der Heirat, die durch den Marquis von Marialva auf portugiesischer Seite vermittelt wurde, konnte sich Metternich noch eine Ausweitung des österreichischen Einflusses in den portugiesischen Kolonien in Übersee vorstellen.

Zur gleichen Zeit, als Leopoldina die Vorbereitungen für ihre Reise nach Brasilien traf, begann auch die Vorbereitung der österreichischen Forschungsexpedition. Ziel dieser Expedition war es, die Sammlungen und Bestände des Österreichischen Reichsbüros für Naturwissenschaften zu konsolidieren und zu erweitern, die bereits Blumen und Trockenfrüchte, Perlhühner, Füchse und exotische Tiere aus der Neuen Welt enthielten, die aus Venezuela, der Karibik und anderen Regionen mitgebracht wurden. An eine Einbindung der Universität Wien war damals nicht zu denken, wie Kurt Schmutzer, der Autor einer ersten und umfassenden Biographie über Johann Natterer², klarstellt. Metternich erwog, den renommierten Naturforscher Herzog Kaspar Maria von Starnberg (1761-1838) zum wissenschaftlichen Leiter der Expedition zu ernennen, der die Einladung jedoch ablehnte.

2 Schmutzer, Kurt. *Der Liebe zur Naturgeschichte halber. Johann Natterers Reisen in Brasilien 1817-1836*, Verlag der österreichischen Akademie der Wissenschaften, Wien, 2011.

Em seu lugar foi nomeado Karl von Schreiber (1775-1852), na ocasião, o diretor do Gabinete Imperial de Coleções Naturais da corte. Este indicou Johann Natterer, como zoólogo, e, como botânico, Heinrich Wilhelm Schott, para integrarem a expedição que acompanharia a comitiva da princesa Leopoldina para o Brasil. Apesar de Metternich concordar com essa solução, o imperador sugeriu nomear, por indicação de seu médico pessoal, o professor de História Natural da Universidade de Praga, Johann Christian Mikan (1769-1844), como chefe geral do empreendimento.

Essa nomeação desagradou profundamente a Natterer, que enviou uma carta pessoal de protesto ao imperador, na qual, de maneira hábil, destacava a sua experiência prática em contraposição à falta de experiência de um homem das ciências, um teórico, recolhido a seu gabinete. Propôs, em concordância com Metternich, que o professor dirigisse as pesquisas na área de botânica e ele, zoólogo, os trabalhos na área de zoologia, ambos separados e com as mesmas competências. Com isso, obteve autonomia na manipulação de dinheiro, de viagem e locomoção, sem ter um superior que interferisse em seus roteiros e horários de trabalho. Ambos teriam de prestar contas ao embaixador austríaco no Rio de Janeiro. Oficialmente, contudo, para preservar as aparências e hierarquias, o professor de Praga, Mikan, teria certas regalias diante do não acadêmico, Johann Natterer³. Essa divisão de trabalho lhe seria útil, três anos depois, quando Mikan decide voltar com grande parte da comitiva para a Europa, enquanto Natterer resolve permanecer no Brasil para realizar o seu grande projeto de explorar a região mato-grossense e amazônica, onde, como Langsdorff, esperava fazer descobertas inéditas e inesperadas.

3 Cf. p. 22-30 e seguintes da biografia de Kurt Schmutzer, *op.cit.*

An seine Stelle trat Karl von Schreiber (1775-1852), damals Leiter des kaiserlichen Naturalienkabinetts am Hof. Dieser ernannte Johann Natterer als Zoologen und Heinrich Wilhelm Schott als Botaniker für die Expedition, die das Gefolge der Prinzessin Leopoldina nach Brasilien begleiten sollte. Obwohl Metternich dieser Lösung zustimmte, schlug der Kaiser vor, auf Empfehlung seines Leibarztes den Professor für Naturgeschichte an der Universität Prag, Johann Christian Mikan (1769-1844), zum Generalchef des Unternehmens zu ernennen.

Diese Nominierung verärgerte Natterer zutiefst. Er richtete ein persönliches Protestschreiben an den Kaiser, in dem er geschickt seine praktische Kompetenz gegenüber der mangelnden Erfahrung eines auf sein Amt beschränkten Wissenschaftlers, eines Theoretikers, hervorhob. Im Einvernehmen mit Metternich schlug er vor, dass der Professor die Forschung im Bereich der Botanik und er als Zoologe die Arbeit im Bereich der Zoologie leiten sollte, beide getrennt und mit den gleichen Kompetenzen. Damit konnte er Geld, Reisen und Fortbewegung autonom handhaben, ohne dass sich ein Vorgesetzter in seine Reisepläne und Arbeitszeiten einmischte. Beide sollten dem österreichischen Botschafter in Rio de Janeiro Bericht erstatten. Um den Schein und die Hierarchien zu wahren, hätte der Prager Professor Mikan offiziell gewisse Privilegien gegenüber dem Nicht-Akademiker Johann Natterer³. Diese Arbeitsteilung sollte sich drei Jahre später als nützlich erweisen, als Mikan beschloss, mit dem größten Teil seines Gefolges nach Europa zurückzukehren, während Natterer sich entschied, in Brasilien zu bleiben, um sein großes Projekt der Erforschung des Mato Grosso und des Amazonasgebiets zu verwirklichen und, wie Langsdorff hoffte, noch nie dagewesene und unerwartete Entdeckungen zu machen.

3 Vgl. S. 22-30 ff. in der Biographie von Kurt Schmutzer, *op.cit.*

Antes de deixar a Europa em 1817, a expedição científica austríaca recebeu o reforço inestimável de dois naturalistas bávaros, financiados pelo rei Maximilian Joseph I, da Bavária: Johann Baptist von Spix (zoólogo) e Carl Friedrich Philip von Martius (botânico), cujos nomes ficariam intimamente associados ao Brasil, com a obra-prima *Flora Brasiliensis*⁴. Ambos integraram o grupo de cientistas que partiria com a comitiva austríaca, à qual ainda foram associados como integrantes o pintor austríaco Thomas Ender e o Dr. Johann Emmanuel Pohl, médico de formação e mineralogista, que em termos salariais foram equiparados ao zoólogo Natterer.

Johann Natterer (1787-1843)

“Johann Natterer é unanimemente considerado, ao lado e mesmo acima de Spix e Martius e do príncipe de Wied, o maior coletor de aves e mamíferos que trabalhou no Brasil no século XIX. Suas coleções, muito grandes, profissionalmente feitas, representando quase todo o país, são fundamentais para a ornitologia e para a mastozoologia brasileiras”⁵.

4 Veja também: Spix, J. B.v. & Martius, C. F. Ph. v.: *Reise in Brasilien in den Jahren 1817 bis 1820*. 3 Volumes. Lindauer/Munique, 1823.

5 Vanzolini, P. E. *Episódios da Zoologia Brasileira*. São Paulo: Editora Huicitec, 2004.

Bevor die österreichische wissenschaftliche Expedition 1817 Europa verließ, erhielt sie wertvolle Verstärkung durch zwei bayerische Naturforscher, die von König Maximilian Joseph I. von Bayern finanziert wurden: Johann Baptist von Spix (Zoologe) und Carl Friedrich Philipp von Martius (Botaniker), deren Namen durch ihr Meisterwerk *Flora Brasiliensis*⁴ eng mit Brasilien verbunden sind. Beide gehörten zu der Gruppe von Wissenschaftlern, die mit dem österreichischen Gefolge abreisen sollten, zu der auch der österreichische Maler Thomas Ender und Dr. Johann Emmanuel Pohl gehörten, ein ausgebildeter Arzt und Mineraloge, der dem Zoologen Natterer gleichgestellt war.

Johann Natterer (1787-1843)

„Johann Natterer gilt neben Spix und Martius und dem Fürsten von Wied einhellig als der größte Vogel- und Säugetiersammler, der im 19. Jahrhundert in Brasilien tätig war. Seine sehr umfangreichen, professionell angelegten Sammlungen, die fast das ganze Land abbilden, sind für die brasilianische Ornithologie und Zoologie von grundlegender Bedeutung“⁵.

4 Siehe auch: Spix, J. B.v. & Martius, C. F. Ph. v.: *Reise in Brasilien in den Jahren 1817 bis 1820*. 3 Bände, Lindauer/ München, 1823.

5 Vanzolini, P.E., *Episódios da Zoologia Brasileira*, Editora Huicitec. São Paulo, 2004.

Paulo Emílio Vanzolini, autor dessas linhas, foi professor de zoologia da USP e diretor do Museu de Zoologia dessa universidade. Dedicou um capítulo inteiro do seu livro ao zoólogo austríaco Johann Natterer, mapeando conscienciosamente as 10 viagens desse naturalista pelo Brasil, entre 1817 a 1835. Citou as localidades percorridas e listou os animais por ele estudados. Quanto a Langsdorff, Vanzolini comenta: “A expedição do barão alemão e cônsul russo Georg Heinrich von Langsdorff tornou-se notória por diversas razões, nenhuma delas zoológicas. A história da viagem seria até pitoresca, não fossem dois dolorosos acontecimentos, a morte do jovem artista plástico *Aimé-Adrien Taunay* e a rápida e completa deterioração mental de Langsdorff, que terminou a viagem louco e inválido”⁶.

Segundo August von Pelzen, citado por Vanzolini, Natterer, depois de chegar ao Rio de Janeiro, empreendeu 10 viagens científicas:

1ª Viagem (05/10/1817 a 01/11/1818), viagem de reconhecimento em direção a Sepetiba e Santa Cruz, em que Natterer foi acompanhado pelo Dr. Pohl e o guarda-caça Dominik Sochor, viagem da qual voltou para o Rio em 7 de maio de 1818.

2ª Viagem (02/11/1818 a 15/07/1820), em que visitou a capitania de São Paulo e a fábrica de pólvora de Ipanema, onde ficou até 20 de março de 1820. Na volta passou por São Paulo, capital da província, e de lá, via Santos, voltou para o Rio de Janeiro.

3ª Viagem (15/07/1820 a 1º/02/1821), em que seguiu até a fronteira do Rio Grande do Sul. Na volta passou por Curitiba e Paranaguá, de onde seguiu por mar para o Rio.

4ª Viagem (01/02/1821 a 30/09/1822), percorrendo São Paulo, novamente a fábrica de pólvora de Ipanema/SP, voltando em seguida ao Rio de Janeiro.

6 Destaque meu, BF, p. 53 e 107.

Paulo Emílio Vanzolini, der Autor dieser Essays, war Professor für Zoologie an der USP und Direktor des Zoologischen Museums dieser Universität. Ein ganzes Kapitel seines Buches widmet er dem österreichischen Zoologen Johann Natterer, dessen zehn Reisen durch Brasilien zwischen 1817 und 1835 er gewissenhaft nachzeichnet. Er nennt die Orte, die er besucht hat, und zählt die Tiere auf, die er untersucht hat. Was Langsdorff betrifft, so kommentiert Vanzolini: „Die Expedition des deutschen Freiherrn und russischen Konsuls Georg Heinrich von Langsdorff machte sich aus mehreren Gründen einen Namen, die keineswegs zoologischer Natur waren. Es wäre sogar eine schöne Geschichte, wenn nicht zwei schmerzliche Ereignisse eingetreten wären: der Tod des jungen Künstlers Aimé-Adrien Taunay und der rasche und völlige geistige Verfall von Langsdorff, der die Reise schließlich geisteskrank und hinfällig beendete“⁶.

Laut August von Pelzen, der von Vanzolini zitiert wird, unternahm Natterer nach seiner Ankunft in Rio de Janeiro zehn wissenschaftliche Reisen:

1. Reise (05.10.1817 bis 01.11.1818), Erkundungsreise nach Sepetiba und Santa Cruz, auf der Natterer von Dr. Pohl und dem Wildhüter Dominik Sochor begleitet wurde und von der er am 7. Mai 1818 nach Rio zurückkehrte.
2. Reise (02.11.1818 bis 15.07.1820), bei der er das Kapitänamt von São Paulo und die Schießpulverfabrik von Ipanema besuchte, wo er bis zum 20. März 1820 blieb. Auf dem Rückweg kam er durch São Paulo, die Hauptstadt der Provinz, und von dort über Santos zurück nach Rio de Janeiro.
3. Reise (15.07.1820 bis 01.02.1821), in der er bis zur Grenze von Rio Grande do Sul ging. Auf dem Rückweg ging es über Curitiba und Paranaguá, von wo aus es auf dem Seeweg nach Rio weiterging.
4. Reise (01.02.1821 bis 30.09.1822), Besuch von São Paulo, erneut der Schießpulverfabrik von Ipanema/SP, danach Rückkehr nach Rio de Janeiro.

6 Hervorhebung von mir, BF, S. 53 und 107.

5ª Viagem (07/10/1822 a 31/12/1824), Nattarer segue de Ipanema para Goiás Velho e Cuiabá.

6ª Viagem (01/01/1825 a 15/07/1829), para Mato Grosso: Cuiabá - Vila Bela da Santíssima Trindade - Cuiabá. Seu acompanhante, Dominik Sochor, caçador indispensável, morre em São Vicente, conforme a carta de Natterer a Marschall em 28/05/1827.

7ª Viagem (20/07/1828 a junho de 1830), viagem fluvial de Vila Bela da Santíssima Trindade, rio Guaporé, a Borba no baixo rio Madeira.

8ª Viagem (25/08/1830 a 31/08/1831), na Amazônia: de Borba a Manaus, alto Rio Negro, Rios Içana e Uaupés, volta ao Rio Negro.

9ª Viagem (01/09/1831 a 31/08/1834), na Amazônia: Barcelos, Rio Branco até o Forte de São Joaquim, Manaus, Santarém.

10ª Viagem (de agosto de 1834 a junho de 1835), estada na costa do Pará e regresso à Europa.

Langsdorff também fez várias viagens que os editores de seus diários reuniram em três volumes⁷, como segue:

1º Volume. Viagem (08/05/1824 a 17/02/1825), Rio de Janeiro e seu entorno e Minas Gerais, com Ouro Preto e Diamantina (antiga Tijuco).

2º Volume. Viagem (26 e 28/11/1826), São Paulo, passando por Santos, São Paulo capital, Campinas e Itu.

3º Volume. Viagem (21/11/1826 a 20/05/1828), Mato Grosso e Amazônia.

7 Cf Langsdorff. *Os Diários* (organizados por Danúzio Gil Bernardino da Silva, et al). Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 1998, 3 vol.

5. Reise (07.10.1822 bis 31.12.1824), Natterer fährt von Ipanema nach Goiás Velho und Cuiabá.
6. Reise (01.01.1825 bis 15.07.1829), nach Mato Grosso: Cuiabá - Vila Bela da Santíssima Trindade - Cuiabá. Sein Begleiter Dominik Sochor, ein unverzichtbarer Jäger, stirbt in São Vicente, laut Natterers Brief an Marschall vom 28.05.1827.
7. Reise (20.07.1828 bis Juni 1830), Flussfahrt von Vila Bela da Santíssima Trindade, Rio Guaporé, nach Borba auf dem unteren Rio Madeira.
8. Reise (25.08.1830 bis 31.08.1831), im Amazonas: Von Borba nach Manaus, oberer Rio Negro, Rio Içana und Rio Uaupés, Rückkehr zum Rio Negro.
9. Reise (01.09.1831 bis 31.08.1834), im Amazonas: Barcelos, Rio Branco bis zum Forte de São Joaquim, Manaus, Santarém.
10. Reise (von August 1834 bis Juni 1835), Aufenthalt an der Küste von Pará und Rückkehr nach Europa.

Auch Langsdorff unternahm mehrere Reisen, die die Herausgeber seiner Tagebücher in drei Bänden⁷ zusammengefasst haben:

Band 1. Reise (08.05.1824 bis 17.02.1825). Rio de Janeiro und Umgebung sowie Minas Gerais mit Ouro Preto und Diamantina (früher Tijuco).

Band 2. Reise (26. und 28.11.1826). São Paulo, vorbei an Santos, São Paulos Hauptstadt, Campinas und Itu.

Band 3. Reise (21.11.1826 bis 20.05.1828). Mato Grosso und der Amazonas.

7 Vgl. Langsdorff. Os Diários (organisiert von Danúzio Gil Bernardino da Silva, et al.), Fiocruz Publishing House, Rio de Janeiro, 1998, 3 Bände.

Pelas datas das viagens, nota-se logo que Natterer e Langsdorff foram contemporâneos (o primeiro, zoólogo; o segundo, médico), mas ambos interessados em explorar as riquezas naturais (fauna, flora, minérios) e descrições dos povos indígenas (e seu folclore), com ênfase na mesma região interiorana do Brasil (Mato Grosso e Amazônia), ainda pouco conhecida na época imediatamente depois da proclamação da independência do Brasil de Portugal, em 1822⁸.

Caminhos cruzados entre as viagens de Natterer e Langsdorff

Um exame detalhado dos dois mapas em que estão registrados os diferentes percursos dos dois naturalistas, durante as décadas de 20 e 30 do século XIX, permite verificar que ambos partiram do Rio de Janeiro (várias vezes), alcançaram o Porto de Santos, a cidade de São Paulo, Itu, Campinas (anteriormente chamada de São Carlos), Cuiabá (capital do Mato Grosso), Vila Bela da Santíssima Trindade (antiga capital temporária do Mato Grosso pelos ricos achados de ouro e diamantes)⁹, Porto Feliz, Diamantino/Mato Grosso (não confundir com Diamantina/MG de hoje) e, na Amazônia, Santarém e Belém do Pará¹⁰. Natterer partiria em 1835 diretamente de Belém para a Europa (Viena), como aliás Spix e Martius em 1821; Langsdorff, por sua vez, foi levado por seus companheiros Riedel, Rubtsov e Florence, em 1829, para o Rio de Janeiro, de onde foi repatriado (sem memória do que lhe acontecera) para a Alemanha (Freiburg im Breisgau) em 1830.

8 Veja os mapas anexos, dos dois viajantes: 1. Johann Natterer em: Kurt Schmutzer, *op. cit.* p. 373 “Karte von Brasilien worauf die Reise der k. k. österreichischen Naturforscher Dr. Pohl u. Johann Natterer angezeichnet sind”; e 2. Georg Heinrich Langsdorff em: Leonel Kaz: Rugendas. *Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829*. vol. 1, p. 59. Rio de Janeiro: Edições Alumbramento/Livroarte Editora, 1988.

9 Há o registro de uma carta escrita por Natterer a Langsdorff, para Vila Bela da Santíssima Trindade, de 17 de novembro de 1828 que sobreviveu ao incêndio, conforme Kurt Schmutzer, *op. cit.*, nota 406, p. 137.

10 Veja Freitag, B. *Viajando com Langsdorff*. Brasília: Editora do Senado, 2013, em especial o Capítulo 4: “Cidades e meio ambiente no Brasil nas Expedições Langsdorff”, p. 105- 153.

Aus den Daten ihrer Reisen wird sofort ersichtlich, dass Natterer und Langsdorff Zeitgenossen waren (der erste ein Zoologe, der zweite ein Mediziner), die beide an der Erforschung der natürlichen Reichtümer (Fauna, Flora, Mineralien) und an der Beschreibung der indigenen Völker (und ihrer Volkskultur) interessiert waren, wobei der Schwerpunkt auf derselben Region im Inneren Brasiliens (Mato Grosso und Amazonas) lag, die zu der Zeit unmittelbar nach der Ausrufung der Unabhängigkeit Brasiliens von Portugal im Jahr 1822 noch wenig bekannt war⁸.

Wege, die sich kreuzen: Die Reisen von Natterer und Langsdorff

Eine genaue Untersuchung der beiden Karten, auf denen die verschiedenen Routen der beiden Naturforscher in den 20er und 30er Jahren des 19. Jahrhunderts verzeichnet sind, zeigt, dass sie (mehrmals) von Rio de Janeiro aus reisten und den Hafen von Santos, die Stadt São Paulo und Itu, Campinas (früher São Carlos), Cuiabá (Hauptstadt von Mato Grosso), Vila Bela da Santíssima Trindade (zeitweise Hauptstadt von Mato Grosso wegen der vielen Gold- und Diamantenfunde)⁹, Porto Feliz, Diamantino/Mato Grosso (nicht zu verwechseln mit Diamantina/MG von heute) und in Amazonien, Santarém und Belém do Pará¹⁰ erreicht haben. Natterer reiste 1835 von Belém aus direkt nach Europa (Wien), ebenso wie Spix und Martius 1821; Langsdorff hingegen wurde von seinen Begleitern Riedel, Rubtsov und Florence 1829 nach Rio de Janeiro gebracht, von wo aus er 1830 (ohne Erinnerung an das, was ihm widerfahren war) nach Deutschland (Freiburg im Breisgau) zurückgebracht wurde.

8 Siehe die beigelegten Karten der beiden Reisenden: 1. Johann Natterer in: Kurt Schmutzer, op.cit. p. 373 „Karte von Brasilien worauf die Reise der k.k. österreichischen Naturforscher Dr. Pohl u. Johann Natterer angezeichnet sind“; und 2. Georg Heinrich Langsdorff: in: Leonel Kaz: *Rugendas. Langsdorff-Expedition nach Brasilien, 1821-1829*, Bd. 1, S. 59. Edições Alumentamento/ Livroarte Editora, Rio, 1988.

9 Es gibt einen Brief von Natterer an Langsdorff nach Vila Bela da Santíssima Trindade vom 17. November 1828, der den Brand überstanden hat (Kurt Schmutzer a.a.O., Anm. 406, S. 137).

10 Siehe Freitag, B. *Viajando com Langsdorff*, Editora do Senado, Brasília, 2013, insbesondere Kapitel 4: „Cidades e meio ambiente no Brasil nas Expedições Langsdorff“, S. 105-153.

Tudo indica que Natterer e Langsdorff se encontraram a primeira vez no Rio de Janeiro, onde Langsdorff exercia, na capital (do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves), a função de cônsul de “Todas as Rússias” e possuía, ao norte da Província de mesmo nome, a Fazenda da Mandioca, ponto de encontro de praticamente todos os viajantes estrangeiros da época. Thomas Ender deixou-nos uma bela aquarela desse “salão” de cientistas, que chegou a ser visitado também pelo brasileiro José Bonifácio e pelo casal de imperadores, D. Pedro e D. Leopoldina, antes de ser vendido por Langsdorff, para cofinanciar a sua “Grande Expedição”.

Não temos provas documentais de encontros marcados entre Natterer e Langsdorff em certas localidades das viagens relatadas, mas temos indícios seguros (cartas, registros em diários deles próprios e de outros viajantes etc.) de que os seus caminhos se cruzaram ou sobrepuseram, mesmo que tenha sido em datas distintas.

Além das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo¹¹, outro ponto de encontro foi provavelmente Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade no Mato Grosso¹², onde houve negociações para Natterer acompanhar Riedel e Taunay em sua expedição Rio Madeira acima até Manaus, a partir de Vila Bela, viagem conjunta abortada pela morte por afogamento do jovem Aimé-Adrian Taunay no rio Guaporé.

11 Ihering, H. Von Natterer e Langsdorff. Exploradores amigos do Estado de São Paulo. *Revista do Museu Paulista*, n. 5, 1902, p.13-34.

12 Veja carta de Johann Natterer a G. H. Langsdorff para Vila Bela da Santíssima Trindade de 20 de maio de 1827, cf. Kurt Schmutzer, *op.cit.*, nota 282 (p. 100) da biografia já citada.

Alles deutet darauf hin, dass sich Natterer und Langsdorff zum ersten Mal in Rio de Janeiro trafen (Hauptstadt des Vereinigten Königreichs Portugal, Brasilien und den Algarve), wo Langsdorff russischer Generalkonsul war und im Norden der gleichnamigen Provinz eine Maniok-Farm besaß, die zu jener Zeit ein Treffpunkt für praktisch alle ausländischen Reisenden war. Thomas Ender hinterließ ein schönes Aquarell dieses „wissenschaftlichen Salons“, den auch der Brasilianer José Bonifácio und das Kaiserpaar Pedro und Leopoldina besuchten. Er wurde von Langsdorff verkauft, um seine „Große Expedition“ zu finanzieren.

Wir verfügen über keine dokumentarischen Belege für geplante Begegnungen zwischen Natterer und Langsdorff an bestimmten Orten, aber wir haben eindeutige Hinweise (Briefe, Tagebucheinträge von ihnen selbst und anderen Reisenden usw.), dass sich ihre Wege kreuzten oder überschnitten, wenn auch zu unterschiedlichen Zeiten.

Neben den Städten Rio de Janeiro und São Paulo¹¹ war ein weiterer Treffpunkt wahrscheinlich Cuiabá und Vila Bela da Santíssima Trindade in Mato Grosso¹², wo Natterer mit Riedel und Taunay über deren Expedition von Vila Bela den Rio Madeira hinauf nach Manaus verhandelte, eine gemeinsame Reise, die nach dem Ertrinken des jungen Aimé-Adrian Taunay im Rio Guaporé abgebrochen wurde.

11 Ihering, H. *Von Natterer e Langsdorff. Exploradores amigos do Estado de São Paulo* in: *Revista do Museu Paulista*, n.5 (1902) S.13-34.

12 Siehe Brief von Johann Natterer an G. H. Langsdorff nach Vila Bela da Santíssima Trindade am 20. Mai 1827, vgl. Kurt Schmutzer, a. a. O., Anmerkung 282 (S. 100) der bereits zitierten Biographie.

No volume 3 dos Diários de Langsdorff há uma referência curta a Natterer, o que deixa supor um possível encontro em Diamantino, onde o nome do zoólogo austríaco aparece em uma listagem dos diamantes coletados por Langsdorff, durante sua permanência de 10 meses na região. Aqui o cônsul russo faz referência a um diamante no valor de 120 mil-réis para Natterer, o que corresponderia a um “quinto”, ou 20% que o erário português cobrava sobre o ouro, a prata e os diamantes, extraídos do solo brasileiro no período colonial¹³.

Em 1821, em uma carta a seu irmão em Viena, Joseph Natterer, o viajante austríaco confessara que pretendia, sozinho, empreender a viagem para o interior brasileiro, passando por Goiás e Mato Grosso. De fato, Johann deixara o Rio de Janeiro para sempre em companhia de Dominik Sochor, o caçador que com ele atravessara o Atlântico (e que morreria em 1827 durante a jornada)¹⁴. O plano de Natterer consistia em vender na Inglaterra animais de espécies desconhecidas caso nenhum outro financiamento se concretizasse. Como revela seu biógrafo, essa estratégia foi desnecessária, pois o imperador austríaco acabou concedendo (em datas sucessivas, mas sem regularidade) um financiamento que asseguraria a permanência de Johann Natterer no Brasil até 1835 e sua volta a Viena. Essa reviravolta se deveu ao fato de que novas remessas (29 caixas de materiais coletados) acabavam de chegar a Viena, onde o diretor do Gabinete de Coleções Naturais, Karl von Schreiber, e até mesmo o imperador, Francisco I, já não encontravam lugar para estocá-las e tinham pouca vontade para expô-las. Com a volta do Dr. Pohl e de Thomas Ender para Viena em 1821, o volume dos materiais recolhidos tomou tais proporções que, depois de muitas negociações (e intrigas internas), foi considerada a criação de um Museu Brasileiro, conservado até a morte de D. Leopoldina, sendo depois incorporado ao *Naturhistorisches Museum Wien*, dividindo as coleções entre este museu e o novo *Weltmuseum Wien* (Museu do Mundo de Viena) em uma ala especial, dedicada à América do Sul.

13 Langsdorff, G. H. *Diários, op. cit.*, vol. 3, p. 177, registro do dia 7 de março de 1828.

14 Veja Schmutzer, K. *op. cit.*, O tópico “Dominik Sochors Tod” (p. 176-177).

In Band 3 der Langsdorff-Tagebücher findet sich ein kurzer Hinweis auf Natterer, der ein mögliches Treffen in Diamantino vermuten lässt, denn der Name des österreichischen Zoologen erscheint in einer Liste von Diamanten, die Langsdorff während seines zehnmonatigen Aufenthalts in der Region gesammelt hat. Der russische Konsul spricht hier von einem Diamanten im Wert von 120 Tausend Réis für Natterer, was einem „Quinto“ bzw. 20 % entspricht, die der portugiesische Fiskus auf Gold, Silber und Diamanten erhob, die in der Kolonialzeit auf brasilianischem Boden abgebaut wurden.¹³

1821 gestand der österreichische Reisende in einem Brief an seinen Bruder in Wien, Joseph Natterer, dass er beabsichtigte, allein die Reise ins brasilianische Landesinnere über Goiás und Mato Grosso anzutreten. Tatsächlich hatte Johann Rio de Janeiro immer in Begleitung von Dominik Sochor verlassen, dem Jäger, der mit ihm den Atlantik überquert hatte (und der 1827 während der Reise starb)¹⁴. Natterers Plan war es, Tiere unbekannter Arten in England zu verkaufen, wenn keine andere Geldmittel zur Verfügung ständen. Wie sein Biograph berichtet, war diese Strategie unnötig, da der österreichische Kaiser schließlich (zu verschiedenen Zeitpunkten, wenn auch unregelmäßig) Mittel gewährte, die Johann Natterer den Aufenthalt in Brasilien bis 1835 und seine Rückkehr nach Wien sicherten. Diese Wende war darauf zurückzuführen, dass gerade neue Sendungen (29 Kisten mit gesammeltem Material) in Wien eingetroffen waren, wo der Leiter des Naturalienkabinetts, Karl von Schreiber, und selbst Kaiser Franz I. keinen Platz mehr für die Aufbewahrung fanden und wenig Interesse hatten, sie auszustellen. Mit der Rückkehr von Dr. Pohl und Thomas Ender nach Wien im Jahr 1821 nahm der Umfang der gesammelten Materialien solche Ausmaße an, dass nach vielen Verhandlungen (und internen Intrigen) die Gründung eines eigenen brasilianischen Museums eingerichtet wurde, das bis zum Tod von Dona Leopoldina erhalten blieb und dann in das Naturhistorische Museum Wien eingegliedert wurde. Wobei die Sammlungen zwischen diesem Museum und dem neuen Weltmuseum Wien in einem speziellen Flügel, der Südamerika gewidmet war, aufgeteilt wurden.

13 Langsdorff, G.H. *Diaries, op. cit.*, Bd.3, S.177, Registrierung vom 7. März 1828.

14 Siehe Schmutzer, K. a. Zit. Das Thema „Dominik Sochors Tod“ (S. 176-177).

Não deixa de ser curioso que uma remessa de 22 caixas de material coletado por Natterer, que continuava lutando com dificuldades financeiras, tenha-se beneficiado de um transporte de materiais da equipe de Langsdorff, enviada de Santarém para Belém. O comerciante escocês John Hislop, com efeito, aproveitou a ocasião e acrescentou a este transporte as 22 caixas de material do zoólogo austríaco. De Belém, Hislop encarregou-se de colocar as caixas em navios ingleses, fazendo-as chegar a Viena¹⁵. Não foi a única vez que Natterer se beneficiou de seus contatos com as delegações inglesas em território brasileiro. Especialmente no final de sua estada no Brasil, recebia os recursos sempre escassos liberados em Viena via Londres nas diferentes localidades em que procurou atuar na Amazônia.

Finalmente, a partir de 1831 e enfaticamente em 1832, Natterer e família receberam instruções de voltar para a Europa. O naturalista levou mais de dois anos para fazer os preparativos, que coincidiram com o levante popular da “Cabanada”, um conflito social local que durou de 1835 a 1840. Em 6 de setembro de 1835, Natterer embarcou com sua família e acompanhantes na corveta inglesa “Race Horse”, chegando em 9 de novembro do mesmo ano a Londres.

15 Cfe. Relatado por Schmutzer, *op.cit.*, nas páginas 136-137 em sua biografia sobre Natterer.

Es ist merkwürdig, dass eine Sendung von 22 Kisten mit Material, die von Natterer, der immer noch mit finanziellen Schwierigkeiten zu kämpfen hatte, zusammengetragen wurde, von einem Materialtransport des Langsdorff-Teams profitierte, der von Santarém nach Belém geschickt wurde. Der schottische Händler John Hislop nutzte die Gelegenheit und fügte dieser Sendung 22 Kisten mit Material des österreichischen Zoologen hinzu. Von Belém aus kümmerte sich Hislop darum, die Kisten auf englische Schiffe zu verladen und sie nach Wien zu schicken¹⁵. Es war nicht das einzige Mal, dass Natterer von seinen Kontakten mit den englischen Delegationen auf brasilianischem Gebiet profitierte. Vor allem gegen Ende seines Aufenthalts in Brasilien erhielt er an den verschiedenen Orten, an denen er arbeitete, die stets knappen Mittel, die in Wien über London, freigegeben wurden.

Im Jahr 1831 und ausdrücklich im Jahr 1832 wurden Natterer und seine Familie schließlich angewiesen, nach Europa zurückzukehren. Der Naturforscher benötigte mehr als zwei Jahre für die Vorbereitungen, die ausgerechnet in die Zeit des Volksaufstandes der „Cabanada“ fielen, einem lokalen sozialen Konflikt, der von 1835 bis 1840 dauerte. Am 6. September 1835 ging Natterer mit seiner Familie und seinen Begleitern auf der englischen Korvette „Race Horse“ an Bord und traf am 9. November desselben Jahres in London ein.

15 Vgl. S. 136-137 in der Biographie von Schmutzer, *op. cit.*

“No sábado, dia 13 de agosto de 1836, um navio vindo de Regensburg chega a Viena e atraca no cais do canal do Danúbio. Um passageiro pouco usual e seus acompanhantes desembarcam. Trata-se de Johann Natterer, naturalista e pesquisador de Sua Majestade o Imperador, que volta, depois de 18 anos de permanência no Brasil, à sua cidade natal, acompanhado por sua mulher Maria do Rego e sua filhinha Gertrude. As necessidades dos longos anos de viagem por sertões e florestas tropicais deixaram no viajante suas marcas, que falam das consequências de graves doenças. Precocemente envelhecido e enfraquecido, o naturalista (que partiu em 1817 com a comitiva de pesquisadores que acompanhavam D. Leopoldina para o novo mundo, BF) volta à sua pátria, deixando impressionados os seus amigos e conhecidos” (introdução de Kurt Schmutzer à biografia de Natterer).

Johann Natterer morreu em Viena em 17 de junho de 1843, sete anos depois de sua volta do Brasil. Viveu este tempo um tanto decepcionado e incapaz de explorar em sua integridade o riquíssimo material que com tanto zelo e risco de vida coletara para enriquecer o Museu do Brasil, que acabara de abrigar a antiga Coleção do Gabinete Imperial.

Como no caso do professor Mikan de Praga, que lhe sobreviveu por um ano, Natterer tentou competir com o Dr. Pohl¹⁶, com quem fizera sua primeira viagem de exploração, nos primeiros anos de chegada ao Brasil. Este teria se aproveitado da longa ausência do colega, fortalecendo seu reconhecimento e sua posição institucional, assim como depreciando as conquistas e mesmo as escassas publicações de Natterer, em uma revista não acadêmica, *Wiener Zeitschrift*, cujo público estava interessado em atualidades e modas¹⁷.

16 Veja rb. Vanzolini, *op. cit.*, p. 11-112.

17 *Wiener Zeitschrift für Kunst, Literatur, Theater und Mode*. Apud Schmutzer, *op. cit.*, p. 107-108.

„Am Samstag, den 13. August 1836, legt am Donaukanal in Wien ein Schiff aus Regensburg kommend an. Ein ungewöhnlicher Passagier geht von Bord: Johann Natterer, Naturforscher Seiner Majestät des Kaisers, kehrt nach 18 Jahren Aufenthalt in Brasilien in seine Heimatstadt zurück, begleitet von seiner Frau Maria do Rego und seiner kleinen Tochter Gertrude.

Die Entbehrungen jahrelanger Reisen durch unwegsame Steppen und Urwälder haben ihre Spuren hinterlassen. „Gezeichnet von den Folgen schwerer Krankheiten, früh gealtert und geschwächt kommt ein Mann aus der Neuen Welt zurück, der bei seinen Bekannten einen tiefen Eindruck hinterlässt.“ (1817 brach der Naturalist mit einer Gruppe von Forschern, die D. Leopoldina in die neue Welt begleiteten, auf; BF). (Einleitung von Kurt Schmutzer zu Natterers Biographie).

Johann Natterer starb am 17. Juni 1843 in Wien, sieben Jahre nach seiner Rückkehr aus Brasilien. Er lebte diese Zeit mit einer gewissen Enttäuschung und war nicht in der Lage, das reiche Material vollständig zu erforschen, das er mit so viel Enthusiasmus und unter Einsatz seines Lebens gesammelt hatte, um das Museu do Brasil zu bereichern, in dem gerade die ehemalige kaiserliche Kabinettsammlung untergebracht worden war.

Wie auch Professor Mikan aus Prag, der ihn um ein Jahr überlebte, versuchte Natterer in den ersten Jahren nach seiner Ankunft in Brasilien mit Dr. Pohl¹⁶ zu konkurrieren, mit dem er seine erste Erkundungsreise unternommen hatte. Dieser hatte die lange Abwesenheit seines Kollegen ausgenutzt, um seinen eigenen Bekanntheitsgrad und seine institutionelle Position zu stärken und Natterers Leistungen und selbst seine spärlichen Veröffentlichungen in einer nicht-akademischen Zeitschrift - der *Wiener Zeitschrift*¹⁷ - zu schmälern.

16 Siehe Vanzolini, *op. cit.* S. 11-112.

17 *Wiener Zeitschrift für Kunst, Literatur, Theater und Mode*. Apud Schmutzer, *op. cit.* p.107-108.

As coleções de Johann Natterer

De acordo com Schmutzer (p. 264/45/6), as coleções de Natterer encontram-se hoje nos Museus da *Wiener Ringstrasse*, particularmente no Naturhistorisches Museum Wien e Weltmuseum Wien. Trata-se de uma herança gigantesca que abrange: 1.146 mamíferos, 12.293 pássaros, 1.678 anfíbios, 1.621 peixes, 32.825 insetos, 409 crustáceos, 951 moluscoides e 73 moluscos, 1.729 frascos com lombrigas e vermes intestinais de diferentes espécies, 192 caveiras humanas, 242 sementes, 138 amostras de madeira, 430 minerais e 216 moedas.

O biógrafo citado comenta que mesmo agora, no início do século XXI, ainda não temos um julgamento definitivo sobre o que a comissão científica enviada ao Brasil e da qual participou Natterer realmente trouxe de novidades para o conhecimento nas áreas da mineralogia, da fauna e da flora para o século XIX.

Se os materiais colecionados por Natterer não revelaram grandes novidades para a ciência (e muitos desses materiais ainda não foram devidamente explorados), Natterer – com suas coleções – forneceu os fundamentos e pré-requisitos para uma avaliação inovadora. Baseado em análises de Constantin von Wurzbach, as expectativas ligadas à expedição austríaca de cientistas tiveram seus resultados científicos diluídos em “quase nada”¹⁸.

Uma exposição que durou de 2012 a 2013 sobre Johann Natterer, suas viagens e as coleções foi organizada por Cláudia Augustat. A exposição foi acompanhada por um catálogo intitulado *Além do Brasil: Johann Natterer e as coleções etnográficas da expedição austríaca de 1817 a 1835 ao Brasil*¹⁹. Prevê-se que este material será trazido para o Brasil como parte da comemoração dos 200 anos da chegada da princesa Leopoldina, arquiduquesa de Habsburg, ao Brasil em 1817.

18 Wurzbach, Constantin. *Biographisches Lexikon des Kaiserthums Österreich*. Apud Schmutzer, K., *op.cit.*, 2011, p. 265 e seguintes.

19 Cf. Claudia Augustat (org.). *Museum für Volkerkunde*, Viena, 18 de julho de 2012 a 7 de janeiro de 2013.

Die Sammlungen von Johann Natterer

Die Sammlungen Natterers befinden sich heute in den Museen der Wiener Ringstraße, insbesondere im Naturhistorischen Museum Wien und im Weltmuseum Wien (Schmutzer, S. 264/45/6). Es handelt sich um ein riesiges Erbe: 1.146 Säugetiere, 12.293 Vögel, 1.678 Amphibien, 1.621 Fische, 32.825 Insekten, 409 Krebstiere, 951 Weichtiere und 73 Mollusken, 1.729 Gläser mit Würmern und Darmwürmern verschiedener Arten, 192 menschliche Schädel, 242 Samen, 138 Holzproben, 430 Mineralien und 216 Münzen.

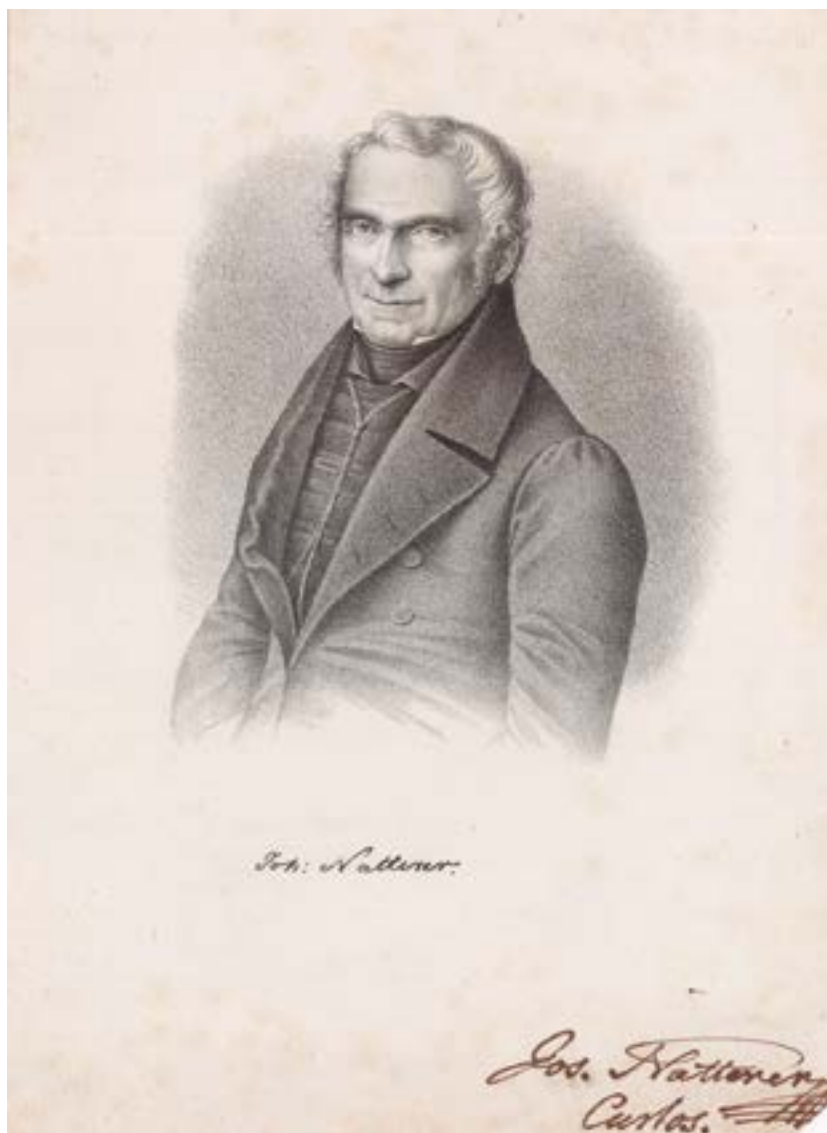
Der zitierte Biograph merkt an, dass wir bis heute nicht abschließend beurteilen können, was die wissenschaftliche Kommission, die nach Brasilien entsandt wurde und an der Natterer mitwirkte, tatsächlich an Neuheiten auf den Gebieten der Mineralogie, Fauna und Flora für das neunzehnte Jahrhundert zu Tage brachte.

Auch wenn die von Natterer gesammelten Materialien keine großen wissenschaftlichen Neuerungen brachten (und viele dieser Materialien noch nicht richtig erforscht sind), so hat Natterer mit seinen Sammlungen doch die Grundlagen und Voraussetzungen für eine innovative Auswertung geschaffen. Nach Analysen von Constantin von Wurzbach waren die Erwartungen, die an die österreichische Forscherexpedition geknüpft wurden, hinsichtlich ihrer Wissenschaftlichkeit auf „fast nichts“ geschrumpft¹⁸.

Eine von 2012 bis 2013 dauernde Ausstellung über Johann Natterer, seine Reisen und die Sammlungen wurde von Claudia Augustat organisiert. Zur Ausstellung erschien ein Katalog mit dem Titel „Jenseits von Brasilien: Johann Natterer und die ethnographischen Sammlungen der österreichischen Brasilienexpedition 1817 bis 1835“¹⁹.

18 Wurzbach, Constantin: *Biographisches Lexikon des Kaiserthums Österreich*. Apud Schmutzer, K., *op.cit.*, 2011, S. 265 ff.

19 Vgl. Claudia Augustat (org.). *Museum für Volkerkunde*, Wien, 18. Juli 2012 bis 7. Januar 2013.



Johann Natterer. Litografia de Michael Sandler, por volta de 1836. Com a gentil autorização do Museu de Ciências Naturais de Viena.

Johann Natterer. Lithografie von Michael Sandler, um 1836. Mit freundlicher Genehmigung des Naturhistorischen Museums Wien.



Georg Heinrich von Langsdorff. Retrato por L. Bojanus Profess., 1809. Imagem sob domínio público. [Wikimedia Commons](#).

Georg Heinrich von Langsdorff. Gezeichnet von L. Bojanus Profess., 1809. Als gemeinfrei gekennzeichnet. [Wikimedia Commons](#).



Mapa do Brasil mostrando as viagens dos naturalistas imperiais e reais austríacos Dr. Pohl e Johann Natterer. Litografia, 1832. Com a gentil autorização do Museu de Ciências Naturais de Viena.
Reprodução: Lucas Betzich.

Karte von Brasilien worauf die Reisen der k.k. österreichischen Naturforscher Dr. Pohl u. Johann Natterer angezeichnet sind, Lithographie, 1832. Mit freundlicher Genehmigung des Naturhistorischen Museums Wien. Reproduktion: Lucas Betzich.



Mapa da Expedição Langsdorff entre 1826-1829 no Brasil, por Georg Heinrich von Langsdorff.
Imagem sob domínio público. Wikimedia Commons.

Karte der Langsdorff-Expedition zwischen 1826-1829 in Brasilien, von Georg Heinrich von
Langsdorff. Als gemeinfrei kennzeichnet. Wikimedia Commons.



Residência de v. Langsdorff em Mandioca, por Thomas Ender, entre 1817-1818. Com a gentil autorização do Museu de Gravuras e Desenhos da Academia de Belas Artes de Viena.

Wohnung des Herrn v. Langsdorff in Mandioca, von Thomas Ender, zwischen 1817-1818. Mit freundlicher Genehmigung des Kupferstichkabinetts der Akademie der bildenden Künste Wien.



Vista do Corcovado sobre Catumbi e Serra dos Órgãos, por Thomas Ender, entre 1817-1818. Com a gentil autorização do Museu de Gravuras e Desenhos da Academia de Belas Artes de Viena.
Ansicht vom Corcovado nach Catumbi und der Serra dos Órgãos, von Thomas Ender, zwischen 1817-1818. Mit freundlicher Genehmigung des Kupferstichkabinetts der Akademie der bildenden Künste Wien.



Vista do Alto Matta Cavallos depois da conduta de água do Rio de Janeiro, por Thomas Ender, entre 1817-1818. Com a gentil autorização do Museu de Gravuras e Desenhos da Academia de Belas Artes de Viena.

Ansicht von der Anhöhe Matta Cavallos nach der Wasserleitung von Rio de Janeiro, von Thomas Ender, zwischen 1817-1818. Mit freundlicher Genehmigung des Kupferstichkabinetts der Akademie der bildenden Künste Wien.



Vista panorâmica da cidade do Rio de Janeiro, vista do terraço do Morro da Conceição, por Thomas Ender, entre 1817-1818. Com a gentil autorização do Museu de Gravuras e Desenhos da Academia de Belas Artes de Viena.

Panorama der Stadt Rio de Janeiro, gesehen von der Terrasse des Morro da Conceição, von Thomas Ender, zwischen 1817-1818. Mit freundlicher Genehmigung des Kupferstichkabinetts der Akademie der bildenden Künste Wien.



Vista da rua principal do Rio de Janeiro, por Thomas Ender, entre 1817-1818. Com a gentil autorização do Museu de Gravuras e Desenhos da Academia de Belas Artes de Viena.

Ansicht der Hauptstrasse zu Rio de Janeiro, von Thomas Ender, zwischen 1817-1818.

Mit freundlicher Genehmigung des Kupferstichkabinetts der Akademie der bildenden Künste Wien.



Os camareiros austríacos em viagem para São Paulo, por Thomas Ender, entre 1817-1818. Com a gentil autorização do Museu de Gravuras e Desenhos da Academia de Belas Artes de Viena.
Die Österreichischen Kammerherrn auf der Reise nach St. Paul, von Thomas Ender, zwischen 1817-1818.
Mit freundlicher Genehmigung des Kupferstichkabinetts der Akademie der bildenden Künste Wien.

CHAMISSO E LANGSDORFF: Outros caminhos cruzados

Introdução ao tema

Brasil nos relatos de viagem de dois naturalistas do século XIX: Georg Friedrich von Langsdorff (1803-1907) e Adelbert von Chamisso (1815-1818). Baseado na obra central de Adelbert von Chamisso – emigrado da França para a Alemanha e dividido entre suas duas vocações, Literatura e Ciências Naturais¹ – meu tema recorre ao *Diário de Viagem de Langsdorff – A Volta ao Mundo de 1803 a 1807*, publicado pela primeira vez em 1812.

Os dois relatos de viagem foram reeditados recentemente (2012) em língua alemã². Segundo informações de que disponho, os diários e a correspondência de Langsdorff não foram publicados em alemão, embora estejam disponíveis integralmente em língua portuguesa. Tive acesso aos microfilmes e material sobre a Expedição Langsdorff de 1824 a 1829 no Rio de Janeiro (Fiocruz, 1998), arquivados por Boris Kommissarow nessa cidade, e visitei a grande exposição de Langsdorff de 2010 no Rio, que anteriormente também havia sido mostrada pelo CCBB em São Paulo e Brasília. Este trabalho de pesquisa teve como fruto meu livro *Viajando com Langsdorff*, recentemente publicado e já disponível em português³.

- 1 Neste contexto, nos referimos às recentes publicações de sua *Reise um die Welt* AB, [Die andere Bibliothek GmbH & Co. KG - Berlim, 2012] bem como a *História Maravilhosa de Peter Schlemihl* (texto e comentário: Suhrkamp Basis Bibliothek).
- 2 Langsdorff, G. Friedrich. *Eine Reise um die Welt von 1803-1807*. Hambrug: Verlag Tradition Classics, 2012; ver também a edição ilustrada em inglês: *Remarks and Observation on a Voyage around the World from 1803-1807*. Fairbanks, Alaska: The Limestone Press - Kingston, Ontario, 1993.
- 3 Freitag-Rouanet, B. *Viajando com Langsdorff*. Brasília: Editora do Senado Federal, 2013.

CHAMISSO UND LANGSDORFF: weitere gekreuzte Wege

Einleitung zu dem Thema

„Brasilien in den Reiseberichten von zwei Naturwissenschaftlern des 19. Jahrhunderts: Georg Friedrich von Langsdorff (1803-1907) und Adelbert von Chamisso (1815-1818).“ Mein Thema baut auf das zentrale Werk von Adelbert von Chamisso, dem Emigranten aus Frankreich in Deutschland auf, der zwischen zwei Berufungen (Literatur und Naturwissenschaft) hin und hergerissen war¹. Und greift auf Langsdorffs Reisebericht zurück: *Eine Reise um die Welt von 1803-1807*, die 1812 erstmals veröffentlicht wurde.

Zu beiden Reisebeschreibungen sind kürzlich (2012) neue Auflagen in deutscher Sprache erschienen². Langsdorffs Tagebücher und Briefwechsel sind meines Wissens nicht auf Deutsch veröffentlicht worden, sondern nur in Portugiesisch vollständig erhältlich. Ich hatte Zugang zu den von Boris Kommissarow in Rio hinterlegten Mikrofilmen und Materialien (Fiocruz 1998) zur Langsdorff- Expedition 1824-1829 und besuchte die große Langsdorff Ausstellung in 2010 ebendort, die vorher vom CCBB auch in São Paulo und Brasília gezeigt worden war (vgl. den Ausstellungskatalog). In Zusammenhang mit dieser Forschungsarbeit liegt nun mein gerade erschienenes Buch, *Viajando com Langsdorff* in portugiesischer Sprache vor³.

-
- 1 In diesem Zusammenhang sei auf die kürzlichen Veröffentlichungen seiner ‚Reise um die Welt AB, [Die andere Bibliothek GmbH & Co.KG - Berlin, 2012] sowie auf ‚Peter Schlemhils wundersamen Geschichte (Text und Kommentar Suhrkamp Basis Bibliothek).
 - 2 Langsdorff, G.Friedrich von *Eine Reise um die Welt von 1803-1807*. Verlag Tradition Classics, Hamburg 2012.; siehe auch die englische illustrierte Ausgabe: *Remarks and Observation on a Voyage around the World from 1803-1807*, The Limstone Press - Kingston, Ontario: Fairbankds, Alaska, 1993.
 - 3 Freitag-Roaunet, B. *Viajando com Langsdorff*, Editora do Senado Federal: Brasília/DF, 2013.

Os dois naturalistas nasceram no final do século XVIII: Langsdorff em 1774 e Chamisso em 1781. Mas os pontos em comum vão muito além. Durante meu trabalho de pesquisa, foi fascinante descobrir como as circunavegações dos dois naturalistas tiveram muito em comum. Ambos cruzaram tanto o Oceano Atlântico quanto o Pacífico. No navio “Neva”, em 1803, Langsdorff conheceu o oficial von Kotzebue, que, em 1815, recebeu o comando do navio “Rurik” para descobrir uma rota de acesso ao Pacífico através do Polo Norte. Chamisso, o poeta das “Fábulas de Schlemihl”, estava a bordo desta viagem fracassada. Ambos os marinheiros e naturalistas eram de origem nobre e navegaram em alto-mar em nome do czar da Rússia. Como ênfase no resumo, eles participaram mais como passageiros curiosos do que verdadeiros naturalistas. Nessa oportunidade, sua missão era, em linhas gerais, por um lado descrever a paisagem, descobrir novos assentamentos humanos, registrar sua língua e cultura, observar suas relações folclóricas e, por outro, também observar o mundo vegetal, animal e mineral, embora em ambos os casos os comandantes dos navios não demonstrassem nenhum interesse especial.

O homem forte em São Petersburgo por trás dos dois exploradores foi o nobre Herr von Krusenstern, que ocupava alto posto na corte de São Petersburgo, tendo sido capitão da frota mercante na época (1803-1807), que, juntamente com o diplomata von Resanoff, estava para estabelecer relações comerciais entre a Rússia e o Japão, um empreendimento que também não podia ser considerado como uma grande “viagem de sucesso”, especialmente porque Resanoff morreria no Alasca, após sua excursão com Langsdorff à Califórnia, onde visitaram os postos de comércio russo-americanos.

Faszinierend für mich war die Entdeckung, dass die Weltumseglungen beider Naturforscher (beide sind Ende des 18. Jhs geboren: Langsdorff in 1774 und Chamisso in 1781), weiterhin viele gemeinsame Berührungspunkte haben. Beide haben die gleichen Ozeane (Atlantik und Pazifik) durchkreuzt: Langsdorff (1803) auf dem Schiff „Neva“, lernte den Offizier von Kotzebue kennen, der 1815 damit beauftragt wurde, als Kapitän der „Rurik“, einen Zufahrtsweg über den Nordpol in den Pazifik zu finden. Seit dieser misslungenen Fahrt war Chamisso, der Dichter des „Schlehmil - Märchens“, an Bord. Beide Seefahrer und Naturforscher waren adliger Herkunft und im Auftrag des Zaren von Russland auf hoher See unterwegs. Wie ich in meiner Zusammenfassung hervorhebe, eher als neugierige Mitfahrer, als echte Naturforscher. Sie sollten bei dieser Gelegenheit- mehr oder weniger- die Landschaft beschreiben, neue Siedlungen entdecken, Sprache und Kultur erkunden, volkstümliche Beziehungen beobachten, aber auch die Pflanzen-, Tier- und Mineral-Welt im Auge behalten, obwohl in beiden Fällen die Kommandanten der Schiffe kein besonderes Interesse hierfür zeigten.

Der starke Mann in Sankt Petersburg hinter beiden war der Adelige Herr von Krusenstern, der am Sankt Petersburger Hof einen hohen Rang einnahm, nachdem er (1803-1807) Kapitän der Handelsflotte war, die zusammen mit dem Diplomaten von Resanoff, die Handelsbeziehungen zwischen Russland und Japan herstellen sollte, ein Unterfangen, das ebenso nicht als große „Erfolgssahrt“ angesehen werden konnte, zumal Resanoff, nach seinem Abstecher mit Langsdorff nach Kalifornien, wo sie die russisch-amerikanischen Handelsniederlassungen besuchten, in Alaska verstorben war.

A rota de Kronstadt/São Petersburgo até a Terra do Fogo, com escalas em Copenhague, Hamburgo, Plymouth, Tenerife, Santa Catarina e a Ilha da Páscoa, foi a mesma da viagem de Langsdorff e Chamisso (além das datas, 1803 e 1815) no que diz respeito aos portos de escala da circunavegação. Entretanto, as descrições do que tinham observado e de suas experiências pessoais eram bem diferentes; as descrições de Langsdorff chegaram ao conhecimento público em 1813, e as de Chamisso somente em 1836. Tudo indica que Chamisso havia lido o relato de viagem da circunavegação de Langsdorff, embora o nome de Langsdorff apareça apenas uma vez em suas descrições de viagem posteriores⁴.

Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852)

Langsdorff nasceu em uma antiga família nobre em Hessen, estudou medicina e ciências naturais em Göttingen e acompanhou o Príncipe de Waldeck como médico pessoal a Lisboa, onde permaneceu por 5 anos. Após seu retorno à Alemanha e tomar conhecimento do projeto da viagem de circunavegação de Krusenstern e Resanoff, foi aceito por esses comandantes como naturalista da tripulação em Copenhague. Blumenbach, seu ex-professor e tutor, relata em sua carta muito bem-humorada como Langsdorff participou desta viagem junto com o naturalista suíço Dr. Horner e o professor alemão Tilesius. A partir de 1805, Blumenbach publicou os primeiros relatórios de viagem de Langsdorff na revista *Magazin für den neuesten Zustand der Naturkunde* (revista sobre novas descobertas nas ciências naturais).

4 Cf. a edição da Biblioteca Clássica de Chamisso, Adelbert von. *Viagem ao redor do mundo*. – Projetos –.

Die Reiseroute, ab Kronstadt/ Sankt Petersburg bis zum Feuerland, mit Zwischenstationen in Kopenhagen, Hamburg, Plymouth, Teneriffa, Santa Catarina und den Osterinseln war für Langsdorff und Chamisso (vom Zeitpunkt abgesehen, 1803 und 1815) die selbe, was die Anlegehäfen der Weltumsegelung anbelangte. Die Beschreibungen des Gesehenen und der persönlichen Erlebnisse waren allerdings recht unterschiedlich und kamen im Fall Langsdorffs 1813, und im Fall Chamissos erst 1836 an die Öffentlichkeit. Alles deutet darauf hin, dass Chamisso den Reisebericht von Langsdorffs Weltumsegelung gelesen und gekannt hatte, obwohl in seinen später verfassten Reisebeschreibungen der Name von Langsdorff nur ein einziges Mal auftaucht⁴.

Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852)

Langsdorff stammte aus einem alten Adelshaus, war in Hessen geboren, studierte in Göttingen Medizin und Naturwissenschaften, und begleitete als Leibarzt den Prinzen von Waldeck nach Lissabon, wo er sich 5 Jahre lang aufhielt. Nach seiner Rückkehr nach Deutschland, hörte er von dem Reiseprojekt der Weltumsegelung von Krusenstern & Resanoff, und wurde von diesen Kommandanten als Naturforscher in die Mannschaft in Kopenhagen aufgenommen. Blumenbach, sein ehemaliger Lehrer und Tutor berichtet in einem Brief auf sehr humorvolle Weise, wie sich Langsdorff zusammen mit dem schweizer Naturforscher Dr. Horner und dem deutschen Professor Tilesius an dieser Reise beteiligte. Seine ersten Reiseberichte werden von Blumenbach im Magazin für den neuesten Zustand der Naturkunde ab 1805 veröffentlicht.

4 Vgl. die Ausgabe der Klassikbibliothek von Chamisso, Adelbert von. *Reise um die Welt. - Projekte-*.

Após sua viagem de Kamchatka à Califórnia, onde acompanhou o diplomata von Resanoff como médico pessoal até a sua morte inesperada, Langsdorff cruzou a Sibéria com trenós e carteiros e se apresentou em São Petersburgo, onde foi homenageado com títulos e prêmios e enviado ao Rio de Janeiro como representante comercial e, mais tarde, como cônsul de Alexandre I (1813). Em 1816, ele comprou a “Fazenda da Mandioca” no norte do Rio de Janeiro e montou uma espécie de fazenda experimental para os colonos alemães. Aqui ele recebeu praticamente todos os viajantes estrangeiros da primeira metade do século XIX, tais como Eschwege, St. Hilaire, Moritz Rugendas, Riedel, entre outros. Sua fazenda tornou-se um ponto de encontro científico entre 1816 e 1822 e foi visitada até por D. Pedro I e sua jovem esposa, a Grã-Duquesa Leopoldina dos Habsburgos.

É nesse contexto que surge o plano de uma grande expedição russa ao interior do Brasil em Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Amazonas e Pará. A expedição teve um final trágico em 1829. Nesta breve exposição não abordarei a segunda grande expedição, na qual, em virtude da malária, sofreu amnésia e, mais tarde, perturbação mental⁵.

5 Mais sobre isso em meu livro recentemente publicado: *Viajando com Langsdorff*. Brasília: Editora do Senado Federal, 2013.

Nach seiner Reise nach Kalifornien (von Kamkatschka aus) wo er als Leibarzt den Diplomaten von Resanoff begleitete, und im Anschluss an dessen unerwartetem Ableben, durchkreuzt Langsdorff mit Schlitten und Postboten Sibirien und meldet sich in St. Petersburg, wo er mit Titeln und Auszeichnungen geehrt und nach Rio de Janeiro als Handelsvertreter und später Konsul von Alexander I geschickt wurde (1813). Hier kaufte er sich (1816) ein Gut, „Fazenda da Mandioca“, im Norden von Rio, eine Art Versuchsfarm für deutsche Siedler. Hier empfing er auch praktisch alle ausländischen Reisenden der ersten Hälfte des 19. Jh wie Eschwege, St.Hilaire, Moritz Rugendas, Riedel, u.a.m. Seine Farm verwandelte sich zwischen 1816 und 1822 in einen wissenschaftlichen Treffpunkt, und wurde sogar von D. Pedro I und seiner jungen Frau, Großherzogin Leopoldine von Habsburg, besucht.

In diesem Kontext entstand der Plan, eine große russische Expedition ins Landesinnere Brasiliens durch Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Amazonas und Pará zu starten, die 1829 tragisch enden sollte. Diese zweite große Expedition, die wegen Malaria zu Gedächtnisschwund und später zu geistiger Umnachtung geführt hat, werde ich in diesem kurzen Vortrag nicht behandeln⁵.

5 Hierzu mehr in meinem gerade erschienenen Buch: *Viajando com Langsdorff*, Editora do Senado Federal, Brasília.

Biografia breve de Adelbert von Chamisso

Louis Charles Adélaïde de Chamisso de Boncourt, conhecido como Adelbert von Chamisso, nasceu em 30 de janeiro de 1781 no Castelo de Boncourt, em Champagne, e morreu em 21 de agosto de 1838, em Berlim. Sua família fugiu para a Alemanha durante a Revolução Francesa (1789). Em 1796, tornou-se escudeiro da Rainha da Prússia. De 1798 a 1807, foi oficial da Prússia. De 1815 a 1818, participou da expedição de circunavegação do Capitão A. von Kotzebue, cuja missão foi descobrir a rota marítima através do Ártico até o Oceano Pacífico. Publicadas originalmente como um apêndice ao diário de viagem do Capitão von Kotzebue (1822), suas notas diárias continham tantos erros e omissões que só anos depois, em 1836, Chamisso publicou sua versão revisada como *Viagem ao Redor do Mundo*. Este relato de viagem serviu de base para esta exposição.

Após retornar de sua viagem de três anos, Chamisso foi admitido pelo Jardim Botânico de Berlim como auxiliar e, mais tarde, no cargo de chefe do herbário. Além de se dedicar aos estudos como naturalista, em toda a sua vida foi ativo como contista e poeta. Seu ciclo de canções “Frauenliebe und -leben” foi musicado por Robert Schumann.

Chamisso ficou famoso com o seu conto *A História Maravilhosa de Peter Schlemihl*, que chegou às livrarias em 1813, praticamente ao mesmo tempo em que Langsdorff publicou *Observações sobre uma viagem ao redor do mundo nos anos 1803-1807*, em 1812. As perguntas que me interessam nesta breve exposição se resumem a determinar até que ponto:

Adelbert von Chamisso (1781-1838)

Louis Charles Adélaïde de Chamisso de Boncourt wurde am 30.01.1781 auf Schloss Boncourt (Champagne) geboren und starb am 21.08.1838 in Berlin. Seine Familie floh während der Französischen Revolution (1789) nach Deutschland. 1796 wurde er Page der Königin von Preußen; von 1798 bis 1807 war er preußischer Offizier. 1815-1818 nahm er an der Weltumseglung von Kapitän A. von Kotzebue teil, die den Auftrag hatte, den Seeweg über den Arktischen in den Pazifischen Ozean ausfindig zu machen. Seine Tagebuchnotizen wurden ursprünglich als Anhang zum Reisebericht von Kapitän von Kotzebue veröffentlicht (1822), allerdings mit so vielen Fehlern und Auslassungen, dass Chamisso erst viele Jahre später, 1836, seine überarbeitete Version als „Reise um die Welt“ beschrieben hat. Diesen Bericht habe ich zur Grundlage meiner Ausführungen gewählt.

Nach der Rückkehr von seiner dreijährigen Reise, wurde Chamisso Adjunkt am Botanischen Garten in Berlin und später Vorsteher des Herbariums. Neben seinen Studien als Naturforscher betätigte er sich sein ganzes Leben lang als Erzähler und Lyriker. Sein Liederkreis „Frauenliebe und Leben“ wurde von Robert Schumann vertont.

Chamisso wurde berühmt durch seine Erzählung „Peter Schlemihls wundersame Geschichte“, die 1813 im Buchhandel erschien, praktisch zur gleichen Zeit in der Langsdorffs *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803-1807*, (1812) veröffentlicht wurde. Die Fragen, die mich in diesem kurzen Vortrag interessieren, laufen darauf hinaus, festzustellen, inwieweit:

1. Existe uma afinidade eletiva entre as observações feitas no Brasil pelos dois naturalistas?
2. É possível que a leitura do relato de viagem de Langsdorff tenha inspirado ou influenciado Chamisso na criação de suas “Fábulas de Schlemihl”? Além disso:
3. Chamisso viu em Langsdorff uma espécie de modelo a seguir? Ou ele era aquele tipo de circunavegador que queria se medir contra Alexander von Humboldt ou, mais tarde, Charles Darwin (1809-1882)?

Ao lançar um olhar mais detido sobre os itinerários dos dois contemporâneos, notam-se algumas diferenças importantes que podem ser ilustradas com dois portos de escala: Tenerife, nas Ilhas Canárias, e Desterro ou Santa Catarina, no Brasil.

Langsdorff informa sobre o desembarque em Tenerife em 20 de outubro de 1803:

“Santa Cruz está localizada no lado noroeste da ilha de Tenerife, que dispõe de uma baía muito adequada para ancoragem, mas não oferece proteção suficiente para o navio e a tripulação em ventos fortes. É uma pequena cidade com algumas centenas de casas, um pouco isolada da costa. A maioria das casas é de dois andares, algumas têm até varandas e, a maior parte, persianas de madeira, como geralmente ocorre na Espanha e em Portugal. As ruas estão dispostas em linha reta, são limpas e pavimentadas com pedra. Elas têm calçadas nos dois lados da rua para a comodidade dos pedestres. É um grande prazer encontrar uma cidade tão bonita tão longe de casa. Os interiores das casas, as roupas, hábitos e costumes do local são tão parecidos com os dos espanhóis que se podia pensar que se estava na pátria. As ruas estão sempre cheias de gente e veem-se mais mulheres do que homens. À noite, veem-se prostitutas desinibidas e irreverentes e outras pessoas de classe social baixa que se parecem mais com bandidos. Além disso, veem-se muitos mendigos, seminus e com trampos, que dão a impressão de ladrões ou vigaristas e assustam os visitantes por causa de suas doenças de pele” (Langsdorff: livremente retraduzido do inglês, 1993, p. 5).

- 4) eine Wahlverwandtschaft zwischen den in Brasilien gemachten Beobachtungen beider Naturforscher besteht?
- 5) Könnte die Lektüre des Reiseberichtes von Langsdorff; Chamisso dazu angeregt haben sein „Schlemihl-Märchen“ zu schreiben, bzw. zu beeinflussen? Und weiterhin
- 6) hat Chamisso in Langsdorff eine Art Vorbild gesehen? Oder gehörte er jenen Weltumseglern an, die sich eher am Vorbild Alexander von Humboldt oder später an Charles Darwin (1809-1882) messen wollten?

Schaut man sich die Reiseroute beider Zeitgenossen genauer an, so gibt es einige wichtige Überschneidungen, die ich an zwei Anlagehäfen – Teneriffa (Kanarische Insel) und Desterro bzw. Santa Catarina, Brasilien veranschaulichen möchte.

Langsdorff berichtet vom Einlaufen in Teneriffa am 20. Oktober 1803:

„Santa Cruz liegt auf der nordwestlichen Seite der Insel von Teneriffa, mit einer recht guten Bucht als Anker, die jedoch, bei starken Winden keinen hinreichenden Schutz für Schiff und Mannschaft bietet. Es handelt sich um eine kleine Stadt mit einigen hundert Häusern, die etwas von der Küste abgelegen sind. Die meisten Häuser sind zweistöckig, einige haben sogar Balkons und die meisten hölzernen Fensterläden, wie meistens üblich in Spanien und Portugal. Die Straßen sind geradlinig angelegt, sauber und mit Lava gepflastert. Sie haben seitliche Gehwege (Trottoires) auf beiden Seiten der Straße, zur großen Bequemlichkeit der Fußgänger. Es ist eine wahre Freude, so fern von zuhause eine so schicke Stadt zu finden. Die Innenräume der Häuser, die Kleidung, Gewohnheiten und Gepflogenheiten der Umgebung sind den spanischen Vorbildern derart ähnlich, dass man meinen könnte, im Mutterland zu sein. Die Straßen sind immer voller Menschen und man sieht mehr Frauen als Männer. Abends begegnet man schamlosen und unordentlichen Prostituierten sowie anderes Gesindel, welches eher wie Banditen aussehen. Zusätzlich sieht man viele Bettler, halb nackt und in schäbiger Kleidung, die den Eindruck von Dieben bzw. Gaunern vermitteln und die Besucher aufgrund ihrer Hautkrankheiten abschrecken.“ (Langsdorff: frei rückübersetzt aus dem Englischen, 1993, s. S. 5).

Chamisso relata sobre a mesma baía no final de outubro de 1815:

“No dia 28, às onze horas, lançamos âncora no ancoradouro de Santa Cruz. O objetivo pelo o qual atracamos em Tenerife era levar refrescos e principalmente vinho a bordo, já que até agora só tínhamos bebido água. Três dias deveriam ser suficientes para finalizar o negócio, e estávamos livres para passá-los em uma excursão pelo interior da ilha.

Tenerife foi visitada e descrita por estudiosos mais do que qualquer outro ponto do mundo. Alexander von Humboldt esteve nessa ilha, e Leopold von Buch e Christian Schmith, que infelizmente já não se encontravam mais aqui (p. 51), tinham feito de toda a cadeia das Ilhas Canárias objeto de suas investigações durante uma estada prolongada. Tínhamos apenas a nós mesmos para experimentar e deleitar nossos olhos sedentos com as formas de vida da natureza tropical” (Chamisso, 1836, p. 53).

Chamisso teve uma experiência especial em Tenerife, que foi seu passado e seu status de forasteiro e estrangeiro, precisamente de uma pessoa que vive no exílio.

“No início em Tenerife, como mais tarde em todo o mundo, as pessoas com espírito inquisitivo que tiveram um contato mais próximo comigo, também de espírito inquisitivo, esforçaram-se para estudar o caráter nacional russo em mim, o russo, que no entanto era apenas um alemão e, como alemão, na verdade um francês de nascimento, um Champenois” (Chamisso, 1836, p. 55).

Chamisso berichtet von derselben Bucht Ende Oktober 1815:

„Am 28. Mittags um elf Uhr ließen wir auf der Reede von Santa Cruz die Anker fallen. Der Zweck wofür in Teneriffa angelegt wurde, war, Erfrischungen und hauptsächlich Wein an Bord zu nehmen, da wir bis jetzt nur Wasser getrunken hatten. Zu dem Geschäfte sollten drei Tage hinreichen, und es ward uns freigestellt, diese auf eine Exkursion ins Innere der Insel zu verwenden.

Von Gelehrten besucht und beschrieben worden ist Teneriffa wie kein anderer Punkt der Welt. Alexander von Humboldt ist auf dieser Insel gewesen, und Leopold von Buch und Christian Schmith, die nicht mehr hier anzutreffenden uns schmerzlich (S.51) war, hatten bei einem verlängerten Aufenthalt die ganze Kette der Kanarischen Inseln zum Gegenstande ihrer Untersuchungen gemacht. Wir hatten nur an uns selber Erfahrungen zu machen und unsern durstenden Blick an den Lebensformen der tropischen Natur zu weiden“ (Chamisso, 1836, S. 53).

Chamisso macht hier auf Teneriffa eine besondere Erfahrung, was seine Vergangenheit und sein Status als Außenseiter und Fremder, eben ein im Exil lebender Mensch war.

„Zuerst auf Teneriffa, wie später überall im ganzen Umkreis der Erde, haben sich die Wissbegierigen, mit denen ich als ein Wissbegieriger in nähere Berührung kam Mühe gegeben, den russischen Nationalcharakter an mir, dem Russen, der aber doch nur ein Deutscher und als Deutsche eigentlich gar ein geborener Franzos, ein Champenois, war, zu studieren“ (Chamisso, 1836, S. 55).

A continuação da viagem confirma os relatórios que conhecemos desde Pedro Álvares Cabral: calmarias, tédio, mar suave sem corrente, rotina, mal-entendidos que eventualmente levam à agressividade da tripulação há muito tempo esperando por sinais de que eles estão se aproximando da costa, a costa americana.

Langsdorff, que esperava navegar para a Baía de Guanabara e conhecer o Rio de Janeiro, fica desanimado com as decisões do capitão von Krusenstern. O capitão temia um rígido controle aduaneiro na capital da colônia e um atraso desnecessário na continuação da viagem. Assim, ele deu a ordem de navegar na Baía de Guanabara e somente em Santa Catarina (antigo Desterro) para ancorar e deixar a tripulação ir à terra. Os registros diários de Langsdorff desse primeiro desembarque em solo brasileiro são repletos de entusiasmo. Ele se impressiona com a abundância de frutas tropicais tais como bananas, laranjas, abacaxis, pêssegos, melões, uvas etc. Sua lista de comestíveis inclui cebola, mandioca (*Jatropha manihot*), milho, feijão, nozes, entre outros alimentos. Ele também menciona animais domésticos como galinhas, porcos, vacas, burros etc. Ele se maravilha com as pessoas que, no caso da população trabalhadora (pobre), na maioria das vezes, andava descalça nas ruas.

Os ricos se deixavam carregar por toda a parte em liteira e cultivavam longas unhas, um sinal de que não precisavam trabalhar e podiam assim poupar suas mãos. Langsdorff também notou que os habitantes tinham o hábito de beber chá mate, que era servido quente em pequenas cuias de cabaça e bebido com um tubo de prata.

A ilha de Santa Catarina já era então (como é hoje) a sede do governo da província (ou estado) do mesmo nome. Aqui a expedição lançou âncoras em 21 de dezembro de 1803.

Die Fortsetzung der Reise bestätigt die Berichte, die wir seit Pedro Álvares Cabral kennen: Windstille (Calmarias), Langweile, glatte See ohne Strömung, Routine, Missverständnisse, die letztendlich zu Aggressivität der Mannschaft führt langes Harren auf Zeichen, dass man sich der Küste nähert, der amerikanischen Küste.

Langsdorff, der gehofft hatte, in die Guanabara Bucht einzufahren und Rio de Janeiro kennenzulernen, wird von den Entscheidungen des Kapitäns von Krusenstern eines anderen belehrt. Der Kapitän befürchtete strenge Zollkontrollen in der Hauptstadt der Kolonie und eine unnötige Verzögerung der Weiterfahrt. So gab er den Befehl, an der Guanabara Bucht vorbei zu segeln und erst in Santa Catharina (ehemals Desterro) die Anker auszuwerfen, um die Mannschaft an Land gehen zu lassen. Langsdorffs Tagebuchaufzeichnungen dieser ersten Landung auf brasilianischem Boden sind voller Begeisterung. Er erfreut sich am Reichtum der Tropenfrüchte wie Bananen, Orangen, Ananas, Pfirsichen, Melonen, Trauben, usw. Seine Liste von Essbarem bezieht Zwiebel, Maniok (*Jatropha maniot*), Mais, Bohnen, Nüsse und anderes mehr, ein. Er erwähnt auch Haustiere wie Hühner, Schweine, Kühe, Esel, usw. Er staunt über die Menschen, die meist barfuß auf den Straßen herumliefen, wenn es sich um die arbeitende (arme) Bevölkerung handelte.

Die Reichen ließen sich in Tragstühlen hin und hertragen und lange Fingernägel wachsen, ein Zeichen, dass sie nicht arbeiten mussten und somit ihre Hände schonen konnten. Langsdorff fiel auch auf, dass die Einwohner die Gewohnheit hatten, Matete zu trinken, der in kleinen Kürbisschalen kochend heiß serviert und mit einem Silberrohr geschlürft wurde.

Die Insel Santa Catharina war schon damals wie heute der Sitz der Regierung der gleichnamigen Provinz (bzw. des Bundeslandes). Hier ist die Expedition am 21. Dezember 1803 vor Anker gegangen.

“A natureza exuberante excede toda imaginação. Os gritos dos macacos ressoam floresta adentro. Aos pés do andarilho, os esconderijos dos tatus (*Dasytus*) se revelam. Borboletas coloridas aparecem aqui e ali, agitando suas asas de flor em flor; aqui e ali, acompanhadas por pequenos beija-flores que sugam o néctar das flores e parecem estar parados no ar. Uma serpente coral venenosa pode inesperadamente se atirar sobre as pegadas do estranho curioso, enquanto a harmonia divina do canto dos pássaros enche seus ouvidos e coração de alegria e excitação” (da *Revista para o Último Estado da História Natural*, a revista sobre novas descobertas nas ciências; citação da internet).

Adelbert von Chamisso relatou por volta da mesma época do ano como o Rurik cruzou o equador em 23 de novembro de 1815 (p. 60), e os marinheiros receberam muito ponche e apresentaram uma comédia com muitos aplausos. Em 6 de dezembro, o brigue atravessou o Trópico de Capricórnio. As borboletas anunciaram a proximidade do continente americano.

“Em 7 de dezembro, cerca de um grau e meio ao sul de Cabo Frio, observamos uma aparição que se repetiu de forma impressionante em 9 de dezembro. O vento e a corrente haviam concentrado água de cores diferentes, amarelo-palha e verde, em forma de fita, bem definida, algo imprevisível em toda a superfície do mar (p. 61). Sob o microscópio, esta água revelou-se rica em algas em suspensão em forma de linha reta. A água do Canal de Santa Catarina era às vezes, com o vento do sul, de cor semelhante e tinha um cheiro igualmente desagradável. No dia 10, uma tempestade nos atingiu perto do porto. No dia 11, avistamos terra firme e, no dia 12, ancoramos. À tarde (p. 61), às quatro horas no canal de Santa Catarina, no lado da terra firme e perto do forte de Santa Cruz”.

„Die üppige Natur überschreitet jegliche Vorstellungskraft. Das Geschrei der Affen schallt bis weit in die Wälder hinein. Zu den Füßen des Wanderers eröffnen sich die Verstecke der „Tatus“ (Gürteltiere, Dasypus genannt). Hier und dort tauchen bunte Schmetterlinge auf, die von Blume zu Blume flattern; hier und da, begleitet von kleinen Kolibris, die den Saft aus den Blumen saugen und in der Luft zu stehen scheinen. Eine giftige Korallenschlange kann unerwartet über die Gehspur des neugierigen Fremden huschen, während die göttliche Harmonie des Vogelgesangs seine Ohren und sein Herz mit Freude und Begeisterung erfüllen.“ (Aus dem Magazin für den neuesten Zustand der Naturkunde, nach Internet zitiert).

Adelbert von Chamisso berichtete etwa um die gleiche Jahreszeit, wie die Rurik am 23. November 1815 den Äquator durchkreuzte (S. 60) worauf die Matrosen reichlich Punch bekamen und eine Komödie mit viel Beifall aufführten. Am 6. Dezember durchkreuzte die Brigge den südlichen Wendekreis. Schmetterlinge kündigten die Nähe des Festlandes von Amerika an.

„Wir beobachteten am 7. Dezember ungefähr anderthalb Grad südlich vom Kap Frio eine Erscheinung, die sich am 9. auffallend wiederholte. Wind und Strom hatten andersfarbiges Wasser, strohgelbes und grünes, bandartig, scharf begrenzt, unabsehbar über die Oberfläche des Meeres hingezogen.“ (S. 61) Unter dem Mikroskop entpuppte sich dieses Wasser als reich an freischwimmenden, geradlinig gegliederte Algen. Das Wasser des Kanals von Santa Catharina war manchmal, bei Südwind, ähnlich gefärbt und hatte einen ähnlich faulen Geruch. „Am 10. überfiel uns ein Sturm in der Nähe des Hafens. Am 11. sahen wir das Land und lagen am 12. nachmittags (S. 61) um vier Uhr im Kanal von Santa Catharina auf der Seite des festen Landes und in der Nähe des Forts Santa Cruz vor Anker.“ ...

“Aqui uma nova criação abraça o europeu, e em sua abundância tudo é marcante e gigantesco. Quando você entra no canal que separa a ilha de Santa Catarina da terra sólida, você pensa que foi transportado para o reino da natureza em seu estado original. As montanhas, que se elevam em linhas tranquilas de ambas as margens, estão cobertas de floresta primitiva e pertencem apenas a ela, e quase não se nota aos seus pés o trabalho do homem recém-assentado. No interior, picos mais altos sobem como cones ou cúpulas, e um cume de terra sólida delimita a vista para o sul.

“Os assentamentos humanos estão localizados principalmente ao longo da costa, sombreados por laranjeiras que atingem ou excedem a altura de nossas macieiras. Ao seu redor estão plantações de diversos cultivares como banana, café e algodão, e áreas nas quais algumas de nossas plantas culinárias, acompanhadas de muitas ervas daninhas europeias, são cultivadas de forma discreta. Nestes pomares destacam-se o melão [será o mamão? BF] e uma palmeira (*Cocos Romanzowiana* M.). Se o homem falha em defender da natureza o pedaço de terra que dela arrebatou, crescem logo no solo (p. 62) arbustos altos e selvagens, dentre os quais se destacam belas espécies de melastoma, entrelaçadas com bignonias de flor púrpura” (p. 63).

“Muitas espécies de todas as famílias e grupos naturais do reino vegetal assumem a forma característica de cipós nesta natureza. No alto dos galhos balançam jardins arejados de orquídeas, samambaias, bromélias, entre outras espécies, e a *Tillandsia usneoides* paira sobre a cabeça das árvores envelhecidas com cachos de prata [“barba de pau”, BF]. As folhas largas de aroídeas proliferam no desembocar dos córregos. Os cactos gigantes em forma de colunas destoam do resto como grupos separados e rígidos. Samambaias e líquens cobrem extensões áridas de areia. Palmeiras arejadas levantam suas coroas acima de terrenos úmidos e o mangue de folhas inteiras (*Rhizophora*) recobre gregariamente os pântanos inacessíveis em que se perdem as baías do mar” (p. 63).

„Hier umfängt eine neue Schöpfung den Europäer, und in ihrer Überfülle ist alles auffallend und riesenhaft. Wenn man in den Kanal einläuft, der die Insel Santa Catharina von dem festen Land trennt, glaubt man sich in das Reich der noch freien Natur versetzt. Die Berge, die sich in ruhigen Linien von beiden Ufern erheben, gehören vom Urwald bekleidet, nur ihr an, und man gewahrt kaum an deren Fuß die Arbeiten des neu angesiedelten Menschen. Im Inneren ragen, als Kegel oder Kuppeln, höhere Gipfel empor, und ein Bergrücken des festen Landes begrenzt gegen Süden die Aussicht.

Die Ansiedlungen des Menschen liegen meist längst dem Gestade, umschattet von Orangenbäumen, welche die Höhe unserer Apfelbäume erreichen oder übertreffen. Um dieselben liegen Pflanzungen von Bananen, Kaffee, Baumwollen Stauden, usw und Gehege, worin etliche unserer Küchengewächse, denen viele europäische Unkrautarten parasitisch gefolgt sind, unscheinbar gebaut sind. Der Melonenbaum (könnte es Papaya sein? BF) und eine Palme (*Cocos Romanzowiana* M.) ragen aus diesen Gärten hervor. Unterlässt der Mensch, die Spanne Landes, (S. 62) die er der Natur abgerungen hat, gegen sie zu verteidigen, überwuchert gleich den Boden ein hohes, wildes Gesträuch, worunter schöne *Melastoma*-Arten sich auszeichnen, umrankt von purpurblütigen *Bignonien*“ (S. 63).

Viele Arten aus allen natürlichen Familien und Gruppen des Gewächsreiches nehmen in dieser Natur die bezeichnende Form der Lianen an. Hoch auf den Ästen wiegen sich luftige Gärten von Orchideen, Farnen, Bromeliaceen usw., und die *Tillandsia usneoides* überhängt das Haupt alternder Bäume mit greisen Silberlocken („barba de pau“, B.F.). Breitblättrige Aroideen wuchern am Abfluss der Bäche. Riesenhafte säulenartige Kaktus bilden abgesonderte, seltsame, starre Gruppen. Farnkräuter und Lichene bedecken dürre Sandstrecken. Über feuchten Gründen erheben luftige Palmen ihre Kronen und gesellig übergrünt die ganzblättrige Mangle Mangrove (*Rhizophora*) die unzugänglichen Moraste, in welche die Buchten des Meeres sich verlieren“ (S. 63).

“O mundo animal está em harmonia com o mundo vegetal”. A forma de cipó das plantas é análoga ao pé das aves e sua capacidade de trepar e à cauda enrolada dos mamíferos, com os quais até mesmo os predadores são dotados. Há vida em toda parte. Cambadas de caranguejos habitam as partes mais úmidas da terra perto do mar e se refugiam dos andarilhos em suas tocas, balançando suas garras grandes acima da cabeça. A maior riqueza e esplendor reina entre os insetos, e a borboleta rivaliza com o beija-flor. Quando a noite cai sobre este mundo verde, o mundo animal acende seus faróis ao redor” (p. 64).

Chamisso menciona a inesgotável riqueza da flora do Brasil que é comprovada pelos esforços dedicados durante anos por Auguste de Saint-Hilaire, Martius, Nees von Esenbeck, Pohl, Schlechtendal e eu mesma, em parte também por de Candolle e Adrien de Jussieu. Mas aqui Chamisso não menciona as observações muito semelhantes de Langsdorff.

“A natureza, apenas a natureza gigantesca, deixou impressões duradouras em mim” (p. 65). Em outros pontos Chamisso revela seu segredo interior, o que certamente também moveu Langsdorff a retornar ao Brasil após sua visita a Santa Catharina (1803) e lá passar mais de 16 anos de sua vida.

Chamisso admite: “O homem vive mais completa e mais rapidamente sob um sol que está bem acima de sua cabeça, que, como no Brasil, testemunha a plenitude da vida desde o seio da terra” e depois vem a confissão:

“Na verdade, eu quero viver na região das palmeiras”. Ele chama a neve do Norte de “mortalha” que cobre o hemisfério e envolve ou afasta toda a vida em uma hibernação de inverno”. (cf. p. 144)

„Die Tierwelt ist in Einklang mit der Pflanzenwelt. Der Lianenform der Gewächse entsprechen dem Kletterfuss der Vögel und der Wickelschwanz der Säugetiere, mit dem selbst Raubtiere versehen sind. Überall ist Leben. Herden von Krebsen bewohnen in der Nähe des Meeres die feuchteren Stellen des Landes und ziehen sich vor dem Wanderer in ihre Höhlen zurück, ihre großen Scheren über dem Kopfe schwingend. Der größte Reichtum und die größte Pracht herrschen unter den Insekten, und der Schmetterling wetteifert mit dem Kolibri. Senkt sich die Nacht über diese grüne Welt, entzündet rings die Tierwelt ihre Leuchtfeuer“ (S. 64).

Chamisso erwähnt den unerschöpflichen Reichtum der Flora Brasiliens die seit Jahren ihr gewidmeten Bemühungen von Auguste de Saint-Hilaire, Martius, Nees von Esenbeck, Pohl, Schlechtendal und mir, teils auch von de Candolle und Adrien de Jussieu beweisen. Doch hier erwähnt Chamisso nicht die sehr ähnlich ausfallenden Beobachtungen von Langsdorff.

„Die Natur, nur die riesenhafte Natur hat mir bleibende Eindrücke eingeprägt“ (S. 65) und an anderer Stelle enthüllt Chamisso sein inneres Geheimnis, das auch sicher Langsdorff bewegt hat, nach seinem Besuch in Santa Catharina (1803) nach Brasilien zurück zu kehren, und über 16 Jahre seines Lebens hier zu verbringen.

Chamisso gibt zu: „Voller und schneller lebt der Mensch unter einer scheinbar rechten Sonne, die, wie in Brasilien, Fülle des Lebens aus dem Schoße der Erde zeugt“ und anschließend kommt die Bekenntnis:

„Wahrlich, ich möchte in der Region der Palmen wohnen.“ Den Schnee in der nördlichen Hemisphäre bezeichnet er als „Leichentuch“ das sich über die nördliche Erdkugel deckt und alles Leben in Winterschaf einhüllt oder vertreibt“. (vgl. S. 144)

Se no próprio Brasil o nome Langsdorff não aparece, nem como referência à rica flora e fauna, embora ambos tenham visitado os mesmos portos marítimos via Hamburgo, Copenhague, Tenerife e Santa Catharina, a leitura de ambos os relatos nos permite especular se Chamisso, de fato, não sabia sobre a passagem de Langsdorff. E eis que em seu livro *Viagem ao redor do mundo*, encontramos uma passagem que diz: “Krusenstern esteve neste porto ao mesmo tempo há doze anos” (p. 66).

Aqui segue uma passagem decisiva: “O ano de 1816 já estava acabando e a região, que nos meses de primavera, quando Langsdorff a viu, deveria ter se assemelhado a um jardim de flores, agora oferecia ao botânico apenas um campo árido e extinto. Diz-se que uma planta aquática crescera em um pântano perto de nossas tendas, o que me foi indagado (p. 152) por Eschholtz após nossa partida. Eu não as tinha notado. Seu palpite era que se tratassem de plantas aquáticas, que sabia que eram minha predileção, e que portanto eu não deixaria de notá-las e de querer molhar os meus pés” (p. 153).

Em 1º de novembro de 1816, no dia de Todos os Santos, o Rurik içou âncoras.

“As águas do porto de São Francisco eram altamente fosforescentes, com pontos de luz muito finos, e as ondas quebrando na costa fora da baía eram visivelmente cintilantes” (p. 161).

Esta passagem dá uma resposta preliminar à minha primeira pergunta: É fato que Chamisso leu o diário de viagem de Langsdorff (1812), assim como os diários de Alexander von Humboldt e relatórios de muitos outros viajantes a países tropicais (ver suas notas sobre Tenerife: “Tenerife foi visitada e descrita por estudiosos como nenhum outro lugar do mundo” – p. 51).

Wenngleich in Brasilien selbst oder in Bezug auf die reiche Flora und Fauna der Name von Langsdorff nicht auftaucht, obwohl sie beide über Hamburg, Kopenhagen, Teneriffa und Santa Catharina die gleichen Seehäfen besucht haben, so können wir bei der Lektüre beider Berichte nachforschen, ob Chamisso nicht doch von Langsdorffs Durchfahrt gewusst hat. Und siehe da, in seinem Buch „Reise um die Welt“ finden wir eine Passage, in der es heißt: „Krusenstern war vor zwölf Jahren zu derselben Uhrzeit in diesem Hafen gewesen“. (S. 66)

Hier folgt eine entscheidende Passage: „Das Jahr 1816 war schon alt, und die Gegend, die in den Frühjahr Monaten, wo sie Langsdorff gesehen hat, einen Blumengarten gleichen soll, bot jetzt dem Botaniker nur ein dürres, ausgestorbenes Feld. In einem Sumpf in der Nähe unserer Zelte soll eine Wasserpflanze gegrünt haben, wegen welcher mich (S. 152) Eschholtz nach der Abfahrt fragte. Ich hatte sie nicht bemerkt, er hatte darauf gerechnet, eine Wasserpflanze, meine bekannte Liebhaberei, würde mir nicht entgehen, und hatte sich die Füße nicht nass machen wollen.“ (S. 153)

Am 1. November 1816, am Allerheiligenfeste, lichtete der Rurik die Anker.

„Das Wasser des Hafens von San Francisco war in hohem Masse von sehr feinen Lichtpunkten phosphoreszierend, und merklich schimmernd entrollte sich auch die brandende Welle auf dem Strande der Küste außerhalb der Bucht.“ (S. 161).

Diese Passage gibt eine vorläufige Antwort auf meine erste Frage: Chamisso hatte zwar Langsdorffs Reisebericht (1812) gelesen, wie ebenfalls Alexander von Humboldts Tagebücher und Berichte von vielen anderen Reisenden in die tropischen Länder (s. Seine Aufzeichnungen von Teneriffa, S. „Von Gelehrten besucht und beschrieben worden ist Teneriffa wie kein anderer Punkt der Welt“) (S. 51).

No entanto, isto fazia parte da educação e da visão romântica do mundo no início do século XIX. Daí a afinidade (“eletiva”) de sua escolha de palavras e o entusiasmo (de ambos) pela beleza e harmonia da natureza como eles a experimentam e descrevem.

Esta impressão é reforçada se formos além do relato de viagem de Chamisso e analisarmos “A História Maravilhosa de Peter Schlemihl” (1813), sua obra anterior de sucesso.

Chamisso

A História Maravilhosa de Peter Schlemihl

A história ou conto de fadas é bem conhecida: Peter Schlemihl é um jovem que volta de uma longa viagem marítima e nessa mesma noite vai se encontrar com o Sr. Thomas John, a quem ele dá uma carta de recomendação na esperança de que isso o ajude a conseguir um emprego, do qual ele precisa desesperadamente. Ele reconhece o homem com quem precisa falar “pelo brilho de sua corpulenta complacência”. Ele recebeu Pedro muito gentilmente, ofereceu-lhe comida e bebida e, antes que partisse, fez-lhe uma oferta lisonjeadora: comprar a sombra de Peter. Em troca, Thomas John lhe oferece uma bolsa de couro que é inesgotavelmente preenchida com moedas de ouro. “Negócio fechado! Em troca da bolsa você fica com a minha sombra!” (p. 24). Esta venda se tornaria o infortúnio de Peter, principalmente porque todas as pessoas que o conheciam imediatamente notavam que ele não tinha sombra e se assustavam com ele. Peter Schlemihl lamenta sua troca naquela mesma noite, mas não consegue mais encontrar o homem que lhe arrancou sua sombra. Peter Schlemihl não ousa mais sair para a rua, para a luz do dia, porque todos percebem imediatamente que ele “não tem sombra” e até mesmo as crianças na rua o molestam. Esta falha não pode ser ignorada pelo amor de Minna nem apagada pela lealdade de seu bom servo.

Dies gehörte jedoch zur Ausbildung und romantischen Weltanschauung zu Beginn des 19. Jh. Daher stammt die („Wahl“-) Verwandtschaft ihrer Wortwahl und die Begeisterung (beider) für die Schönheit und Harmonie der Natur, wie sie sie erleben und beschreiben.

Dieser Eindruck wird bestärkt, wenn wir über den Reisebericht Chamissos hinaus auch auf sein Jugend- und Erfolgswerk *Peter Schlemihls wundersame Geschichte* (1813) zurückgreifen.

Chamisso

Peter Schlemihl wundersame Geschichte

Die Geschichte oder das Märchen ist ja allseits bekannt: Peter Schlemihl ist ein junger Mann, der von einer langen Seereise heimkehrt und noch am gleichen Abend Herrn Thomas John aufsucht, dem er ein Empfehlungsschreiben übergibt, in der Hoffnung, dadurch eine Arbeitsstelle zu bekommen, die er dringend nötig hat. Er erkennt den Mann, den er sprechen muss, „am Glanze seiner wohlbeliebten Selbstzufriedenheit“, er empfing unseren Peter sehr freundlich, bot ihm Essen und Getränke an, und machte ihm beim fortgehen ein schmeichelhaftes Angebot: Peters Schatten abzukaufen. Als Gegenleistung bietet ihm Thomas John einen ledernen Geldbeutel, der unerschöpflich mit Goldstücken gefüllt ist. „Topp! Der Handel gilt, für den Beutel haben Sie meinen Schatten!“ (S. 24) Dieser Verkauf sollte Peter zum Verhängnis werden, zumal alle Menschen, die ihm begegneten, sofort bemerkten, dass er keinen Schatten hatte (war) und sich darob erschreckt zeigten. Peter Schlemihl bereut noch in der gleichen Nacht seinen Tausch, doch kann er den Mann nicht mehr finden, der ihm seinen Schatten entrissen hat. Peter Schlemihl traut sich nun nicht mehr auf die Straße, in die Helligkeit, weil alle sofort bemerken, dass er „schattenlos“ ist, und sogar die Kinder auf der Straße ihn anpöbeln. Diesen Makel kann nicht einmal von der Liebe Minnas übersehen werden oder durch die Treue seines braven Dieners getilgt werden.

Peter deixa sua cidade natal e se muda para um país estrangeiro (exílio), onde se esconde atrás de todo seu ouro e dinheiro e vive no luxo, tentando encobrir sua falta de sombra. Após cerca de um ano, é oferecida a ele a oportunidade de ganhar a sua sombra de volta em troca da sua alma. Mas Peter se recusa a fazer este acordo com Thomas John, perde sua bolsa de ouro e tem que seguir a pé através de bosques e campos.

Ele caminha em direção ao norte e se depara com campos de gelo e florestas nunca vistas até encontrar plantas do sudeste asiático. Obviamente, ele se apaixona por aquelas “terras, com sua maravilhosa diversidade de prados, montanhas, estepes e desertos arenosos, desenrolando-se diante de seu olhar espantado: não havia dúvida de que ele tinha botas de sete léguas em seus pés” (p. 74). “Caí de joelhos em devoção silenciosa e derramei lágrimas de gratidão, pois meu futuro de repente ficou claro diante de minha alma.

Excluído da sociedade humana através da culpa precoce, fui dirigido à natureza, por mim sempre adorada, como substituto, a terra que me foi dada como um rico jardim, o estudo como a direção e a força de minha vida, a ciência como seu objetivo. Não foi minha própria decisão” (p. 74). Só posso interpretar o que ele quer dizer com “culpa precoce” como sua origem na nobreza, o que faz dele um exilado, expulso de sua classe social e de seu próprio país.

Peter verlässt seine Heimatstadt und zieht in die Fremde (Exil), wo er sich hinter seinem vielen Gold und Geld versteckt in Saus und Braus lebt und versucht, seine Schattenlosigkeit zu überspielen. Nach etwa einem Jahr bietet sich ihm die Gelegenheit, seinen Schatten gegen seine Seele einzutauschen. Doch diesen Handel schlägt Peter dem Thomas John aus, verliert dadurch sein Goldsäckel und muss dann zu Fuß weiter durch Wald und Feld ziehen.

Er läuft (immer) gegen Norden und kommt über Eisfelder und nie gesehene Wälder bis er südöstliche asiatische Gewächse vorfindet. Offensichtlich verfällt er in den „wunderbar veränderlichen Länder, Fluren, Auen, Gebirge, Steppen, Sandwüsten, entrollen sich vor seinem staunenden Blick: es war kein Zweifel, er hatte Siebenmeilenstiefel an den Füßen (S. 74), Ich fiel in stummer Andacht auf meine Knie und vergoss Tränen des Dankes - denn klar stand plötzlich meine Zukunft vor meiner Seele.

Durch frühe Schuld von der menschlichen Gesellschaft ausgeschlossen, ward ich zum Ersatz an die Natur, die ich stets geliebt, gewiesen, die Erde mir zu einem reichen Garten gegeben, das Studium zur Richtung und Kraft meines Lebens, zu ihrem Ziel, die Wissenschaft. Es war nicht ein Entschluss, den ich fasste.“ (S. 74) Was er durch „frühe Schuld“ wohl meint, kann ich nur als seine Zugehörigkeit zum Adel interpretieren, die ihn zu einem Exilanten macht, verstoßen aus seiner sozialen Schicht und aus seinem eigenen Lande.

Aqui, analistas e críticos apontam para o fato de que Chamisso, que se identificou totalmente com seu Peter Schlemihl (Thomas Mann descreveu como “forma autobiográfica, confessional”, p. 74), tomou sua decisão neste ponto: não tomar o caminho da poesia e do lirismo no futuro, mas o da Ciência e da Botânica. Estas devem agora formar a nova linha-mestra da sua vida. Thomas Mann sempre interpretou a história de Peter Schlemihl não como uma fábula, mas como a história “fantástica” da autodescoberta, ou seja, “a descrição vivida do sofrimento de uma pessoa marcada e excluída”: o homem no exílio?! E o autor do doutor Fausto se pergunta: “O que significa então a ausência de sombras?”. Não o que muitos interpretaram apressadamente: o homem sem pátria (*ibid.* p. 79).

A História Maravilhosa de Peter Schlemihl traz sombra e dinheiro a um denominador comum, que pode ser visto como um símbolo da solidez burguesa e dos vínculos humanos. Aqueles que não têm sombra (ou seja, dinheiro) não pertencem à sociedade estabelecida. Isto pode significar a experiência do exílio de uma forma fabulosa na história maravilhosa de Peter Schlemihl. Mas agora devemos passar para a segunda pergunta. A questão era: se o relato de viagem de Langsdorff, que de alguma forma esteve envolvido na criação da maravilhosa história de Peter Schlemihl, poderia ter inspirado a imaginação de Chamisso. A resposta é que não precisa ter sido necessariamente influência do relatório de Langsdorff. Outros circunavegadores e viajantes do mundo na virada do século XVIII ao XIX podem ter inspirado igual ou exclusivamente a imaginação de Chamisso.

Neste caso, as datas de publicação de 1812, para o diário de viagens de Langsdorff ao redor do mundo (por volta de 1803-1807) e 1813, para a publicação da maravilhosa história de Chamisso, podem ter sido mera coincidência. Entretanto, vale a pena ler e interpretar mais algumas páginas deste texto caprichoso de Chamisso. Peter Schlemihl teve o seguinte sonho:

Hier weisen nun Kommentatoren und Kritiker auf die Tatsache hin, dass Chamisso, der sich total mit seinem Peter Schlemihl identifizierte (Thomas Mann sprach von „autobiographischer, bekenntnismäßiger Form“ (S. 74) an dieser Stelle seine Entscheidung getroffen hat: nicht den Weg der Lyrik und Poesie in Zukunft einzuschlagen, sondern jenen der Wissenschaft und der Botanik. Diese sollten nun die neuen Richtlinien für sein Leben ausmachen. Thomas Mann hat seit eh und je, die Geschichte des Peter Schlemihls gattungsmässig nicht als Märchen interpretiert, sondern hierin die „wundersame“ Geschichte einer Selbstfindung herausgelesen, m.a.W., die erlebte Schilderung der Leiden eines Gezeichneten und Ausgeschlossenen“: der Mensch im Exil?!. Und der Autor des Doktor Faustus fragt sich: „Was bedeutet denn die Schattenlosigkeit?“ Nicht das, was viele sofort hineininterpretieren wollten: der Mann ohne Vaterland (ibid. S. 79).

Schlemihls wundersame Geschichte bringt Schatten und Geld auf einen gemeinsamen Nenner der als Symbol von bürgerlicher Solidität und menschlichen Zugehörigkeit angesehen werden kann. Wer keinen Schatten (d.h. kein Geld hat) gehört nicht zur etablierten Gesellschaft. Dies kann die Erfahrung des Exils auf fabelhafte Art und Weise in der wundersamen Geschichte des Peter Schlemihls bedeuten. Doch müssen wir jetzt zur Beantwortung der zweiten Frage übergehen. Diese lautete: ob Langsdorffs Reisebericht die an der Entstehung des wundersamen Geschichtes des Peter Schlemihls irgendwie beteiligt war, vielmehr die Phantasie Chamissos angeregt haben könnte. Die Antwort lautet: es muss ja nicht unbedingt der Langsdorffs-Bericht gewesen sein, andere Weltumsegler oder Weltreisende um die Jahrhundertwende (vom 18. Zum 19.Jh) können gleichsam oder ausschließlich Chamissos Phantasie angeregt haben.

In diesem Falle wären die Veröffentlichungsdaten 1812 (für L's Reisebericht um die Welt um 1803-1807) und die Veröffentlichung der wundersamen Geschichte Chamissos (1813) reiner Zufall gewesen sein. Doch lohnt es sich, einige Seiten weiter dieses wunderlichen Textes von Chamisso zu lesen und zu interpretieren. Peter Schlemihl träumte es:

“Eu estava nas montanhas do Tibete e o sol, que se levantara havia poucas horas, já estava inclinado aqui no céu da noite. Andei pela Ásia de leste a oeste [Langsdorff atravessou a Sibéria de Kamchatka até São Petersburgo; BF]. Alcancei o sol em seu curso e cheguei à África. Olhei à minha volta curiosamente e andei repetidamente em todas as direções. Ao contemplar as antigas pirâmides e templos do Egito, avistei no deserto, perto de Tebas e seus cem portões, as cavernas onde outrora habitavam os ermitãos cristãos” (p. 74)

“Atravessei as Colunas de Hércules e cheguei à Europa. Depois de ter visto suas províncias de norte a sul, do norte da Ásia atravessei pelo glacial polar em direção à Groenlândia e à América, e viajei por ambas as partes deste continente. O inverno, que já estava no sul, rapidamente me levou de volta para o norte a partir do Cabo Horn. Fiquei até que amanhecesse no leste da Ásia, e só continuei minhas peregrinações depois de algum descanso. Segui, ao longo das duas Américas, pela cadeia de montanhas que abriga as mais altas elevações conhecidas em nosso planeta. Passei lenta e cuidadosamente de pico em pico, às vezes sobre vulcões em chamas, às vezes sobre cúpulas cobertas de neve, muitas vezes respirando com dificuldade, cheguei ao Monte Elias e saltei do Estreito de Bering para a Ásia” (p. 75).

O “Wunschtraum” de Chamisso, seu sonho impossível, seu pressentimento nos leva em nossa leitura para a Malásia, Sumatra, Java, Bali e Lamboc, até os Mares do Sul na Austrália (naquela época ainda “New Holland”).

Seu sonho, um “Wunschtraum”, uma premonição, termina com os preparativos de viagem, que se iniciam com a compra de chinelos novos (os antigos estavam muito gastos), passam para instrumentos de medição como cronômetros (relógios), sextantes, livros... e terminam com a caminhada do Equador até os polos, na qual avista avestruzes africanos e “particularmente as palmeiras tropicais e as bananas”.

„Ich stand auf den Höhen des Tibet, und die Sonne, die mir vor wenigen Stunden aufgegangen war, neigte sich hier schon am Abendhimmel, ich durchwanderte Asien von Osten gegen Westen, sie in ihrem Lauf einholend, und traf in Afrika ein. Ich sah mich neugierig darin um, indem ich es weiderholt in allen Richtungen durchmaß. Wie ich durch Ägypten die alten Pyramiden und Tempel angaffte, erblickte ich in der Wüste, unfern des Thebens mit seinen hundert Toren, die Höhlen, wo christliche Einsiedler einst wohnten.“ (S. 74).

„Ich trat bei den Herkules-Säulen nach Europa über, und nachdem ich seine südlichen und nördlichen Provinzen in Augenschein genommen, trat ich von Nordasien über den Polargletscher nach Grönland und Amerika über, durchschweifte die beiden Teile dieses Kontinents, und der Winter, der schon im Süden herrschte, trieb mich schnell vom Kap Horn nordwärts zurück. Ich verweilte mich bis es im östlichen Asien Tag wurde, und setzte erst nach einiger Ruh meine Wanderung fort. Ich verfolgte durch beide Amerika die Bergkette, die die höchsten bekannten Unebenheiten unserer Kugel in sich fasst. Ich schritt langsam und vorsichtig von Gipfel zu Gipfel, bald über flammende Vulkane, bald über beschneite Kuppeln, oft mit Mühe atmend, ich erreichte den Eliasberg und sprang über die Beringstraße nach Asien.“ (S. 75).

Chamissos Traum, Wunschtraum, Vorahnung (premonição) führt uns bei unserer Lektüre noch wie nach Malaysia, Sumatra, Java, Bali und Lamboc bis in die Südsee nach Australien (damals noch „Neuholland“).

„Der Traum, Wunschtraum, Vorahnung endet mit Reisevorbereitungen, die erst einmal mit dem Ankauf neuer Pantoffeln (die alten waren zu abgelaufen) beginnt, doch dann auf Messgeräte übergehen, wie Chronometer (Zeitmesser) Sextanten, Bücher und endet mit der Wanderung vom Äquator zu den Polen, Besichtigung der afrikanischen Strauße und „besonders der Tropen-Palmen und Bananen“.

Aqui temos uma quase “antecipação sistemática” de tudo o que realmente resulta de sua circunavegação do mundo de 1815-1818, ou da viagem de Langsdorff ao redor do mundo (1803-1807) e a expedição de Alexander von Humboldt aos trópicos da América (*Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Monde*, 1799-1804), que foi publicada em 1805.

Na minha opinião, três coisas são surpreendentes: a inversão temporal (o verdadeiro relato de viagem não foi escrito até 1836) e a história fantástica de Schlemihl, com todos os seus detalhes, é realmente fantástica; o fato de que a perda da sombra e a questão do dinheiro não têm mais importância neste sonho; e, finalmente, que tudo indica que as leituras de viagem de Chamisso primeiro o fazem sonhar e, depois, seus sonhos se concretizam e transformam a fantasia em realidade.

A terceira pergunta que se põe, embora já esclarecida pela resposta às outras duas, é a seguinte: Chamisso não precisou de nenhum modelo, porque em suas imagens oníricas do fantástico conto de Schlemihl ele já havia antecipado a condensação de seus sonhos no sentido freudiano.

Hier haben wir eine fast „systematische Vorwegnahme“ all dessen, was sich dann tatsächlich auf seiner Weltumsegelung von 1815-1818 ergibt, bzw. auf der Weltreise von Langsdorff (1803-1807) und von Alexander von Humboldts Forschungsreise in die Tropen Amerikas. (Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Monde, 1799-1804) die 1805 bereits veröffentlicht wurde.

Erstaunlich sind m.E. drei Dinge: die zeitliche Verkehrung (der wahre Reisebericht wird erst 1836 geschrieben) und die „wundersame Schemihl Geschichte“ mit all diesen Details ist tatsächlich wundersam; die Tatsache, dass der Schattenverlust und die Geldfrage in diesem Traum nicht mehr zur Debatte steht, und schließlich, dass doch alles daraufhindeutet, dass Chamissos Reiselektüren ihn zunächst träumen lassen und anschließend zur Verwirklichung des Wunschenkens im Traume dann in der Wirklichkeit zustande kommt.

Die dritte Frage, um die es letztendlich nun geht, die aber mit der Beantwortung der anderen beiden bereit ihre Klärung findet, ist folgende: Vorbilder brauchte Chamisso keine, weil er, in seinen Traumbildern der wundersamen Schlemihls Geschichte, die Verdichtung im Freudschen Sinne bereits vorweggenommen hat.

Resumo

Os roteiros de Langsdorff e Chamisso pelo Atlântico e Pacífico têm pontos em comum. Os dois naturalistas percorreram os “mesmos” mares, portos, ilhas e terras, entre elas, Santa Catharina (antiga Desterro), no Brasil, e São Francisco, na Califórnia. Os navios “Neva” e “Rurik” saíram de São Petersburgo passando por Copenhague, onde Langsdorff embarcou no primeiro (1803) e Chamisso, no segundo (1815), ambos na qualidade de cientistas naturais mais tolerados do que contratados. Nessa função foram encarregados por aristocratas russos de observar a natureza, registrar paisagens, tipos humanos, descrever suas línguas e tradições. Também foram incumbidos de fazer observações sobre o reino animal, mineral e das plantas. Contudo, não houve sobreposição de tarefas: a circunavegação de Langsdorff, sob o comando de von Krusenstern, deveria estabelecer relações diplomáticas e comerciais com o Japão; a de Chamisso, sob o comando de von Kotzebue, teve a tarefa de encontrar uma passagem para o Oceano Pacífico pelo Polo Norte e o Mar Ártico. Chamisso, leitor voraz, certamente leu o relato de Langsdorff sobre sua viagem de circunavegação, publicado em 1812, ano em que Chamisso, também poeta, redigiu o seu conto *A História Maravilhosa de Peter Schlemihl*, o homem que vendeu sua sombra.

Zusammenfassung

Die Routen von Langsdorff und Chamisso über den Atlantik und den Pazifik haben einige Gemeinsamkeiten. Die beiden Naturforscher bereisten dieselben Meere, Häfen, Inseln und Länder, darunter Santa Catarina (früher Desterro) in Brasilien und San Francisco in Kalifornien. Die Schiffe „Neva“ und „Rurik“ verließen St. Petersburg mit Zwischenstopp in Kopenhagen, wo Langsdorff an Bord des ersten (1803) und Chamisso an Bord des zweiten (1815) gingen, beide als Naturwissenschaftler mehr geduldet als angeheuert. Als solche waren sie von russischen Aristokraten beauftragt, die Natur zu beobachten, Landschaften und Menschen zu erforschen, ihre Sprachen und Traditionen zu beschreiben und Beobachtungen über das Tier-, Mineral- und Pflanzenreich anzustellen. Die Aufgaben waren jedoch unterschiedlich: Langsdorffs Reise unter von Krusenstern diente der Aufnahme diplomatischer und handelspolitischer Beziehungen zu Japan; Chamissos Mission unter von Kotzebue hatte die Zielsetzung, eine Passage zum Pazifischen Ozean über den Nordpol und das Nordpolarmeer zu finden. Der lesehungrige Chamisso hatte sicherlich Langsdorffs Reisebericht über dessen Weltumsegelung gelesen, der 1812 veröffentlicht wurde, im selben Jahr, in dem der Dichter Chamisso seine Erzählung *Peter Schlemihls wundersame Geschichte* schrieb.

Bibliografia

CHAMISSO, Adalbert von. *Reise um die Welt* <Die andere Bibliothek>. Berlin, 2012.

Bibliographie

CHAMISSO, Adalbert von: “Reise um die Welt” <Die andere Bibliothek> Berlin, 2012.



Adelbert von Chamisso, retratado por Robert Reinick, 1831. Imagem sob domínio público.
Wikimedia Commons.

Adelbert von Chamisso, gezeichnet von Robert Reinick, 1831. Als gemeinfrei kennzeichnet.
Wikimedia Commons.



Georg Heinrich von Langsdorff. Retrato por L. Bojanus Profess., 1809. Imagem sob domínio público. [Wikimedia Commons](#).

Georg Heinrich von Langsdorff. Gezeichnet von L. Bojanus Profess., 1809. Als gemeinfrei gekennzeichnet. [Wikimedia Commons](#).



Atlas zur Reise in Brasilien von Dr. v. Spix und Dr. v. Martius. A fazenda da Mandioca de Georg Heinrich von Langsdorff, por volta de 1824. Imagem sob domínio público. Wikimedia Commons.
Atlas zur Reise in Brasilien von Dr. v. Spix und Dr. v. Martius. Das Landgut Mandioca von Georg Heinrich von Langsdorff, um 1824. Als gemeinfrei gekennzeichnet. Wikimedia Commons.



Fotografia do livro “A história maravilhosa de Peter Schlemihl’s” de Adelbert von Chamisso, 1814.
Coleção particular. Reprodução: Dr. Hans-Peter Haack.

Abbildung des Buches „Peter Schlemihl’s wundersame Geschichte“ von Adelbert von Chamisso, 1814.
Private Sammlung. Reproduktion: Dr. Hans-Peter Haack.

Os viajantes alemães Spix e Martius e sua visita há 200 anos ao interior brasileiro

Introdução

O ponto de partida deste ensaio é meu livro *Viajando com Langsdorff*, publicado em 2013 pela Editora do Senado em Brasília como volume 195, prefaciado por Mary del Priore. Trata-se de um estudo sobre a importância dos viajantes estrangeiros no Brasil do século XVIII para XIX, que desbravaram o interior do imenso território brasileiro, até então desconhecido para não dizer ignorado pelos colonizadores portugueses e espanhóis.

Ao fazer referência a esses dois viajantes, Spix e Martius, que tiveram mais êxito, sucesso e resultados do que a figura, para mim “trágica”, de Langsdorff, que tanto me impressionou, presto aqui minhas homenagens a esses dois bávaros que há duzentos anos coletaram materiais e informações científicas e naturais de valor inédito para o Brasil, em especial em suas terras interioranas do Mato Grosso e da Amazônia.

Comentários

Minha apresentação desses naturalistas faz basicamente recurso a três livros:

1. *Viagem pelo Brasil 1817-1820 em homenagem a Carl Friedrich Phillip von Martius* (vide o título original em alemão de Helbig, Jörg, na bibliografia);
2. *Um Brasil para Martius* (2012), livro do casal de pesquisadores brasileiros Pablo Diener e Maria de Fátima Costa (cfe. bibliografia); e
3. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*, tese de mestrado elaborada por Karen Machnow Lisboa, defendida na FAPESP em São Paulo, em 1997 (cfe. bibliografia no final).

Die deutschen Reisenden Spix und Martius und ihre Expedition im brasilianischen Landesinneren vor 200 Jahren

Einleitung

Ausgangspunkt ist mein Buch *Viajando com Langsdorff*, das 2013 bei Editora do Senado in Brasília als Band 195 erschienen ist, mit einem Vorwort von Mary del Priore. Es ist eine Studie über die Bedeutung ausländischer Reisender in Brasilien vom 18. bis zum 19. Jahrhundert, die das Innere des riesigen brasilianischen Territoriums erkundeten, das bis dahin den portugiesischen und spanischen Kolonisatoren unbekannt war, um nicht zu sagen von ihnen ignoriert wurde.

Indem ich mich auf diese beiden Reisenden, Spix und Martius, beziehe, die mehr Erfolg und Resultate erzielten als die für mich „tragische“ und dennoch beeindruckende Gestalt von Langsdorff, möchte ich diese beiden Bayern würdigen, die vor zweihundert Jahren wissenschaftliches und naturwissenschaftliches Material und Informationen von beispiellosem Wert für Brasilien gesammelt haben, insbesondere im Binnenland von Mato Grosso und Amazonien.

Kommentare

Meine Darstellung dieser Naturforscher stützt sich im Wesentlichen auf drei Bücher:

1. *Viagem pelo Brasil 1817-1820* em homenagem a Carl Friedrich Phillip von Martius (siehe den deutschen Originaltitel Helbig, Jörg, in der Bibliographie);
2. *Um Brasil para Martius*, (2012), ein Buch des brasilianischen Forscherehepaars Pablo Diener und Maria de Fátima Costa (siehe Bibliographie); und
3. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*, Magisterarbeit von Karen Machnow Lisboa, verteidigt an der FAPESP in São Paulo im Jahr 1997 (siehe Bibliographie am Ende).

No primeiro caso trata-se de um catálogo que acompanhou a exposição que faz – como já diz seu título – uma homenagem aos duzentos anos do nascimento do naturalista von Martius e resalta uma das coleções etnográficas da Divisão do Museu Estadual de Munique – “Entre Índios Brasileiros” – com destaque a ornamentos e enfeites de penas de aves para a cabeça, armas e máscaras indígenas das mais variadas tribos da Amazônia.

No segundo caso, a fonte, por mim privilegiada, contém 20 páginas de cartas da correspondência de Martius, que sobreviveu seu colega Spix (falecido em 1826), cartas essas em que dei destaque a D. Pedro I, Dona Amália von Leuchtenberg e D. Pedro II.

No caso da tese de mestrado, apresentada por Karen M. Lisboa, destaco (no IV capítulo) uma denúncia de eurocentrismo dos dois bávaros, que via de regra somente colheram elogios e admiração de sua viagem pelo Brasil imperial em uma época de valorização da ciência, cultura e iluminação (vide os *Tempos do Imperador, D. Pedro II*).

Spix, zoólogo, e Martius, botânico, foram indicados pelo Rei José Maximiliano I da Baviera como dois cientistas renomados da Academia de Ciências Bávara para acompanhar a Expedição da Princesa Leopoldina da Áustria (noiva e primeira mulher de D. Pedro I) em sua viagem para o Brasil, em 1817. Neste caso, inúmeros cientistas austríacos foram indicados por Metternich para fazerem pesquisas no Brasil, no estilo de Alexander von Humboldt na virada do século XVIII para o XIX. É bom lembrar que, nessa época, Humboldt havia recebido autorização do rei da Espanha para explorar as colônias espanholas do norte do continente sul-americano (Venezuela, Equador e Peru). Contudo, D. João VI, regente das colônias portuguesas do sul do continente, havia negado, nessa ocasião, ao viajante alemão da Prússia o acesso às colônias portuguesas com ameaça de expulsão e prisão caso se aventurasse a entrar em território brasileiro. Dez anos depois, refugiado no Rio de Janeiro para escapar dos franceses que ocupavam Portugal, mudara de opinião.

Im ersten Fall handelt es sich um einen Katalog zur Ausstellung, der - wie der Titel schon sagt - den zweihundertsten Geburtstag des Naturforschers von Martius würdigt und eine ethnografische Sammlung aus der Abteilung „Entre Índios Brasileiros“ (Unter brasilianischen Indianern) des Münchner Staatsmuseums vorstellt, wobei der Schwerpunkt auf Ornamenten und Kopfschmuck aus Vogelfedern, Waffen und indigenen Masken verschiedenster Amazonasstämme liegt.

Die zweite von mir gewählte Quelle enthält 20 Seiten Briefe aus der Korrespondenz von Martius, der seinen 1826 verstorbenen Kollegen Spix überlebte. Hinsichtlich dieser Briefe hebe ich D. Pedro I, Dona Amália von Leuchtenberg und D. Pedro II hervor.

Im Fall der von Karen M. Lisboa vorgelegten Masterarbeit weise ich (im 4. Kapitel der betreffenden Arbeit) auf den Eurozentrismus der beiden Bayern hin, die in der Regel nur Lob und Bewunderung für ihre Reise ins kaiserliche Brasilien zu einer Zeit ernteten, in der Wissenschaft, Kultur und Aufklärung einen hohen Stellenwert hatten (siehe „Tempos do Imperador, D. Pedro II“).

Spix, ein Zoologe, und Martius, ein Botaniker, wurden als renommierte Wissenschaftler der Bayerischen Akademie der Wissenschaften von König Joseph Maximilian I. von Bayern damit beauftragt, Prinzessin Leopoldina von Österreich (Verlobte und erste Frau von König Pedro I) auf ihrer Expeditionsreise nach Brasilien im Jahr 1817 zu begleiten. Damals wurden unzählige österreichische Wissenschaftler von Metternich beauftragt, in Brasilien zu forschen, ganz im Stil von Alexander von Humboldt an der Wende vom 18. zum 19. Jahrhundert. Es sei daran erinnert, dass Humboldt damals vom spanischen König die Genehmigung erhalten hatte, die spanischen Kolonien im Norden des südamerikanischen Kontinents (Venezuela, Ecuador und Peru) zu erforschen. König João VI, Regent der portugiesischen Kolonien im Süden des Kontinents, hatte dem deutschen Reisenden aus Preußen zu dieser Zeit jedoch den Zugang zu den portugiesischen Kolonien verwehrt und ihm mit Ausweisung und Gefängnis gedroht, sollte er es wagen, brasilianisches Territorium zu betreten. Zehn Jahre später hatte der Prinzregent, der in Rio de Janeiro Zuflucht gesucht hatte, um der französischen Besatzung Portugals zu entgehen, seine Meinung geändert.

A data de 1817 foi única e beneficiava os cientistas e naturalistas da Baviera, Spix e Martius, convidados e pagos pelo Rei José Maximiliano I da Baviera, para acompanhar D. Leopoldina, a filha de Maria Theresia da Áustria, e a equipe científica de Viena para o Rio, no contexto da formalização de seu casamento com D. Pedro I, Conde de Beira. Já desde o início da viagem os dois bávaros – o botânico e o zoólogo – não se integraram bem na equipe austríaca por razões de competição entre os naturalistas e sua independência financeira, garantida pelo rei da Baviera. Por isso, Spix e Martius, ao chegarem ao Brasil, rapidamente se desligaram da equipe austríaca, tomando seus próprios rumos. Levavam consigo a autorização de D. João VI, de penetrar na bacia dos rios Madeira, Tapajós, Xingu, conforme revela a rica correspondência analisada e reunida por Pablo Diener e Maria de Fátima Costa.

Os dois naturalistas permaneceram juntos no Brasil por quase quatro anos, coletando, cada um para a sua especialidade – Zoologia e Botânica – uma infinidade de amostras (vide mapa de Ludwig Tiefenbach, p. 30, *in* Jörg Helbig).

Juntos eles percorreram a seguinte rota: Rio de Janeiro, São Paulo, Sorocaba, (com a mina de ferro de Ipanema); passaram por São João del Rey, Vila Rica (hoje Ouro Preto) e conheceram o pico de Itacolomy (região rica em ouro), Porto Salgado, Frotta, Salvador da Bahia (Ilhéus), Cachoeira; Joazeiro, Oeiras, Caxias, Maranhão (São Luís) e Pará (Belém). Daqui em diante seguiram ainda juntos até Óbidos, Manaus, e o Rio Negro. A partir desse afluente, seus destinos se separaram provisoriamente: Spix seguiu pelo Solimões até Ega (Tefé) e depois até Tabatinga, com um desvio por Barcelos, ainda ao longo do rio Solimões, hoje Amazonas. Martius fez um desvio para Araracoara (ao longo dos afluentes Içá e Japurá). Depois se reencontraram novamente em Belém e São Luís. Spix (como Langsdorff, na mesma época), passou a ter sintomas das febres intermitentes (malária), mas sobreviveu à doença e voltou para a Europa com Martius em dezembro de 1819/ janeiro de 1820.

Das besondere Datum des Jahres 1817 kam den Wissenschaftlern und Naturforschern Spix und Martius zugute, die von König Joseph Maximilian I von Bayern eingeladen und bezahlt wurden, um Dona Leopoldina, die Tochter von Maria Theresia von Österreich, im Rahmen der Formalisierung ihrer Ehe mit Don Pedro I., Graf von Beira, von Wien nach Rio zu begleiten. Schon zu Beginn der Reise waren die beiden Bayern - der Botaniker und der Zoologe - aufgrund ihrer gegenseitigen Konkurrenz und ihrer vom bayerischen König garantierten finanziellen Unabhängigkeit nicht gut in das österreichische Team integriert. Aus diesem Grund trennten sich Spix und Martius bei ihrer Ankunft in Brasilien schnell vom österreichischen Team und gingen ihre eigenen Wege. Wie aus der umfangreichen Korrespondenz hervorgeht, die von Pablo Diener und Maria de Fátima Costa analysiert und gesammelt wurde, führten sie die Erlaubnis von D. João VI mit sich, in die Flussgebiete von Madeira, Tapajós und Xingu vorzudringen.

Die beiden Naturforscher hielten sich fast vier Jahre lang gemeinsam in Brasilien auf und sammelten, jeder für sein Fachgebiet - Zoologie und Botanik - eine Vielzahl von Proben (siehe Karte von Ludwig Tiefenbach, S. 30 *in* Jörg Helbig).

Gemeinsam legten sie die folgende Strecke zurück: Rio de Janeiro, São Paulo, Sorocaba (mit der Eisenmine von Ipanema); sie kamen durch São João del Rey, Vila Rica (heute Ouro Preto) und erkundeten den Gipfel von Itacolomy (goldreiche Region), Porto Salgado, Frotta, Salvador da Bahia (Ilhéus), Cachoeira; Joazeiro, Oeiras, Caxias, Maranhão (São Luís), Pará (Belém). Von hier aus fuhren sie gemeinsam bis nach Óbidos, Manaus und zum Rio Negro. An diesem Nebenfluss trennten sich vorübergehend ihre Wege: Spix folgte dem Rio Solimões bis nach Ega (Tefé) und dann nach Tabatinga mit einem Zwischenhalt in Barcellos, immer noch entlang des Solimões, dem heutigen Amazonas. Martius machte (entlang der Nebenflüsse Içá und Japurá) eine Zwischenstation in Araracoara. Anschließend trafen sie sich in Belém und São Luís wieder. Spix litt (wie Langsdorff zur gleichen Zeit) unter Symptomen von Fieberschüben (Malaria), überlebte aber die Krankheit und kehrte im Dezember 1819/Januar 1820 mit Martius nach Europa zurück.

O primeiro tomo relativo à viagem de ambos, baseado em seus diários, saiu em 1823, quando foram agraciados com o título de nobreza (acrescentando-se “von” diante de seus sobrenomes burgueses). Em 1826, faleceu o zoólogo von Spix, com 45 anos, de suas doenças tropicais. Von Martius dispôs-se a dar continuidade aos trabalhos de transcrição, avaliação e classificação de ambos, publicando seus diários de viagem até sua morte em 1868. Na íntegra, a avaliação da viagem dos dois somente foi concluída em 1906.

Ernst Fittkau, que apresenta a vida e a obra de von Spix na primeira referência bibliográfica, refere-se a uma sobrevalorização da vida e obra de von Martius, que mais se deve à sua longevidade (de mais de 60 anos em comparação a von Spix) e que não estaria fazendo jus à verdadeira contribuição que tanto o zoólogo quanto o biólogo deram para o melhor conhecimento do Brasil conjuntamente e também individualmente, cada um para a sua área.

Von Spix empenhou-se em destacar o conjunto de saberes sobre a vida animal (em especial dos pássaros) no Brasil e todas as formas animais reunidas em uma revista, *Spixiana*, por ele criada. Vide a pintura sobre *As Formas Animais da América Tropical*, mas também “A Coleção Zoológica” que a expedição reuniu com 85 espécies de mamíferos, 350 pássaros, 130 anfíbios, 116 peixes, 2.700 insetos, 80 aranhas e 80 crustáceos.

“Ao morrer, em 1826, von Spix já havia publicado, em 5 volumes ilustrados, a coleção dos animais vertebrados. Estes continham um total de 488 espécies, das quais 35 eram primatas, 17 morcegos, 289 pássaros, 42 lagartos, 44 cobras, 18 tartarugas e 53 rãs” (cf. Diener, Pablo e Costa, Maria de Fátima, *op. cit.*, p. 63).

Mit Erscheinen des ersten Bands ihrer Reise, basierend auf ihren Tagebüchern, wurden beide Naturforscher in den Adelsstand erhoben (indem sie ihrem bürgerlichen Nachnamen das Adelspartikel „von“ voranstellten). Im Jahr 1826 starb der Zoologe von Spix im Alter von 45 Jahren an seinen Tropenkrankheiten. Von Martius war jedoch bestrebt, die gemeinsame Arbeit der Transkription, Bewertung und Klassifizierung fortzusetzen und veröffentlichte bis zu seinem Tod im Jahr 1868 seine Reisetagebücher. Die vollständige Auswertung ihrer gemeinsamen Reise wurde erst 1906 abgeschlossen.

Ernst Fittkau, der Leben und Werk von Spix in der ersten bibliographischen Referenz vorstellt, verweist auf eine Überbewertung von Leben und Werk von Martius, die eher seiner langen Lebenszeit (von mehr als 60 Jahren im Vergleich zu von Spix) geschuldet ist und die dem wahren Beitrag, den sowohl der Zoologe als auch der Biologe gemeinsam und auch einzeln, jeder für sein Gebiet, zur besseren Kenntnis Brasiliens geleistet haben, nicht gerecht werden würde.

Von Spix war bestrebt, das Wissen über die Tierwelt (insbesondere die Vögel) in Brasilien und alle Tierformen in einer von ihm gegründeten Zeitschrift, *Spixiana*, zusammenzufassen. Siehe das Gemälde über die *Tierarten des tropischen Amerikas*, aber auch „Die zoologische Sammlung“, die die Expedition mit sich führte, mit 85 Säugetierarten, 350 Vögeln, 130 Amphibien, 116 Fischen, 2.700 Insekten, 80 Spinnen und 80 Krustentieren.

„Als er 1826 starb, hatte von Spix bereits in fünf illustrierten Bänden die Sammlung der Wirbeltiere veröffentlicht. Diese umfassten insgesamt 488 Arten, darunter 35 Primaten, 17 Fledermäuse, 289 Vögel, 42 Eidechsen, 44 Schlangen, 18 Schildkröten und 53 Frösche.“ (siehe Diener, Pablo und Costa, Maria de Fatima, *op.cit.* S. 63)

Ambos os autores citados dão destaque ao acervo etnográfico, reunido pelos dois amigos naturalistas da Baviera: ornamentos, roupas, armas, ferramentas e objetos de uso indígenas, em que dão destaque aos trabalhos feitos de penas oriundas das regiões centrais do Amazonas. Boa parte dos indígenas artífices já desapareceram, como desapareceram hoje suas produções culturais e tradições de vida. Por isso, esses artefatos ainda têm hoje um valor documental especial. Na viagem de retorno, os dois naturalistas visitaram, entre outras, tribos mundurucus à margem dos rios Tapajós e Madeira. Parece-me importante mencionar a ingenuidade e até mesmo o descuido e a leviandade dos dois naturalistas com relação aos indígenas vivos, que encontraram em sua viagem pelo seu roteiro, decidindo levar quatro deles vivos para a Europa. Dois deles acabaram morrendo em plena viagem marítima pelo Atlântico. Os outros dois não aguentaram o frio do inverno, falecendo também pouco depois de chegarem em terra firme. (cf. p. 51). Dessa visita foram “salvos” troféus, máscaras, rostos de demônios assustadores (cf. p. 120-129 e p. 233-236), cabeças de animais, arcos, flechas e utensílios do dia a dia.

Ao retornar da viagem pelo Brasil, von Martius levou para Munique aproximadamente 20.000 amostras contendo 6.500 espécies de plantas. Cada um dos indivíduos foi representado por até cinco amostras. Como von Martius não leva em conta os locais em que essas espécies individuais foram coletadas, a contagem deve ser recalculada para 8.000 espécies individuais. A excelência do material fica evidente no primeiro produto da viagem, isto é, na publicação *Nova genera et species plantarum*.

Die beiden erwähnten Autoren verweisen auf die ethnografische Sammlung der beiden bayerischen Naturforscherfreunde: Ornamente, Kleidung, Waffen, Werkzeuge und Gebrauchsgegenstände der Indigenen, unter denen die Federkunst aus den zentralen Regionen des Amazonas hervorsteicht. Viele der indigenen Kunsthandwerker sind bereits verschwunden, ebenso wie ihre kulturellen Produktionen und Lebenstraditionen heute verschwunden sind. Daher haben diese Artefakte heute einen besonderen dokumentarischen Wert. Auf ihrer Rückreise besuchten die beiden Naturforscher unter anderem die Stämme der Mundurucus an den Ufern der Flüsse Tapajós und Madeira. Es scheint mir wichtig, die Naivität, ja sogar die Fahrlässigkeit und Leichtfertigkeit der beiden Naturforscher gegenüber den lebenden Indigenen zu erwähnen, denen sie auf ihrer Reise begegneten, als sie beschlossen, vier von ihnen *lebend* nach Europa zu bringen. Zwei von ihnen starben schließlich mitten auf ihrer Seereise über den Atlantik. Die beiden anderen konnten den kalten Winter nicht überstehen und starben ebenfalls bald nach ihrer Ankunft an Land (vgl. S. 51). Von diesem Besuch wurden Trophäen, Masken, Fratzen furchterregender Dämonen, (vgl. S. 120-129 und S. 233-236) Tierköpfe, Bögen, Pfeile und Alltagsutensilien „gerettet“, die ich hier mit einigen der heute im Münchner Museum vorhandenen Abbildungen vorstellen möchte.

Als von Martius von seiner Reise durch Brasilien nach München zurückkehrte, nahm er etwa 20.000 Proben mit 6.500 Pflanzenarten mit. Jede der Pflanzen war mit bis zu fünf Proben vertreten. Da von Martius nicht berücksichtigt, an welchen Orten diese einzelnen Arten gesammelt wurden, wird die Zahl auf 8.000 einzelne Arten geschätzt. Die herausragende Bedeutung des Materials zeigt sich in der Veröffentlichung *Nova genera et species plantarum*, das erste Ergebnis der Reise.

Mais de 70 gêneros e 400 espécies foram aqui descritos pela primeira vez. Von Martius fez um uso intensivo – segundo seu comentador Gürke Grau – da experiência da viagem e das impressões botânicas, obtendo em curto prazo uma visão de conjunto da grandeza da vegetação nova brasileira. No percurso da viagem os herbários representavam os materiais mais frágeis e cada passo no trabalho de sua conservação deveria ser dado com maior atenção. Segundo o comentário do próprio botânico: “ Não se encontrará nenhuma planta que não tenha sido colhida, prensada e empacotada pessoalmente por mim” (Carl Friedrich Philipp von Martius).

Seu legado está reunido em duas obras de peso: *A Flora Brasiliensis* e a *História Naturalis Palmarum*, em peso e importância unicamente comparável com o legado de Alexander von Humboldt, reunido em sua autobiografia *Mein vielbewegtes Leben* (2009) e a obra síntese *Cosmos*, de sua imensa obra científica.

Da volumosa correspondência de Martius merecem destaque algumas cartas trocadas entre 1847 e 1863 pelo naturalista com D. Pedro II. Von Martius enviou ao imperador 200 exemplares de sua Edição da Flora médica Brasiliensis, como doação para bibliotecas brasileiras, em especial Bibliotecas Universitárias (sic!).

Cabe lembrar que durante a vida de D. Pedro II ainda não havia universidades no Brasil, mas somente a Biblioteca Nacional (portuguesa), trazida por D. João VI para o Brasil colonial, antes de sua independência. Os pesquisadores bávaros tinham a casa imperial brasileira em alta consideração. Lembremos que a Princesa Amalie von Leuchtenberg, segunda mulher de D. Pedro I, também vinha da Baviera. Ora, D. Pedro II recebeu os 200 exemplares da obra de von Martius com simpatia e gratidão. Em agradecimento mandou fazer para a sra. von Martius um bracelete de ouro com as insígnias da casa imperial brasileira. Carl von Martius agradece este presente honroso em carta datada de 1863.

Mehr als 70 Gattungen und 400 Arten wurden hier zum ersten Mal beschrieben. Von Martius schöpfte - so sein Kommentator Gürke Grau - intensiv aus seinen Reiseerfahrungen und botanischen Erkenntnissen und verschaffte sich in kurzer Zeit einen Einblick über die Größe der brasilianischen Vegetation. Auf der Reise waren die Herbarien das empfindlichste Material, und jeder Schritt zu ihrer Erhaltung sollte mit größter Sorgfalt erfolgen. Laut dem eigenen Kommentar des Botanikers: „Sie werden keine Pflanze finden, die nicht von mir persönlich geerntet, gepresst und... verpackt wurde.“ (Karl Friedrich Philipp von Martius).

Sein Vermächtnis ist in zwei großen Werken zusammengefasst: Die Werke *Flora Brasiliensis* und *História Naturalis Palmarum*, in Gewicht und Bedeutung nur vergleichbar mit dem Vermächtnis von Alexander von Humboldt, das in seiner Autobiographie *Mein vielbewegtes Leben* (2009) und der Synthese *Cosmos* seines immensen wissenschaftlichen Werks zusammengefasst ist.

Aus der umfangreichen Korrespondenz von Martius sind einige Briefe besonders erwähnenswert, die der Naturforscher zwischen 1847 und 1863 mit König Pedro II. austauschte. Von Martius schickte dem Kaiser 200 Exemplare seiner Ausgabe der *Flora medica Brasiliensis* als Spende für brasilianische Bibliotheken, insbesondere Universitätsbibliotheken (sic!).

Es sei daran erinnert, dass es zu Lebzeiten von Pedro II. noch keine Universitäten in Brasilien gab, sondern nur die (portugiesische) Nationalbibliothek, die João VI. vor der Unabhängigkeit Brasiliens in das Kolonialland brachte. Bayerische Forscher schätzten das brasilianische Kaiserhaus sehr. Es sei daran erinnert, dass Prinzessin Amalie von Leuchtenberg, die zweite Frau von Dom Pedro I., ebenfalls aus Bayern stammte. Pedro II. nahm die 200 Exemplare des Werks von Martius mit Sympathie und Dankbarkeit entgegen. Zum Dank ließ er für Frau von Martius ein Armband aus Gold mit den Insignien des brasilianischen Kaiserhauses anfertigen. In einem Brief aus dem Jahr 1863 bedankt sich Karl von Martius für dieses ehrenvolle Geschenk.

Outra troca de cartas de destaque se realizou entre o botânico bávaro e o primeiro ministro do arquiduque de Weimar, Johann Wolfgang von Goethe. Este se havia mostrado muito interessado em receber os relatos de viagem dos dois naturalistas Spix e Martius sobre o Brasil, no contexto da comitiva da Princesa Leopoldina da Áustria. Após a sua volta a Munique e a morte de von Spix, o botânico sobrevivente teve a ideia de escrever uma obra literária da viagem que muito o impressionara e deixara “apaixonado” pelo Brasil. Enviou a Goethe alguns primeiros ensaios em verso, mas Goethe nunca acusou recebimento, ignorando o pedido por uma avaliação. Carl von Martius deu-se ao trabalho de enviar uma segunda cópia a Goethe, mas tampouco recebeu resposta. Esse silêncio foi para o naturalista uma experiência amarga, apesar do amplo reconhecimento que obteve por sua obra entre o mundo científico. Sabemos ao contrário que Goethe, amplamente reconhecido no mundo das letras europeu, especialmente após a divulgação do seu clássico *O Fausto*, lançou uma “versão científica” de sua teoria das cores que poucos conhecem ou reconhecem.

Lancemos, finalmente, um olhar sobre a tese de mestrado realizada por Karen Lisboa, que acompanhou mais recentemente os conteúdos dos diários e das avaliações, coletas e armazenamentos dos dados da expedição de Spix e Martius na segunda metade do século XIX. Do trabalho da Karen Lisboa somente vou focar o capítulo IV, no tópico “Negros e Índios no Brasil: um obscuro enigma!” (p. 143-167). Nessa passagem, a autora denuncia o eurocentrismo preconceituoso dos dois viajantes bávaros.

Einen weiteren prominenten Briefwechsel führte der bayerische Botaniker mit dem Minister des Herzogs von Weimar, Johann Wolfgang von Goethe. Dieser hatte großes Interesse an den Reiseberichten der beiden Naturforscher Spix und Martius über Brasilien im Kontext des Gefolges der Prinzessin Leopoldina von Österreich gezeigt. Martius hatte nach seiner Rückkehr nach München und nach Spix' Tod die Idee ein literarisches Werk über seine Brasilienreise zu schreiben, die ihn so sehr beeindruckt hatte. Er schickte Goethe einige erste Verse, doch dieser bestätigte den Empfang nie und ignorierte die Bitte um eine Beurteilung. Karl von Martius machte sich die Mühe, ein zweites Exemplar an Goethe zu schicken, erhielt aber auch darauf keine Antwort. Dieses Schweigen war eine bittere Erfahrung für den Naturforscher, obwohl seine Arbeit in der wissenschaftlichen Welt breite Anerkennung fand. Wir wissen im Gegenteil, dass Goethe, der in der europäischen Literaturwelt vor allem nach der Veröffentlichung seines „Klassikers“ *Faust* weithin anerkannt war, sein „wissenschaftliches Werk“ Zur Farbenlehre veröffentlichte, das kaum zur Kenntnis genommen wurde...

Werfen wir schließlich einen Blick auf die Masterarbeit von Karen Lisboa, die sich in jüngerer Zeit mit den Tagebüchern, Auswertungen, Sammlungen und der Speicherung von Daten der Expedition von Spix und Martius in der zweiten Hälfte des 19. Jahrhunderts befasste. Bei Karen Lisboas Arbeit werde ich mich nur auf das Kapitel IV zum Thema „Schwarze und Indianer in Brasilien: ein obskures Rätsel“ (S. 143-167) beziehen. In dieser Passage prangert der Autor den vorurteilsbeladenen Eurozentrismus der beiden bayerischen Reisenden an.

A libertação do olhar preconcebido de von Martius o leva – na leitura de Karen Lisboa – a “concepções detratórias” com relação aos índios e negros mencionados. Era frequente entre os viajantes europeus no século XVIII usar termos “decadentistas” e falar das vidas “desleixadas” dessas populações originais das terras abandonadas e pobres. Martius estaria se referindo a eles como seres humanos degenerados, vivendo um grau de humanidade “mais primitivo”, comparado à humanidade superior da raça dos europeus brancos. Em von Spix, a autora em questão não encontrou passagens tão explícitas (ou não tinham ainda sido encontradas ou publicadas). Mas Karen Lisboa menciona, depois da morte do Rei Maximiano I, o crescente desinteresse das autoridades públicas de Munique por assuntos indígenas e dos negros. As caixas que Spix e Martius haviam enviado do Brasil a Munique ficaram por anos fechadas. O projeto inicial do rei, de criar um *Museum Brasilianum* para abrigar as coleções, foi abandonado. Temporariamente abrigado em um lugar mais apropriado – o *Hofgarten* – este local passou a sofrer ataques aéreos durante a Segunda Guerra Mundial, perdendo-se boa parte do material no incêndio causado. Por sorte, parte das máscaras recolhidas durante sua viagem entre 1817 e 1820 foi salva, entre elas o troféu do crânio de um índio mundurucu (cfe. Tafel/imagem 38 do Catálogo da Viagem pelo Brasil).

Martius' vorgefasste Meinung führt ihn - in der Lesart von Karen Lisboa - zu „abwegigen Vorstellungen“ über die erwähnten Indianer und Schwarzen. Unter den europäischen Reisenden des 18. Jahrhunderts war es üblich, „abschätzig“ Begriffe zu verwenden und vom „liederlichen“ Leben dieser aus verlassenen und ärmlichen Gegenden stammenden Urbevölkerung zu sprechen. Martius würde sie als degenerierte Menschen bezeichnen, die eine „primitivere“ Stufe der Menschlichkeit im Vergleich zur überlegenen europäischen Rasse der Weißen leben. Bei von Spix fand die betreffende Autorin keine derartigen expliziten Passagen oder sie waren noch nicht entdeckt oder veröffentlicht worden. Karen Lisboa erwähnt jedoch das wachsende Desinteresse der Münchner Behörden an den Angelegenheiten der Indigenen und Schwarzen nach dem Tod von König Maximian I. Die Kisten, die Spix und Martius von Brasilien nach München geschickt hatten, blieben jahrelang ungeöffnet. Das ursprüngliches Projekt des Königs, ein *Museum Brasilianum* zur Unterbringung der Sammlungen einzurichten, wurde aufgegeben. Als die Sammlung vorübergehend an einem geeigneteren Ort – dem *Hofgarten* – untergebracht war, wurde dieser während des Zweiten Weltkriegs von Luftangriffen heimgesucht, und ein Großteil des Materials ging bei dem Brand verloren. Glücklicherweise konnte ein Teil der zwischen 1817 und 1820 auf der Reise gesammelten Masken gerettet werden, darunter die Trophäe des Schädels eines Mundurucu-Indianers (vgl. Tafel 38 des Katalogs der Reise durch Brasilien).

Conclusões provisórias

A história dos viajantes estrangeiros pelas colônias espanholas e portuguesas é uma fonte imprescindível, indispensável para a constituição dos países latino-americanos, tanto sob jugo espanhol quanto português. Ao tratar-se de Spix e Martius, as pesquisas desses dois naturalistas bávaros acrescentaram conhecimentos importantíssimos para a cultura etnográfica, botânica e zoológica do Brasil e revelaram aspectos interessantes do período imperial da antiga colônia portuguesa.

Os dois pesquisadores revelaram ser competentes representantes da ciência e do enciclopedismo dos séculos XVIII e XIX europeus, apesar de uma certa arrogância eurocêntrica e de superioridade (dos brancos) manifestadas em suas observações que nem sempre reconheciam a riqueza das culturas autóctones da colônia brasileira (índios e negros). No conjunto, contudo, reconheceram as especificidades da linguagem própria, suas tradições de guerra, danças e músicas e tradições dos povos indígenas (moradores originais), como patajós, mundurucus, gê e tantas outras tribos tupi-guaranis, hoje praticamente extintas, das quais colheram imagens, roupas, armas e formas de habitação e vida, rastros raros mas importantes para reconstituirmos a população original das terras amazônicas, “descobertas” por Colombo e Cabral em torno do ano de 1500.

Rio de Janeiro, entre novembro e dezembro de 2021.

Vorläufige Schlussfolgerungen

Die Historie der ausländischen Reisenden in den spanischen und portugiesischen Kolonien ist für die Konstitution der lateinamerikanischen Länder sowohl unter spanischer als auch unter portugiesischer Herrschaft eine unverzichtbare Informationsquelle. Im Fall der bayerischen Naturforscher Spix und Martius fügten sie der ethnografischen, botanischen und zoologischen Kultur Brasiliens wichtige Erkenntnisse hinzu und zeigten interessante Aspekte der Kaiserzeit der ehemaligen portugiesischen Kolonie auf.

Beide Forscher erwiesen sich als kompetente Vertreter der europäischen Wissenschaft und des Enzyklopädismus des 18. und 19. Jahrhunderts, obwohl sich in ihren Beobachtungen eine gewisse eurozentrische Arroganz und Überlegenheit (der Weißen) manifestierte, wodurch sie nicht immer den Reichtum der indigenen Kulturen der brasilianischen Kolonie (Indianer und Schwarze) erkannten. Im Großen und Ganzen erkannten sie jedoch die Besonderheiten ihrer ureigenen Sprache, ihrer Kriegs-, Tanz- und Musikkünste sowie die Traditionen der indigenen Völker (Ureinwohner) wie der Patajós, Mundurucus, Gês und vieler anderer Tupi-Guarani-Stämme an, die heute praktisch ausgestorben sind. Die gesammelten Bilder, die Kleidung, die Waffen und die Lebens- und Wohngewohnheiten - rare, aber wichtige Zeugnisse - ermöglichen es uns heute, die ursprüngliche Bevölkerung des Amazonasgebiets zu rekonstruieren, wie sie von Kolumbus und Cabral bei der „Entdeckung“ unseres Kontinents im Jahr 1500 vorgefunden wurde.

Rio de Janeiro, zwischen November und Dezember 2021.

Resumo

Meu ensaio insere-se na moldura dos viajantes alemães pelo interior do Brasil colonial da primeira metade do século XIX. Concentro-me nos dois naturalistas bávaros: o zoólogo J. Baptist von Spix e o botânico C. Philipp von Martius, designados pelo Rei José Maximiliano I da Baviera para acompanhar a Expedição da Princesa Leopoldina da Áustria para o Brasil, consumando-se o casamento com o Príncipe D. Pedro I, da Beira, em 1817. Os dois naturalistas permaneceram por quase quatro anos no Brasil e documentaram suas observações, coleções e registros no texto “*Brasilianische Reise 1817-1820*”. Percorreram entre outras localidades, o interior de São Paulo, São João del Rey, Salvador, os rios Madeira, Tapajós e Xingu. O zoólogo Spix (falecido em 1826) ainda publicara, em 5 volumes ilustrados na revista Spixiana por ele criada, boa parte de suas descobertas e resultados da viagem. Martius ficou famoso por sua *Flora Brasiliensis*, falecendo em 1868. A excelência do material ficara evidente ainda com ele em vida em sua *Nova genera et species plantarum*.

Zusammenfassung

Mein Vortrag steht im Kontext deutscher Reisender durch das Landesinnere Brasiliens in der ersten Hälfte des 19. Jahrhunderts. Ich konzentriere mich auf die beiden bayerischen Naturforscher: den Zoologen J. Baptist Spix und den Botaniker C. Philipp Martius, die von König Joseph Maximilian I. von Bayern beauftragt wurden, die Expedition von Prinzessin Leopoldina von Österreich nach Brasilien zu begleiten, wo sie 1817 ihre Ehe mit Pedro I., dem Prinzen von Beira, vollzog. Die beiden Naturforscher hielten sich fast vier Jahre lang in Brasilien auf und dokumentierten ihre Beobachtungen, Sammlungen und Aufzeichnungen in der „Brasilianischen Reise 1817-1820“. Sie reisten unter anderem durch das Landesinnere von São Paulo, São João del Rey, Salvador; passierten die Flüsse Madeira, Tapajós und Xingu. Der Zoologe Spix (1826 gestorben) beschrieb in fünf illustrierten Bänden einen Großteil seiner Entdeckungen und die Ergebnisse der Reise. Martius wurde berühmt für seine *Flora Brasiliensis* und starb 1868. Die Qualität des Materials wurde noch zu seinen Lebzeiten in seinen *Nova genera et species plantarum* deutlich.

Bibliografia

Diener, Pablo & Costa, Maria de Fátima (coordenadores).

Karl Friedrich Philipp von Martius, 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Miguel Cervantes, 2012.

Helbig, Jörg (editor)

Brasilianische Reise 1817-1820, Carl Friedrich Philipp von Martius zum 200. Geburtstag, 1ª ed. München: Hirmer Verlag, 1994.

Humboldt, Alexander von

Mein vielbewegtes Leben. Der Forscher, über sich und seine Werke, 3ª ed. Berlin: Eichborn Verlag, 2010.

Macknow Lisboa, Karen

A nova Atlântida de Spix & Martius: Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820), 1ª ed. São Paulo: Editora FAPESP, 1997.

Bibliographie

Diener, Pablo und Costa, Maria de Fátima (Koordinatoren):

Karl Friedrich Philipp von Martius, 1. Ausgabe, Miguel Cervantes Stiftung, Rio de Janeiro, 2012.

Helbig, Jörg (Herausgeber)

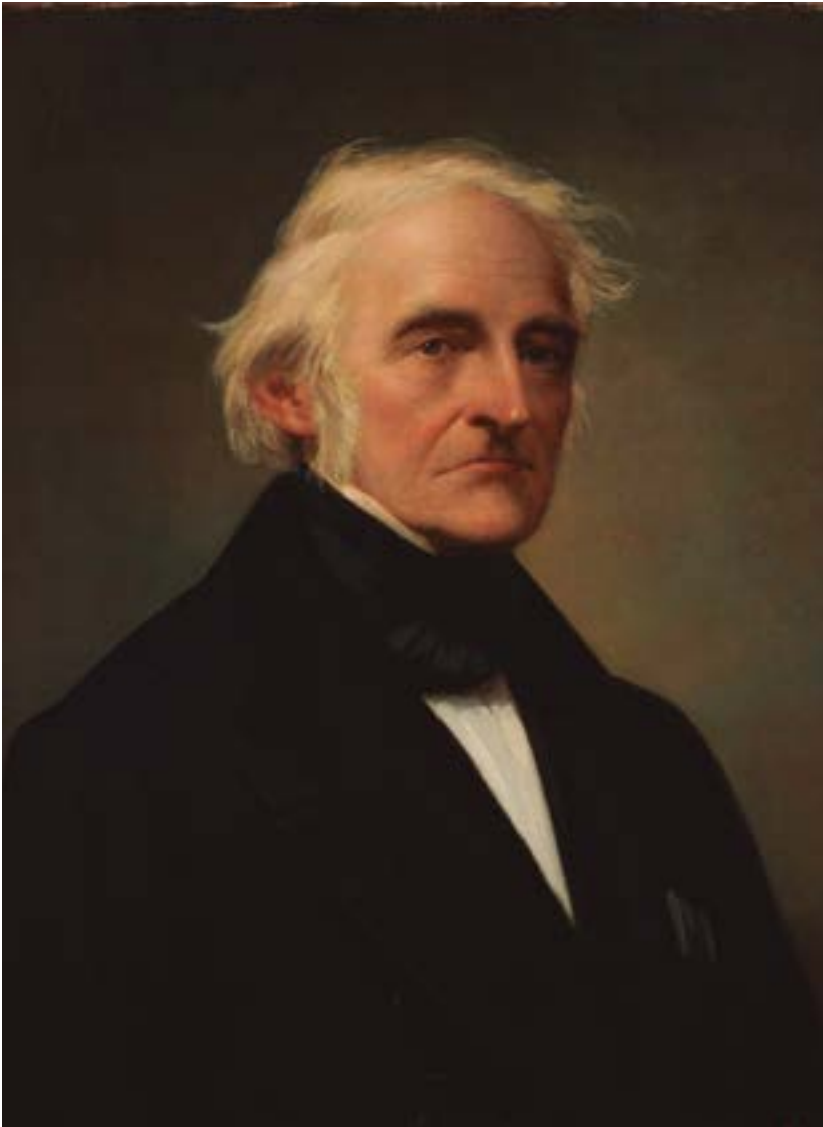
Brasilianische Reise 1817-1820, Carl Friedrich Philipp von Martius zum 200. Geburtstag, 1. Ausgabe, Hirmer Verlag, München, 1994.

Humboldt, Alexander von

Mein vielbewegtes Leben. Der Forscher, über sich und seine Werke, 3. Auflage Eichborn Verlag, Berlin 2010.

Macknow Lisboa, Karen

A nova Atlântida de Spix & Martius: Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820), 1. Ausgabe FAPESP Verlag, São Paulo, 1997.



Carl Friedrich Philipp von Martius, retratado por Leo Schöninger, 1870. Com a gentil autorização da Academia Bávara de Ciências em Munique.

Carl Friedrich Philipp von Martius, porträtiert von Leo Schöninger, 1870. Mit freundlicher Genehmigung der Bayerischen Akademie der Wissenschaften in München.



Johann Baptist von Spix, retratado por Joseph Bernhardt, entre 1813-1815. Com a gentil autorização da Academia Bávara de Ciências.

Johann Baptist von Spix, porträtiert von Joseph Bernhardt, ca. 1813-1815. Mit freundlicher Genehmigung der Bayerischen Akademie der Wissenschaften in München.



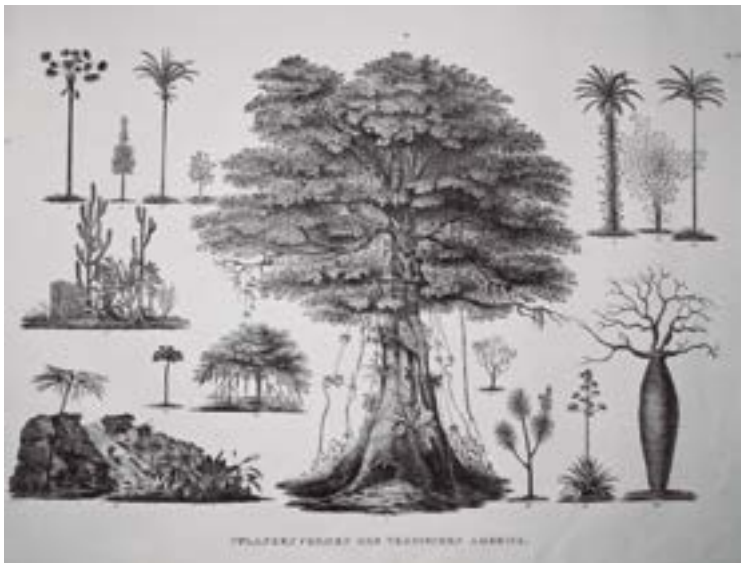
Rota da viagem de Carl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptist von Spix pelo Brasil, entre 1817-1820. Imagem sob domínio público. Wikimedia Commons.

Reiseroute der von Carl von Martius und von Spix in Brasilien, zwischen 1817-1820. Als gemeinfrei gekennzeichnet. Wikimedia Commons.



Atlas zur Reise in Brasilien von Dr. v. Spix und Dr. v. Martius, por volta de 1831. Lago de pássaros no rio São Francisco. Litografia em papel. Imagem sob domínio público.

Atlas zur Reise in Brasilien von Dr. v. Spix und Dr. v. Martius, um 1831. Vögel-Teich am Rio São Francisco. Lithografie auf Papier. Als gemeinfrei kennzeichnet.



Atlas zur Reise in Brasilien von Dr. v. Spix und Dr. v. Martius. Formas de plantas da América tropical, por volta de 1831. Litografia em papel. Imagem sob domínio público. Wikimedia Commons.

Atlas zur Reise in Brasilien von Dr. v. Spix und Dr. v. Martius. Pflanzenformen des tropischen America, um 1831. Lithografie auf Papier. Als gemeinfrei kennzeichnet. Wikimedia Commons.



Atlas zur Reise in Brasilien von Dr. v. Spix und Dr. v. Martius. Formas de animais da América tropical, 1831. Litografia em papel. Impressão: Lacvoix, J. Selb. Com a autorização do Instituto do Museu da Cidade de Berlin. Reprodução: Oliver Ziebe.

Atlas zur Reise in Brasilien von Dr. v. Spix und Dr. v. Martius. Tierformen des tropischen America, 1831. Lithografie auf Papier. Druck: Lacvoix, J. Selb. Mit freundlicher Genehmigung der Stiftung Stadtmuseum Berlin. Reproduktion: Oliver Ziebe.



Atlas zur Reise in Brasilien von Dr. v. Spix und Dr. v. Martius, por volta de 1831. Festa de beber dos Coroados. Litografia colorida. Imagem sob domínio público. Wikimedia Commons.

Atlas zur Reise in Brasilien von Dr. v. Spix und Dr. v. Martius, um 1831 Trinkfest der Coroados.
Nachkolorierte Lithografie. Als gemeinfrei gekennzeichnet. Wikimedia Commons.



Atlas zur Reise in Brasilien von Dr. v. Spix und Dr. v. Martius. Imagens da vida humana. Por volta de 1831. Litografia em papel. Com a gentil autorização do Instituto do Museu da Cidade de Berlim.
Reprodução: Oliver Ziebe.

Atlas zur Reise in Brasilien von Dr. v. Spix und Dr. v. Martius. Bilder aus dem Menschenleben, um 1831. Lithografie auf Papier. Mit freundlicher Genehmigung der Stiftung Stadtmuseum Berlin.
Reproduktion: Oliver Ziebe, Berlin.



Historia Naturalis Palmarium Genera et Species quae in Itinere per Brasiliam, 1817-1820. Vol. III. Metroxylon Sagu. *Sagus elata*. Com a gentil autorização da Biblioteca de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná. Reprodução: Orlando Busarello.

Historia Naturalis Palmarium Genera et Species quae in Itinere per Brasiliam, 1817-1820. Vol. III. Metroxylon Sagu. *Sagus elata*. Mit freundlicher Genehmigung der Bibliothek für biologische Wissenschaften der Universidade Federal do Paraná. Reproduktion: Orlando Busarello.



Historia Naturalis Palmarium Genera et Species quae in Itinere per Brasiliam, 1817-1820.
Vol. II. Elaeis guineensis. Aconomia sclerocarpa. Com a gentil autorização da Biblioteca de Ciências
Biológicas da Universidade Federal do Paraná. Reprodução: Orlando Busarello.
Historia Naturalis Palmarium Genera et Species quae in Itinere per Brasiliam, 1817-1820. Vol. II. Elaeis
guineensis. Aconomia sclerocarpa. Mit freundlicher Genehmigung der Bibliothek für biologische
Wissenschaften der Universidade Federal do Paraná. Reproduktion: Orlando Busarello.



Historia Naturalis Palmarium Genera et Species quae in Itinere per Brasiliam, 1817-1820. Vol. II. *Diplothemium maritimum.* *Cocos nucifera.* *Attalea compta.* Com a gentil autorização da Biblioteca de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná. Reprodução: Orlando Busarello.

Historia Naturalis Palmarium Genera et Species quae in Itinere per Brasiliam, 1817-1820. Vol. II. *Diplothemium maritimum.* *Cocos nucifera.* *Attalea compta.* Mit freundlicher Genehmigung der Bibliothek für biologische Wissenschaften der Universidade Federal do Paraná. Reproduktion:

Orlando Busarello.

VIAGEM DE GOETHE AO BRASIL

Uma jornada imaginária

Aviso inicial

Logo de início quero deixar claro que o grande escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe nunca esteve no Brasil! Vontade não lhe faltava. Na minha edição dos 10 volumes de suas obras completas, o volume X tem o título de *Reisen (Viagens)*. Contudo, mesmo procurando muito, observei que Goethe não fizera nenhuma viagem ao Brasil. Isso não quer dizer que ele não tenha se interessado pelo Brasil. Stefan Zweig, o autor do livro (muito citado em outras ocasiões) *Brasil: país do futuro*, foi o primeiro a mencionar o “amor de Goethe” pelo Brasil.

Desde seu descobrimento (em 1500) o Brasil, que recebeu a visita do alemão Hans Staden, gerou interesse entre os europeus. Staden, que naufragou nas costas brasileiras, conseguiu salvar-se e voltar para a Alemanha, sendo um dos primeiros a escrever sobre o Brasil e os índios, que conheceu e com quem convivera. Com isso, o interesse pelo Brasil só fez aumentar, especialmente na virada do século XVII para o XVIII, quando surgiram rumores (relatos) sobre ouro, diamantes, e outros minerais (incluindo o chumbo) em território brasileiro. Alexander von Humboldt, em 1800, aventurou-se a chegar até a Venezuela para procurar o rio Cassiquiare, que, segundo lera, estaria ligando as duas bacias dos grandes rios latino-americanos (do Orinoco e do Amazonas). Não entrou no Brasil porque D. João VI o ameaçou de prisão. Depois de Humboldt, muitos alemães, “viajantes europeus”, via de regra nobres e naturalistas (cientistas), embarcaram para o Brasil: Maximilian (Wied-Neuwied), William von Eschwege, Georg Heinrich von Langsdorff, Pohl, Spix & Martius, entre outros, entusiasmados com o casamento da princesa Leopoldina de Habsburg com D. Pedro, futuro Imperador do Brasil.

GOETHE'S REISE NACH BRASILIEN

Eine imaginäre Reise

Einführender Hinweis

Ich möchte gleich zu Beginn klarstellen, dass der große deutsche Schriftsteller J. W. Goethe nie in Brasilien war! Es fehlte ihm nicht an Willen. In der mir vorliegenden Ausgabe der 10 Bände seines Gesamtwerks trägt der Band X den Titel *Reisen*. Doch auch bei genauerem Hinsehen stellte ich fest, dass Goethe keine Reise nach Brasilien unternommen hatte. Das bedeutet nicht, dass er kein Interesse an Brasilien hatte. Stefan Zweig, der Autor des (unter uns viel zitierten) Buches *Brasilien: Land der Zukunft*, war der erste, der „Goethes Liebe“ zu Brasilien hervorhob.

Seit seiner Entdeckung (im Jahr 1500) hat Brasilien bei den Europäern Interesse geweckt. Der Deutsche Hans Staden war einer der ersten, der nach Brasilien aufbrach und ein Buch über das Land und über die Indianer verfasste, denen er begegnet war und mit denen er lebte. Nach einem erlittenen Schiffbruch an der brasilianischen Küste, schaffte er es, sich zu retten und nach Deutschland zurückzukehren. Damit stieg das Interesse an Brasilien, vor allem an der Wende vom 17. zum 18. Jahrhundert, als Gerüchte (Berichte) über Gold, Diamanten und andere Mineralien (Blei) auf brasilianischem Gebiet aufkamen. Im Jahr 1800 unternahm Alexander von Humboldt eine Reise nach Venezuela, um den Rio Cassiquiari zu suchen, von dem er gelesen hatte, dass er die beiden Becken der großen lateinamerikanischen Flüsse (Orinoco und Amazonas) miteinander verbindet. Er reiste nicht nach Brasilien ein, weil König João VI. ihm mit Gefängnis drohte. Nach Humboldt schifften sich viele Deutsche, „europäische Reisende“, in der Regel Adlige und Naturforscher, nach Brasilien ein: Maximilian (Wied-Neuwied), Wilhelm v. Eschwege, Georg Heinrich von Langsdorff, Pohl, Spix & Martius, die sich u.a. für die Heirat der Prinzessin Leopoldina von Habsburg mit Pedro, dem späteren Kaiser von Brasilien begeisterten.

Confesso que fiquei entusiasmada com o trabalho desses “viajantes” que, afortunados ou doentes, escreviam e publicavam seus diários e suas aventuras, tornando-se verdadeiros sucessos literários. Quanto a mim, esses livros estimularam minhas leituras sociológicas, às vezes pesadas e enfadonhas. Desse modo, tornei-me uma espécie de especialista do assunto, tendo livros e artigos publicados.

Depois desse aviso voltemos ao meu tema

No final de setembro de 2022, recebi um pacote via SEDEX procedente de Florianópolis. O remetente, Berthold Zilly, era um colega alemão, tradutor, que não via há anos e me mandava um presente: um livro em português: *Viagem de Goethe ao Brasil. Uma jornada imaginária* (2022).

Um livro sobre Goethe, o autor genial do Fausto, obra-prima da literatura universal? Mas Goethe no Brasil? Em Florianópolis? Que história é essa? Estranhei o título! Goethe, Johann Wolfgang von Goethe – nascido em 28 de agosto de 1749, em Frankfurt, e falecido em 22 de março de 1832, em Weimar – nunca estivera no Brasil! Claro!

Comecei a folhear o livro cujo título não me era estranho, *Goethes Reise nach Brasilien*, subtítulo: *Gedankenreise eines Genies*, numa tradução livre: “A viagem de Goethe ao Brasil. Uma Viagem mental de um gênio”, assinado Sylk Schneider, Viena, 15.09.2011”. Lembrei-me então de que, nessa data, eu e meu marido, Sergio Paulo Rouanet, tínhamos estado em Viena no “Congresso dos Lusitanistas” e que conhecêramos o autor do livro que estava em minhas mãos. Satisfeita com meu achado e minhas lembranças, passei a analisar melhor o presente recebido de Florianópolis. Dentro do livro, havia um bilhete dizendo:

Ich gestehe, dass ich ein „Fan“ dieser „Reisenden“ wurde, die, ganz gleich wie es lief, ihre Tagebücher schrieben und erfolgreich veröffentlichten. Was mich betrifft, so haben diese Bücher meine manchmal mühsame und langwierige soziologische Forschungsarbeit bereichert. Auf diese Weise wurde ich zu einer Art Expertin auf diesem Gebiet und konnte Bücher und Artikel veröffentlichen.

Nach diesem Hinweis kehren wir nun zu meinem Thema zurück

Ende September 2022 erhielt ich per SEDEX ein Paket aus Florianópolis. Es war ein Geschenk von Berthold Zilly, einem deutschen Kollegen und Übersetzer, den ich seit Jahren nicht mehr gesehen hatte. Er schickte mir ein Buch auf Portugiesisch: *Viagem de Goethe ao Brasil. Uma jornada imaginária* (2022).

Ein Buch über Goethe, den genialen Autor von Faust, Meisterwerk der Weltliteratur? Aber Goethe in Brasilien? In Florianópolis? Was hat es damit auf sich? Ich fand den Titel seltsam! Goethe, Johann Wolfgang Goethe (geboren am 28. August 1749 in Frankfurt und gestorben am 22. März 1832 in Weimar) ist nie in Brasilien gewesen! Ja, natürlich!

Ich begann in dem Buch zu blättern, das mir bekannt vorkam. *Goethes Reise nach Brasilien*, Untertitel: Gedankenreise eines Genies, gezeichnet Sylk Schneider, Wien, 15.09.2011.“ Dann erinnerte ich mich daran, dass mein Mann Sergio Paulo Rouanet und ich an diesem Tag in Wien auf dem „Lusitanistentag“ gewesen waren und dort den Autor des Buches getroffen hatten. Freudig überrascht begutachtete ich also das Geschenk aus Florianópolis! Im Buch fand ich einen Zettel mit den Worten:

“Liebe Barbara, wir wünschen Dir Freude an und mit diesem Buch. Mit Deinen vielfältigen Interessen bist Du eine ideale Leserin. Indirekt ist auch Sergio an der Entstehung des Buches beteiligt. Grande abraço.” Berthold e Claudia.

“Querida Barbara, desejamos que esse livro lhe traga muita alegria! À luz dos seus múltiplos interesses, você é uma leitora ideal; e, indiretamente, também o Sergio, que participou de seu surgimento.” Berthold e Claudia.

Observações sobre o livro *Viagem de Goethe ao Brasil* (2022)

O livro brasileiro não é, em verdade, uma segunda edição da versão alemã, simplesmente traduzida. Isso fica evidente com a diferença nos subtítulos: Enquanto a versão original se refere a uma “Viagem mental de um gênio”, a tradução brasileira limitou-se aos termos “Uma jornada imaginária”. Os editores da nova versão brasileira também deixaram de lado o texto introdutório e simpático do embaixador Luiz Felipe de Seixas Correa, que apresentava *Goethes Reise nach Brasilien* (2008), numa versão “paper back” editada em Thüringen/Weimar.

Weimar foi a cidade onde Goethe foi ministro do arquiduque do então Ducado de Sachsen-Weimar, por mais de 30 anos, sendo um centro cultural de uma Alemanha ainda não existente como nação. Na nova edição da *Viagem de Goethe ao Brasil*, Berthold Zilly optou por uma apresentação de um grande mentor da ideia por meio de uma versão brasileira da obra original de Sylk Schneider¹.

1 Schneider, S. *Goethes Reise nach Brasilien. Gedankenreise eines Genies*; TLZ Thüringische Landeszeitung WTV; Sylk Schneider/Ernst-Thälmann-Straße 57, PLZ 99423 Weimar.

“Liebe Barbara, wir wünschen Dir Freude an und mit diesem Buch. Mit Deinen vielfältigen Interessen bist Du eine ideale Leserin. Indirekt ist auch Sergio an der Entstehung des Buches beteiligt. Grande abraço.“ Gez. Bertholdt und Claudia.

Anmerkungen zu dem Buch „Goethes Reise nach Brasilien (2022)

Das brasilianische Buch ist nicht wirklich eine zweite Auflage der deutschen Version, nur in übersetzter Form. Dies geht bereits aus den Untertiteln hervor: Während in der Originalfassung von einer „Gedankenreise eines Genies“ die Rede ist, beschränkte sich die brasilianische Übersetzung auf die Begriffe „eine imaginäre Reise“. Die Herausgeber der neuen brasilianischen Version verzichteten auch auf den sympathischen Einführungstext von Botschafter Luiz Felipe Seixas Correa zur deutschen Ausgabe mit dem Titel („Goethes Reise nach Brasilien“, 2008), die 2008 in Thüringen/Weimar als Paperback herausgegeben wurde.

In der Stadt Weimar bekleidete Goethe mehr als 30 Jahre lang das Amt des Ministers des Herzogs im Großherzogtum Sachsen-Weimar, das sich damals, als Deutschlands noch nicht als Nation existierte, zu einem kulturellen Zentrum entwickelte. Die brasilianische Ausgabe *Viagem de Goethe ao Brasil* des Originalwerks von Sylk Schneider¹ erschien mit einem Vorwort von Berthold Zilly im Verlag.

1 Schneider, S. *Goethes Reise nach Brasilien. Gedankenreise eines Genies*, TLZ Thüringische Landeszeitung WTV, Sylk Schneider/ E-Thaelmann Straße 57, Weimar, Postleitzahl 99423.

A Editora NAVE de Florianópolis recorreu ao patrocínio da lei de incentivo à Cultura, à Secretaria de Cultura, ao Ministério do Turismo e à MULTI-LOG. Conseguiu publicar assim uma versão primorosa, refinada, com encadernação e apresentação impecáveis, rica em imagens coloridas, muitas cedidas pela Fundação Clássicos de Weimar, biblioteca pessoal da mãe do arquiduque, Anna Amália, do Ducado de Weimar, com as coleções de arte e etnografia de Goethe, incluindo coleções de plantas medicinais do Rei Maximilian.

Em sua apresentação, “Goethe era um sertanejo”, na edição brasileira de *Viagem de Goethe ao Brasil*, Berthold Zilly dá destaque ao autor, Sylk Schneider, que, “com seu espírito detetivesco rastreia imagens, textos literários, tratados científicos, revistas, cartas, diários, faturas e recibos, incluindo catálogos e registros de livros emprestados, fornecendo-nos ao mesmo tempo informações indispensáveis sobre o contexto social e político dos séculos XVIII e XIX”. Zilly ainda destaca em sua apresentação que a versão do livro também pretende ser uma homenagem ao grande jornalista berlinense Ernst Feder, exilado no Brasil na época do nazismo, vivendo em Petrópolis, vizinho ao amigo Stefan Zweig, que já nos anos de 1940 havia chamado atenção para o que denominou “o amor de Goethe pelo Brasil”. Zilly ainda faz um elogio ao tradutor da versão brasileira, Daniel Martinischen, que, na qualidade de “tradutor polifônico”, enfrentou a tarefa de verter para o português do Brasil alguns dos poemas mais difíceis de Goethe como a *Canção de Amor de um Selvagem* e a *Elegia de Marienbad*.

Finalmente, a versão brasileira-catarinense de *Viagem de Goethe ao Brasil* (2022), respeitou os tópicos principais do livro original de Sylk Schneider.

Ainda merece destaque a capa sugestiva apresentando uma aquarela da flor que os botânicos Nees von Eysenck e Maximilian Wied-Neuwied batizaram de “Goethea cauliflora”, em homenagem ao escritor Goethe, da espécie das malváceas, à qual a Editora Nave de Florianópolis recorreu para sublinhar a ideia de um Goethe “brasileiro”.

Editora NAVE in Florianópolis mit Unterstützung des brasilianischen Kulturförderprogramms MULTI-LOG. Es ist eine hochwertige, in Bindung und Aufmachung gelungene Ausgabe mit vielen Farbabbildungen, die zum einem großen Teil von der Stiftung Weimarer Klassik, Herzogin Anna Amalia Bibliothek, stammen, einschließlich Goethes kunsthistorischen und völkerkundlichen Sammlungen sowie die Heilpflanzensammlungen König Maximilians.

In seinem Vorwort „Goethe war ein Sertanejo“ würdigt Berthold Zilly den Autor Sylk Schneider, der „mit detektivischem Geist Bildern, literarischen Texten, wissenschaftlichen Abhandlungen, Journalen, Briefen, Tagebüchern, Rechnungen und Quittungen einschließlich Katalogen und Leihbüchern nachspürt und uns dabei unentbehrliche Informationen über den sozialen und politischen Kontext des 18. und 19. Jahrhunderts liefert.“ Zilly stellt in seinem Vorwort zudem heraus, dass die Buchausgabe auch eine Hommage an den Berliner Journalisten Ernst Feder ist, der zur Zeit des Nationalsozialismus im brasilianischen Exil in Petrópolis lebte, als Nachbar von Stefan Zweig, und der schon in den 1940er Jahren auf Goethes Liebe zu Brasilien anspielte. Zilly würdigt auch die Übersetzung der brasilianischen Ausgabe durch Daniel Martinischen, der sich als „polyphoner Übersetzer“ der Aufgabe stellte, einige der schwierigsten Gedichte Goethes wie das *Liebeslied eines Wilden* und die *Marienbader Elegie* ins brasilianische Portugiesisch zu übertragen.

Alles in allem trägt *Viagem de Goethe ao Brasil* (2022) den Hauptthemen des Originals von Sylk Schneider Rechnung.

Bemerkenswert ist auch der suggestive Buchumschlag, der ein Aquarell der Blume zeigt, eine Malvenart, die von den Botanikern Nees von Eysenck und Maximilian Wied-Neuwied zu Ehren des Schriftstellers Goethe auf den Namen „*Goethea cauliflora*“ getauft wurde. Der Verlag wählte diese Abbildung, um die Idee eines „brasilianischen“ Goethe zu unterstreichen (siehe Anmerkung am Ende).

O “SEDEX” inesperado e o teor dos temas tratados no livro dessa viagem imaginária de Goethe ao Brasil vieram no momento certo e com a moldura que me pareceu perfeita: relembrar os séculos XVII e XVIII dos viajantes naturalistas, com suas curiosidades, competências e preconceitos, que nos fazem meditar sobre as contradições, benefícios e danos que a colonização trouxeram para essas paragens, buscando conciliar história e modernidade: o velho e o novo na cultura urbana, as diferenças de linguagens e etnias que povoaram o Brasil de ontem e as soluções para o presente e o futuro.

Vou destacar, à luz da minha leitura, e seguindo de certa forma os tópicos centrais do presente livro (edição brasileira de Florianópolis deste ano de 2022), três tópicos temáticos centrais:

1. A **dimensão etnológica** que passou a interessar a Goethe, dando atenção às descrições dos indígenas brasileiros, mencionados por viajantes como Maximilian von Wied-Neuwied (inclui a questão das guerras e da antropofagia);
2. A **questão mineralógica** com busca de diamantes e pedras preciosas, que levaram Wilhelm von Eschwege a fazer mais de 15 visitas a Goethe em Weimar para se orientar sobre as compras de minérios para a coleção do grão-duque; e
3. A **questão botânica**, especialmente pesquisada pelo cientista bávaro von Martius e publicada na *Flora Brasiliensis*, mencionando a condecoração de Goethe.

Die Themen, die im Buch dieser imaginären Reise Goethes nach Brasilien behandelt werden, kamen zur richtigen Zeit und in einem Rahmen, der mir perfekt erschien: die Erinnerung an das 17. und 18. Jahrhundert der naturkundlichen Reisenden mit ihren Kuriositäten, Kompetenzen und Vorurteilen, die uns dazu bringen, über die Widersprüche, den Nutzen und den Schaden nachzudenken, den die Kolonialisierung in diese Gebiete gebracht hat, in dem Versuch, Geschichte und Moderne, hier in Tiradentes de Minas Gerais, miteinander zu versöhnen: das Alte und das Neue in der urbanen Kultur, die Unterschiede der Sprachen und Ethnien, die das Brasilien von einst bevölkerten, und die Ansätze für die Gegenwart und die Zukunft.

Ich werde in Anlehnung an die zentralen Themen des vorliegenden Buches (2022 ausgegebene brasilianische Version aus Florianópolis) drei Bereiche hervorheben:

1. Die **ethnologische** Dimension, für die Goethe sich interessierte, wobei er seinen Blick auf die brasilianischen Einheimischen richtete, wie sie von Reisenden wie Maximilian von Wied-Neuwied beschrieben wurden (einschließlich der Kriege und Anthropophagie);
2. Die **mineralogische** Thematik im Zusammenhang mit der Suche nach Diamanten und Edelsteinen, die Wilhelm von Eschwege zu mehr als 15 Besuchen bei Goethe in Weimar führte, um ihn beim Kauf von Mineralien für die großherzogliche Sammlung zu beraten; und
3. Die **botanische** Thematik, die insbesondere von dem bayerischen Wissenschaftler von Martius erforscht und in der „Flora Brasiliensis“ veröffentlicht wurde.

Antes de entrar na substância de cada um desses tópicos, preciso chamar a atenção para a terminologia usada nesse texto que procura traduzir uma realidade dos séculos XVII e XVIII, em que nem sempre é possível respeitar o que para nós hoje em dia seria “politicamente incorreto” ou até mesmo “inadmissível” ou ideológico, beirando muitas vezes o preconceito e um excessivo eurocentrismo da época. Devo esse alerta à minha colega Karen M. Lisboa, que em sua tese de mestrado chamou a atenção no tópico “Negros e índios no Brasil: um obscuro enigma?”, referindo-se ao tom eurocêntrico e ao olhar preconcebido e uma linguagem “destratora” das etnias estudadas e analisadas.

A dimensão etnológica

Nesse tópico temos acesso a um dos temas que muito atraíram a atenção de Goethe: os relatos dos viajantes europeus sobre a América do Sul. Muitos desses relatos foram lidos por Goethe, ansioso e interessado em passar sua admiração e excentricidade ao seu patrão, o arquiduque de Weimar, Carl August de Weimar-Sachsen. Um dos temas abordados é o “canibalismo”, comum entre certas tribos indígenas do Brasil, como os botocudos, os apiacas e os mundurucus, entre outros.

Hans Staden foi um dos primeiros autores a se referir à “antropofagia”, termo mais “politicamente aceitável e correto” hoje em dia. Depois de voltar do seu naufrágio, divulgou no seu ensaio *Wahrhaftige Historie der wilden nackten, grimmigen Menschenfresserleute Brasiliens* (1548-1555) (a verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens no Brasil), reproduzido na edição em francês de 1837 de *Le Brésil, ou histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume* por Hypolite Taunay e Ferdinand Denis em 6 tomos, Paris 1822 (acervo da Biblioteca Hecker).

Bevor ich auf den Inhalt jedes dieser Themen eingehe, muss ich auf die in diesem Text verwendete Terminologie hinweisen, die versucht, eine Realität des 17. und 18. Jahrhunderts zu vermitteln, in der es nicht immer möglich ist, zu vermeiden, was für uns heute als „politisch inkorrekt“, ideologisch oder gar „unzulässig“ gilt und die Vorurteile und den übermäßigen Eurozentrismus der damaligen Zeit widerspiegelt. Diese Anmerkung verdanke ich meiner Kollegin Karen M. Lisboa, die in ihrer Masterarbeit im Kapitel „Negros e índios no Brasil: um obscuro enigma?“ (dt.: „Schwarze und Indianer in Brasilien: ein undurchsichtiges Rätsel?“) auf den eurozentrischen Ton, den vorgefassten Blick und herabsetzende Sprache aufmerksam machte, die mit der Untersuchung und Beschreibung der ethnischen Gruppen einhergingen.

Die ethnologische Dimension

Bei diesem Thema haben wir Zugang zu dem, was für Goethe von besonderem Interesse war: die Berichte europäischer Reisender über Südamerika. Goethe las viele dieser Berichte und war bestrebt, seine Faszination und Begeisterung an seinen Dienstherrn, den Erzherzog von Weimar, Carl August von Weimar-Sachsen, weiterzugeben. Eines der behandelten Themen ist der „Kannibalismus“ (siehe das Kapitel „Goethe und die Kannibalen“), der bei bestimmten indigenen Stämmen in Brasilien, wie den Botocudos, den Apicacas und den Mundurucus, verbreitet sei.

Hans Staden sprach als einer der ersten Autoren von „Anthropophagie“, einem heute eher „politisch akzeptablen und korrekten“ Begriff. Nach seinem überlebten Schiffbruch veröffentlichte er 1557 *Brasilien – Die wahrhaftige Historie der wilden, nackten, grimmigen Menschenfresser-Leute* – 1548 - 1555, das 1857 in der französischen Ausgabe von „Le Brésil, ou histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume“ von Hippolyte Taunay und Ferdinand Denis in 6 Bänden (Sammlung der Hecker-Bibliothek) neu herausgegeben wird.

Na discussão contemporânea desses itens, a antropologia moderna dá uma interpretação menos chocante e preconceituosa dessa prática alimentar. A ingestão de carne humana era, na maioria dos casos, usada como símbolo da internalização das forças e qualidades do inimigo vencido durante as guerras (vide Freitag, B. *Os olhares invertidos: reflexões sobre o diálogo Norte-Sul*, Revista Ibero Americana de Praga, p. 117-130, com referência ao livro de Hinrich Fink-Eitel: *A Filosofia e os Selvagens*, Praga, 1997).

Mais tarde, já em 1824, Goethe recebe da mulher de Eschwege, a ser citado a seguir, uma edição de retratos de indígenas das etnias Miranha, Maxurana e Mura, de Hypolityte Taunay e Ferdinand Denis, que hoje pertence ao Acervo da Biblioteca Gisela Hecker. Vemos artigos de uso indígena, dentre os quais percebemos uma rede, como a usamos ainda hoje, instrumentos musicais, bolsas e vasilhas para reunir frutos, entre outros utensílios. Pode surpreender o fato de que Goethe, o escritor e autor conhecido da obra clássica *O Fausto* no início das décadas do século XVIII, tenha escrito um verso em 1782, intitulado uma “Canção de amor de um selvagem brasileiro”, traduzido por Daniel Martinischen, e que decidi reproduzir aqui nesse primeiro tópico, como documento etnográfico. Ei-lo:

“Cobra, espera, espera, cobra
Que pelas tuas belas cores,
Pelo desenho dos teus anéis
Minha irmã teça fita e cinto
Por mim para a minha amada.
Tua beleza, tua forma reinarão
Sobre todas as outras cobras,
maravilhosamente”.

In der modernen Anthropologie wird diese Ernährungspraxis weniger schockierend und vorurteilsbeladen dargestellt. Der Verzehr von menschlichem Fleisch hing in den meisten Fällen symbolhaft mit der Aneignung der Kräfte und Stärken der besieigten Feinde zusammen. (vgl. Freitag, B. „Os olhares invertidos: reflexões sobre o diálogo Norte-sul“, Revista Íbero-Americana de Praga, S. 117-130, in: Hinrich Fink-Eitel: “Die Philosophie und die Wilden“, Praga, 1997).

Später, im Jahr 1824, erhielt Goethe von Eschweges Frau eine Ausgabe von Porträts der Miranha-, Maxurana- und Mura-Indianer von Hippolyte Taunay und Ferdinand Denis, die heute zur Sammlung der Bibliothek Gisela Hecker gehört. Wir sehen indigene Gebrauchsgegenstände, darunter eine Hängematte, wie wir sie heute noch benutzen, Musikinstrumente, Taschen und Behälter zum Sammeln von Früchten und andere Gerätschaften. Es mag überraschen, dass Goethe, der berühmte Autor des Klassikers „Faust“ aus den ersten Jahrzehnten des 18. Jahrhunderts, 1782 ein Gedicht mit dem Titel „Liebeslied eines Wilden“ schrieb, das von Daniel Martinischen übersetzt wurde und das ich hier sozusagen als ethnografisches Dokument wiedergeben möchte. Hier ist es:

„Schlange, warte, warte, Schlange
Dass nach deinen schönen Farben,
Nach der Zeichnung deiner Ringe
Meine Schwester Band und Gürtel
Mir für meine Liebste flechte.
Deine Schönheit, deine Bildung
Wird vor allen andern Schlangen
Herrlich dann gepriesen werden.“

Em lugar do segundo verso segue o comentário surpreendente do autor: “O fato de Goethe escrever sobre cobras e canibais é, digamos assim, obrigação como poeta de corte e animador das damas da casa principal. Essa também era uma das tarefas como homem de Estado, exercidas por Goethe como Ministro do Grão-Duque”.

A dimensão mineralógica

Esse tema sobre a viagem imaginária de Goethe está intimamente vinculado ao nome do mineralogista alemão Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), cuja obra já está disponível em dois volumes publicados pela Editora da Universidade de São Paulo, numa tradução de Domício de Figueiredo Murta, sob o título *Pluto Brasiliensis*. Em dois grossos volumes estão integrados seus textos sobre viagens pelo Brasil, sobre geologia, geologia econômica, minas e recursos minerais do Brasil (1979), somando mais de 500 páginas.

Wilhelm Ludwig von Eschwege era nobre. Nasceu na casa senhorial do vilarejo de Aue, sendo educado juntamente com W. Rehbein, que apresentou Eschwege, na qualidade de médico, a Goethe em Weimar. Ainda na Europa, casou-se com Sophie von Baumbach, dama da corte da grã-duquesa de Weimar, onde participava de um grupo de leitura chamado “Salão das Musas”, do qual também Goethe fazia parte. Mais tarde, Eschwege foi para Marburg, formou-se em mineração e metalurgia e seguiu (1810) para o Brasil. Foi contratado por D. João VI ao chegar ao Rio de Janeiro. Em suas viagens pelo interior de São Paulo e Minas Gerais, conheceu Vila Bela, hoje Diamantina, e também São João e São José, hoje Tiradentes. Viajou e conheceu – sempre em busca de ouro, prata, ferro, diamantes e outros minerais – núcleos urbanos como Corumbá e Cuiabá, tendo se encontrado, dentre outros, com Langsdorff. Mostrou ser também um excelente observador da sociedade colonial escravocrata brasileira, que conheceu e analisou criticamente. Cito do 2º Volume do *Pluto Brasiliensis* uma pequena passagem escrita em 1821:

Anstelle der zweiten Strophe folgt der erstaunliche Kommentar des Autors: „Dass Goethe über Schlangen und Kannibalen schreibt, ist, sagen wir, Pflicht als Hofdichter und Unterhalter der Damen des Herrscherhauses. Dies gehörte auch zu den hoheitlichen Aufgaben, die Goethe als Minister des Großherzogs wahrnahm.“

Die mineralogische Dimension

Dieses Thema von Goethes imaginärer Reise ist eng mit dem Namen des deutschen Mineralogen Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855) verbunden, dessen Werk in zwei Bänden bei der Editora da Universidade de São Paulo in einer Übersetzung von Domício de Figueiredo Murta unter dem Titel „Pluto Brasiliensis“ erschienen ist. Die Texte über seine Reisen durch Brasilien, über Geologie, Wirtschaftsgeologie, Bergwerke und Bodenschätze Brasiliens (1979) sind in zwei dicken Bänden zusammengefasst und umfassen insgesamt mehr als 500 Seiten.

Wilhelm Ludwig von Eschwege war ein Adliger. Er wurde im Herrenhaus Aue geboren und zusammen mit W. Rehbein erzogen, der Eschwege als Arzt bei Goethe in Weimar einführte. Noch in Europa heiratete er Sophie von Baumbach, eine Hofdame der Großherzogin von Weimar, die in einem Lesekreis namens „Saal der Musen“ mitwirkte, dem auch Goethe angehörte. Später ging Eschwege nach Marburg, absolvierte ein Studium in Bergbau und Metallurgie und ging (1810) nach Brasilien. Nach seiner Ankunft in Rio de Janeiro wurde er von D. João VI. angeworben. Auf seinen Reisen durch das Landesinnere von São Paulo und Minas Gerais kam er auch nach Vila Bela, heute Diamantina, sowie nach São João und São José, heute Tiradentes. Immer auf der Suche nach Gold, Silber, Eisen, Diamanten und anderen Mineralien bereiste er städtische Zentren wie Corumbá und Cuiabá, wo er unter anderem mit Langsdorff zusammentraf. Er war zudem ein ausgezeichneter Beobachter der kolonialen Sklavengesellschaft Brasiliens, die ihm bekannt war und die er kritisch analysierte. Ich zitiere aus dem 2. Band des „Pluto Brasiliensis“ eine kurze Textpassage aus dem Jahr 1821:

“Até agora, o escravo tem sido pau para toda obra: lavrador, fabricante de açúcar e de aguardente, animal de transporte, máquina de britagem e de pulverização, cozinheiro, pajem, palafrenero, sapateiro, alfaiate, correio e carregador. É o único bem do homem livre, a cujas necessidades ele provê. Sem seu auxílio, o branco poderia considerar-se pobre, mesmo que suas arcas regurgitassem de ouro. Com efeito, as terras permaneceriam incultas e a mineração desapareceria, caso não existisse o escravo que fizesse todos os serviços. É ele quem cuida da própria alimentação do senhor, que, se não fosse, teria de viver miseravelmente, ou de emigrar para outras terras, onde seu ouro tivesse alguma serventia. Os que não estão afeitos a esses assuntos perguntarão logo: por que não se alugam outras pessoas para esses serviços, como se pratica em outros países? Para responder a essa pergunta, é preciso em primeiro lugar esclarecer a essas pessoas sobre a população existente no país. Para este fim, tomo o exemplo da província de Minas Gerais, que é a mais populosa”

Eschwege apresenta ademais uma tabela com números sobre livres/escravos; brancos/mulatos/negros (cada subgrupo dividido em três subconjuntos, sempre subdivididos entre livres/escravos e entre homens/mulheres. Havia 131.047 pessoas livres brancas; 149.635 mulatos livres; e 181.882 escravos negros.

“O branco, mesmo quando pobre, não move uma palha. Também o mulato livre possui escravos. O negro forro pertence à classe dos deserdados”

Quanto à questão da escravidão no Brasil, dá sua opinião:

“Longe de mim justificar a escravidão, que considero uma instituição infame. Se porém, eu fosse brasileiro, teria dúvida em concordar com a abolição desse comércio” (*ibid.*, p.264).

„Bis auf den heutigen Tag diente der Sklave als Landbauer, als Zuckerfabrikant, als Brandtweinbrenner, als Transport-, Poch- und Reibmaschine, als Koch, Bedienter und Reitknecht, als Schuster, Schneider, Botengänger und Lastträger. Slaven sind der Reichthum des Freigebornen, alle seine Bedürfnisse werden durch Slaven befriedigt, und ohne Slaven mit einem Kasten voll Gold, würde man ihn dennoch arm nennen können, er würde weder sein Land bauen noch seine Bergwerke betreiben, noch sein Essen sich bereiten lassen können, und die Folge würde seyn, entweder als armer Mann zu leben, oder mit seinem Kasten voll Gold sich irgend anders wohin zu begeben, wo er dafür etwas haben könnte. Er ist es, der für das Essen seines Herrn sorgt, welcher andernfalls ein armseliges Leben führen oder in andere Länder auswandern müsste, wo sein Gold von Nutzen wäre. Der Unkundige wird die Frage aufwerfen, warum miethet man sich keine Leute zu diesen Verrichtungen, so wie es in andern Ländern gebräuchlich ist? Um dieser Frage gründlich entgegen zu kommen, wird es nöthig seyn, den Fragenden erstlich eine Idee von der existirenden Bevölkerung beizubringen, und ich führe hier nur die Provinz Minas Geraes, die bevölkertste, als Beispiel an.“

Eschwege legt außerdem eine Tabelle mit Zahlen zu Freien/Sklaven an, indem er eine Aufteilung in drei Gruppen vornimmt (Weiße/Mulatten/Schwarze) und diese jeweils in Freie/ Sklaven und in Männer/Frauen unterteilt. Er zählte 131.047 freie Weiße; 149.635 freie Mulatten; und 181.882 schwarze Sklaven.

„Der Weiße legt schlechterdings keine Hand an, und wenn er noch so arm ist, [er braucht es auch nicht, da er immer, und selbst mit Nichtsthun, sein Brod findet, oder einen Sklaven besitzt, der ihn ernähren muss.] Der freie Mulatte besitzt ebenfalls seine Sklaven. [...] [...] Der freie Neger gehört unstreitig zur ärmsten Klasse von allen;“

Zur Frage der Sklaverei in Brasilien äußert sich Eschwege:

„Ich bin weit entfernt, den Sklavenhandel zu billigen, und betrachte ihn eben sowohl wie andere als ein den sittlichen Menschen entehrendes Geschäft, allein dennoch würde ich in Zweifel stehen, ob ich als Brasilianer meine Zustimmung zur Abschaffung des Sklavenhandels gegeben haben würde, [...]“

Eschwege foi 11 vezes para Weimar e numa delas levou sua mulher Sophie. Fez contato com o grão-duque Karl August e lhe ofereceu diamantes brasileiros para comprar, e Goethe, em seu Diário do dia 17 de janeiro de 1822, registra, orgulhoso, ao seu patrão que teria negociado um bom preço:

“Sua Alteza Real,
Humildemente informo o resultado da negociação de
diamantes:

A pirâmide plana dupla com três lados
4 e ½ quilates Conv. G. rh . 200
três médias 15 peças de luíses
três menores, 8 peças de luíses
23 luíses.

Todas totalmente bastante cristalizadas e diferentes na forma, chegando a ser mesmo discrepantes entre si. A decisão depende da vontade de Sua Majestade. Sobre isso posso dizer apenas que os cristais de diamante adquiridos pelo prof. Weiss para o Gabinete de Berlim no leilão de Bloch estavam relativamente mais caros. Ordene Sua Excelência ver novamente os produtos, e os enviarei. Incluo, contudo, o pedido de abrir a caixinha com bastante cuidado.

Mui humildemente,
Weimar, 17 jan. 1822 J.W.v. Goethe”

A decisão de Karl August foi tomada rapidamente, já no dia 18 de janeiro, Goethe comenta em carta:

“Sua Alteza Real,

Eschwege reiste elf Mal nach Weimar, und bei einer dieser Reisen nahm er seine Frau Sophie mit. Er suchte den Kontakt zum Großherzog Karl August und bot ihm brasilianische Diamanten zum Kauf an, worauf Goethe in seinem Tagebuch vom 17. Januar 1822 gegenüber seinem Dienstherrn stolz vermerkt, dass er einen guten Preis ausgehandelt hätte:

„Ew. Königliche Hoheit,
vermelde schuldigst das Resultat des Diamanten Handels:
Die flache doppelt dreyseitige Pyramide
4 ½ Karat Conv. G. rh . 200
Drey mittlere, Louisd'or 15 St.
Drey kleinere, Louisd'or 8 St.
Louisd'or 23.

Alle durchaus deutlich krystallisirt und in der Form verschieden, auch sonst von einander abweichend. Von Höchstderselben Entschluß wird die Entscheidung abhängen. Soviel kann ich sagen daß die von Prof. Weiß für das Berliner Cabinet in der Blochischen Auction erstandene Diamant Krystalle, verhältnißmäßig theuer waren. Befehlen Sie vor dem Entschluß die Waare nochmals zu sehen so sende sie. Doch thue ich es lieber gleich, mit bitte das Kästchen behutsam zu eröffnen.

Unterthänigst,
W. d. 17. Jan. 1822. J. W. v. Goethe.“

Die Entscheidung von Karl August wurde schnell getroffen, bereits am 18. Januar. Goethe kommentiert in einem Brief:

„Ew. Königliche Hoheit:

Sobre a aquisição realmente interessante, muito estimulante e emocionante, informo que foi acordado com von Eschwege que este receberá seu pagamento junto ao diretor von Schreibers em Viena. Por isso, solicito apenas algumas poucas palavras da pena de Sua Majestade, que tão logo enviarei acompanhadas de uma carta.

Estou totalmente de acordo com o armazenamento das preciosidades *in privatissimo*, e fico infinitamente agradecido pelo armarinho de pedras preciosas confiado a mim, que proporcionará companhia e divertimento mais agradáveis da minha modesta cela. Posso esperar conseguir restaurar a ordem. O catálogo deverá ficar no próprio armarinho.

Weimar, 18 de janeiro de 1822”.

A dimensão botânica

Em suas leituras de viagens dos naturalistas do século XVIII, Goethe interessou-se especialmente por dois: o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied (1782-1867) e Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), o botânico famoso da Bavária, que publicou, depois de voltar de sua viagem ao Brasil, sua obra prima *Flora Brasiliensis*, até hoje o fundamento da botânica.

Goethe interessou-se especialmente por estes dois naturalistas porque acreditava que no mundo das plantas brasileiras certamente poderiam encontrar-se novas plantas medicinais, nas quais também seu grão-duque Karl August tinha manifestado um interesse especial.

zu der wirklich interessanten, manches an- und aufregende Aquisition Glück wünschend, vermelde, daß mit v. Eschwegen verarbeitet worden, er werde seine Zahlung bey Director v. Schreibers in Wien erheben; weshalb mir nur einige Worte von Höchstdenselben ausbitte, welche mit einem Briefe begleitet sogleich absenden werde.

Wegen der Aufbewahrung der Kostbarkeiten in privatissimo bin vollkommen einverstanden und danke verpflichtet für das anzuvertrauende Juwelen-Schränkchen, daß in meiner klösterlichen Zelle mir die angenehmste Gesellschaft und Unterhaltung seyn wird; ich darf hoffen, die Ordnung wiederherzustellen. Der Catalog wird wohl in dem Schränkchen selbst liegen.

Weimar den 18. Januar 1822.

Die botanische Dimension

Bei der Lektüre der Reiseberichte des achtzehnten Jahrhunderts interessierten Goethe vor allem zwei Naturforscher: Prinz Maximilian von Wied-Neuwied (1782-1867) und Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), der berühmte bayerische Botaniker, der nach der Rückkehr von seiner Reise nach Brasilien sein Hauptwerk *Flora Brasiliensis* veröffentlichte, das bis heute die Grundlage der Botanik bildet.

Goethe interessierte sich besonders für diese beiden Naturforscher, weil er glaubte, dass in der brasilianischen Pflanzenwelt durchaus neue Heilpflanzen zu finden seien, an denen auch sein Großherzog Karl August ein besonderes Interesse gezeigt hatte.

A conexão pessoalmente mais profunda e profícua de Goethe com os “brasilianistas” foi a que teve com Carl Friedrich Philipp von Martius. Inclusive resenhou a obra de Martius sobre as palmeiras nos seus cadernos de morfologia. Com todo seu conhecimento técnico, contudo, Goethe resenhou a obra apenas a partir do aspecto artístico e estético, como ele mesmo afirma. A percepção estética de Goethe é especialmente tocada pelas palmeiras de von Martius. A beleza das composições é inebriante. Se as compararmos com fotos de hoje, somos tentados a exigir tais obras de arte em livros atuais, em vez de simples fotos claras. Goethe sempre tinha à mão a obra de Martius, contemplava-a e lia. Poucas outras obras ele mencionou com tanta frequência quanto o relato de viagem de von Martius. A resenha de Goethe sobre *Genera et species palmarum* de C. F. Martius, reproduzida mais adiante, sublinha a importância que essa obra e seu autor merecem.

O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied relata sua *Viagem ao Brasil (Reise nach Brasilien)* nos anos de 1815 a 1817, portanto dois anos antes da vinda dos dois bávaros, Spix e Martius, que acompanharam o traslado da Princesa Leopoldina de Viena ao Rio. Temos, graças a ele, uma das primeiras descrições da cidade do Rio de Janeiro e seus arredores por um viajante alemão (da alta nobreza), deslumbrado com a Mata Atlântica brasileira e seu entorno. Seu relato detalhado e fascinante foi traduzido para o português somente em 1938, pouco antes do início da segunda Guerra Mundial. Já em suas primeiras páginas, Maximiliano, como assina em seus primeiros livros, descreve a vegetação rica e abundante da nova capital, inaugurada com o traslado da família real de Lisboa para o Rio de Janeiro (1808).

Goethes persönlich tiefste und fruchtbarste Verbindung zu den „Brasilianisten“ war die zu Carl Friedrich Philipp von Martius. Er überprüfte sogar Martius' Arbeit über Palmen in seinen Morphologie-Notizbüchern. Bei allem technischen Wissen hat Goethe das Werk jedoch nur unter künstlerisch-ästhetischen Gesichtspunkten begutachtet, wie er selbst behauptet. Goethes ästhetisches Empfinden wird besonders von den Palmen von Martius berührt. Die Schönheit der Kompositionen ist berauschend. Vergleicht man sie mit Fotografien von heute, ist man versucht, in aktuellen Büchern eher solche Kunstwerke statt klarer Fotografien zu verlangen. Goethe hatte das Werk von Martius immer griffbereit, betrachtete und las es. Wenige andere Werke erwähnte er so oft wie den Reisebericht von Martius. Goethes Besprechung von *Genera et spec. Palmarum* von C. F. Martius, die später wiedergegeben wird, unterstreicht die Bedeutung, die dieses Werk und sein Autor verdienen.

Prinz Maximilian von Wied-Neuwied berichtet von seiner *Reise nach Brasilien* von 1815 bis 1817, also zwei Jahre vor der Ankunft der beiden Bayern Spix und Martius, die Prinzessin Leopoldina von Wien auf ihrer Reise nach Rio begleiteten. Ihm verdanken wir eine der ersten Beschreibungen der Stadt Rio de Janeiro und ihrer Umgebung durch einen deutschen Reisenden (übrigens von hohem Adel), der von dem Atlantischen Regenwald Brasiliens und seiner Umgebung überwältigt war. Sein detaillierter und faszinierender Bericht wurde erst 1938, kurz vor Ausbruch des Zweiten Weltkriegs, ins Portugiesische übersetzt. Gleich auf den ersten Seiten beschreibt Maximiliano, wie er seine ersten Bücher signiert, die reiche und üppige Vegetation der neuen Hauptstadt, die mit der Übersiedlung der königlichen Familie von Lissabon nach Rio de Janeiro (1808) eingeweiht wurde.

“O europeu, transplantado pela primeira vez para esse país equatorial, sente-se arrebatado pelas belezas das produções naturais e sobretudo pela abundância e riqueza da vegetação. As mais belas árvores crescem em todos os jardins; veem-se aí mangueiras colossais (*mangifera indica*) que dão uma sombra densa e excelente fruto, os coqueiros de estirpe alto e esguio, as bananeiras (*musa*) em cerradas touceiras, o mamoeiro (*carica*), a eriythrina (*palmeira anã*), sem falar das flores em vermelho coral”. Depois descreve borboletas, colibris e pássaros para, páginas adiante, anotar árvores frutíferas e seus produtos: mangas, laranjas, figos, uvas e goiabas (*pyriferum psidium*), abacaxis (*bromélia ananás*), jacas (*artocarpus integrifolia*), amêndoas (*cytis olaria*) e assim por diante.

O conhecimento botânico profundo latinizado dos dois botânicos aqui citados e deslumbrados talvez explicam que Maximilian Wied-Neuwied e Carl Friedrich von Martius estavam entre aqueles botânicos que resolveram dar, em vida, a Goethe o nome de uma flor de uma espécie que existe no Brasil em 1000 variantes: “*Goethea cauliflora*”², como Schneider lembrou em sua dedicatória para Sergio Rouanet e para mim em sua versão alemã do livro.

Rio de Janeiro, 20/10/2022.

2 “*Goethea cauliflora*” Origem Brasil – cresce como um pequeno arbusto no bosque e nas florestas tropicais no Brasil. A floração é peculiar porque as flores parecem brotar do caule (*cauliflora*). Na verdade, as flores se manifestam em caules curtos, semelhantes às flores da cerejeira ou macieira na árvore frutífera. As quatro brácteas vermelhas e brancas são as primeiras a serem vistas. A planta, que foi identificada pelo botânico alemão Nees von Eysenbeck e dedicada ao escritor Goethe, foi coletada entre 1815 e 1817 em uma viagem à América do Sul financiada pelo príncipe Maximilian Wied-Neuwied, da qual participou o viajante bávaro von Martius.

Der Europäer, der zum ersten Mal in dieses Land in der Äquatorregion verbracht wurde, füllt sich durch die Schönheit der Naturvorkommnisse, vor Allem durch die üppige und reichhaltige Vegetation überwältigt. In jedem Garten wachsen die schönsten Bäume; es gibt kolossale Mangobäume (*Mangifera indica*), die für dichten Schatten und ausgezeichnete Früchte sorgen; hohe, schlanke Kokospalmen, Bananenstauden (*Musa*) in dichten Büscheln, Papayabäume (*Carica*), *Erythrina* (Zwergpalme), nicht zu vergessen das Korallenrot der Blumen zu erwähnen. Dann beschreibt er Schmetterlinge und Kolibris, Vögel, Schmetterlinge, um dann seitenweise Obstbäume und ihre Früchte zu benennen: Mangos, Orangen, Feigen, Trauben und Guaven (*Psidium pyrifera*), Ananas (*bromélia ananás*), Jackfruit (*Artocarpus integrifolia*), Mandeln (*Cytis olaria*) und so weiter!

Das umfassende botanische Wissen der beiden hier zitierten und begeisterten Botaniker erklärt vielleicht, dass Maximilian Wied-Neuwied und von Carl Friedrich von Martius sich entschlossen, Goethe (zu Lebzeiten) den Namen einer Blume einer Art zu geben, die in Brasilien in 1000 Varianten existiert: "Goethea cauliflora",² wie Schneider in seiner Widmung an Sergio Rouanet und an mich in seiner deutschen Fassung des Buches erinnert.

Rio de Janeiro, 20.10.2022.

2 "Goethea cauliflora", Heimat: Brasilien - wächst als kleiner Baum oder Strauch im Unterwuchs tropischer Regenwälder Brasiliens. Eigenartig ist die Stammblütigkeit (Cauliflorie), d.h. die Blüten scheinen dem Stamm zu entspringen. Tatsächlich sitzen die Blüten aber an Kurztrieben, ähnlich wie die Kirsch- oder Apfelblüten am Fruchtholz sitzen. Als erstes sichtbar sind die 4 leuchtend rot-weiß gefärbten Hochblätter. Die Pflanze ist vom deutschen Botaniker Nees von Esenbeck nach J. W. v. Goethe benannt worden. Gesammelt wurde die Pflanze zwischen 1815 und 1817 auf einer Südamerikareise des Prinzen von Neuwied, an der der bedeutende Südamerikaforscher Martius teilnahm.



Johann Wolfgang von Goethe, retratado por Joseph Karl Stieler, em 1828. Imagem sob domínio público. Wikimedia Commons.

Johann Wolfgang von Goethe, porträtiert von Joseph Karl Stieler, in 1828. Als gemeinfrei gekennzeichnet. Wikimedia Commons.



A planta de Goethe. Com a gentil autorização do Jardim Botânico da Universidade Albert-Ludwig em Freiburg.

Die Goethepflanze. Mit freundlicher Genehmigung des Botanischen Gartens der Albert-Ludwig-Universität Freiburg.



Goethea cauliflora. Amostra recolhida por Carl Friedrich Phillipp von Martius. Com a gentil autorização do Acervo Botânico Estadual em Munique.

Goethea cauliflora. Muster von Carl Friedrich Phillipp von Martius gesammelt. Mit freundlicher Genehmigung der Botanischen Staatssammlung München (SNDB-BSM).

Copyright © desta edição: Fundação Alexandre de Gusmão
Copyright © dieser Ausgabe: Alexandre de Gusmão-Stiftung



FUNDAÇÃO
ALEXANDRE
DE GUSMÃO

Impresso em Brasília
pela Fundação Alexandre de Gusmão - FUNAG

600 exemplares
Exemplar n°. /600

Gedruckt in Brasilia
Fundação Alexandre de Gusmão

600 Exemplare
Exemplar Nr. /600

Impressão: Gráfica e Editora Qualytá Ltda.
Papel da capa: cartão duplex 250g/m²
Papel do miolo: pólen similar 90g/m²

